

# O soldado

*De Josué Semeone*



Todos os direitos reservados



Série Fé Cristã

Josué Semeone

# O soldado

1ª edição



São Bernardo do Campo

**GARCIA edizioni**

2013

O SOLDADO – Josué Semeone

© 2013 Josué Semeone  
Todos os direitos reservados

ISBN 978-88-65490-xx-x

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

---

Semeone, Josué

O soldado. / Josué Semeone. -- 1 ed. – São Bernardo do Campo, SP : Garcia Edizioni, 2013. – (Série Fé Cristã)

ISBN 978-85-65490-xx-x

1.Literatura Brasileira. I. Título. II Série

CDD – B869

---

Revisado por: Milena Cristina Leite de Godoy

Design Gráfico: GARCIA edizioni – SBC/SP

Capa: © Mariasats | Dreamstime.com

Impressão: GARCIA edizioni

GARCIA edizioni

Rua Doutor Vital Brasil 727 – 09664–000

Vila Santa Luzia – São Bernardo do Campo – SP

E-mail: info@garciaedizioni.com.br

Site: www.garciaedizioni.com.br

# SUMÁRIO

Introdução.....	7
1 O início da aventura.....	11
2 Terra dos gigantes.....	21
3 Desfiladeiro desventura.....	30
4 De volta ao caminho.....	45
5 Terra dos anões.....	54
6 O castelo dos segredos de Deus.....	62
7 Perigos ocultos.....	82
8 Campo de batalha.....	94
9 O castelo do falso cristianismo.....	103
10 A fenda na rocha e a terra da injustiça.....	115
11 Terra da idolatria.....	121
12 O vale da sombra da morte.....	130
13 Terra da frieza espiritual.....	144
14 Terra da reconciliação.....	156
15 O lago.....	163



## INTRODUÇÃO

Era tarde, altas horas da madrugada. Há algum tempo, todas as noites seu sono era interrompido. Na verdade, seu tormento começara desde que conheceu a grande perda que todos um dia sofrem. Sua avó, uma senhora já de idade avançada, havia passado desta para a outra vida. Até então, nunca conhecera a morte de perto, apenas tinha ouvido falar. Já não era uma história, um conto, ou algo que parecia não ser real. Estava confuso.

Seu nome pelo qual o haviam ironicamente apelidado era Valente. Seu nome de nascença era Alguém. Passaram a chamá-lo pelo apelido de Valente porque sempre contradizia os costumes do lugar onde morava. Tinha recebido uma coleção de apelidos irônicos, mas Valente havia lhe caído bem.

Sua cidade, o lugar onde morava, para todos parecia um lugar comum. Para todos, menos para ele. Passou a estranhar a engenharia do lugar desde cedo, por intermédio das histórias contadas pela avó. A princípio pareciam mais contos de histórias de terror, daquelas que costumam assustar e amedrontar. Mas, após a perda da sua querida tutora, suas advertências ganhavam mais vazão, dia após dia.

O nome da cidade era Desfrute. Após uma visita na livraria municipal da cidade, em um livro que conta a história da mesma, acabou descobrindo que nem sempre esse fora seu verdadeiro nome. Na verdade este já era seu terceiro. O primeiro era Fruto-Proibido. Segundo consta, parecia se tratar de uma época onde ainda ninguém conhecia o lugar. Logo que foi desbravado, recebeu seu posterior nome: Caminho-Largo. Porém, esse nome também não fora muito aceito, porque havia uma antiga lenda que amedrontava alguns moradores. Dizia a lenda, que uma cidade com o mesmo nome brevemente iria ser alvo de um tormento muito grande. Nem todos acreditavam, o que todos em comum supunham, era não se tratar da mesma cidade. Como o nome sempre era motivo de discussões, os políticos resolveram mudar o mesmo.

Quanto mais estudava a história da cidade mais ficava pasmo! Estava descobrindo que as advertências de sua avó, outrora tão hilárias, faziam sentido. Lembrava-se nitidamente que quando criança, havia lhe conta-

do a história do Caminho-Largo. Lembrava-se também quanto a um caminho que aconselhava a seguir, apelidado de Estreito. Como nem sempre dava crédito ao que sua avó dizia, deixou de aprender muitas coisas e se penalizava por isso. Lá estava agora, só, perdido e abraçado com suas interrogações!

Apesar de ser bem docente, o que fazia Valente não dar crédito aos ditos da avó, era a sua má fama na cidade. Era chamada por muitos de louca. As vizinhas a ignoravam, pois diziam se tratar de uma pessoa vil e de má índole. Foi até acusada pelos políticos de perturbar a ordem pública e transgredir as leis civis. Várias vezes, quase foi presa.

Tudo começou quando procurou o cartório pela primeira vez querendo mudar seu nome, pois detestava o próprio nome, a então Sra. Sem-Rumo. Mas os oficiais do cartório a ridicularizaram, não aceitaram seu pedido, pois era contrário às leis da cidade. Porém insistia sempre, e quanto mais vezes voltava ao cartório mais era ridicularizada. Sua constante visita ao cartório passou a ser notória em toda a cidade. Todos passaram a fazer da pobre senhora motivo de piada.

Até que uma notícia abalou toda a cidade. A pobre velhinha havia conseguido mudar seu nome. Ninguém sabia explicar como, pois o próprio cartório a ridicularizava. Logo souberam que ela havia conseguido o feito em outra legislação. Um grau de parentesco de sangue antigo lhe assegurava a nacionalidade de cidadã dos céus, e foi nesta legislação que o juiz lhe autorizou a mudança do nome para Sra. Redimida.

Desde então, a Sra. Redimida passou a ser notícia na cidade. Por várias vezes foi conduzida ao juizado para prestar explicações. Por diversas vezes foi-lhe requerida que anulasse sua nova certidão. Como era perspicaz naquilo que desejava e nunca agia segundo a opinião dos outros, não houve quem conseguisse fazê-la mudar de ideia. Como as autoridades nada conseguiam fazer quanto ao caso, apenas passaram a hostilizá-la, tratando-a como louca e demente, por acreditar que já não estava em seu são juízo devido à idade.

Valente agora se sentia envergonhado, além de triste. Muitas vezes deixava de defender as ideias da avó com medo de ser ridicularizado também, apesar de nem em tudo consentir com os outros.

Sua tristeza, porém, estava lhe fazendo bem! O estava levando a considerar as advertências outrora desprezadas. Além disso, estava disposto a se aventurar no caminho estreito da qual sua avó sempre dizia.

Estava atrás de respostas, mas não as tinha, pois não sabia onde obtê-las. Sua avó já não estava presente para orientá-lo. Seus pais moravam distantes e sabia também que não eram as pessoas certas a dar as respostas. Sabia também que dentro da cidade ninguém era apto a instruí-lo no que almejava.

Só via uma opção, deixar a cidade. Ótima opção seria esta se não fosse um detalhe, nunca havia saído da mesma. Não fazia ideia de como sair. Era uma cidade grande e muito povoada, mas não era permitido aos cidadãos deixarem seus limites. Além do mais, era de muros altíssimos e os portões sempre bem vigiados, exatamente para que ninguém saísse.

Porém, estava determinado. Ainda de madrugada saiu à procura de uma solução. Estava determinado a buscar respostas fora da cidade. Rodeou toda a extensão da mesma beirando seus muros na esperança de achar uma brecha onde pudesse passar, mas nada encontrou. Eram muros altíssimos, não dava para pular. Pareciam ser altos propositalmente caso alguém tentasse fugir! Já não sabia o que fazer.

Repentinamente, enquanto descansava, lembrou-se de algo que ouvira de sua avó! Referia-se a uma árvore da vida. Certa vez ouviu-a dizendo que esta árvore dava acesso ao campo lá fora. Foi procurar a tal árvore.

Um pouco de caminhada e logo à frente avistou uma bela árvore. Aproximando-se constatou se tratar da árvore de que havia ouvido. Uma placa não muito grande expunha gravado o seu nome.

Como a árvore poderia ajudar? Observou a árvore por algum momento, quando avistou que um de seus galhos se lançava sobre o muro.

Subiu na árvore seguindo o galho. Sem demorar, atravessou sobre o muro. O galho o conduziu com segurança até ao chão do outro lado. O dia já estava amanhecendo.

Abismado, percebeu que o galho o conduziu ao pé de um caminho, um caminho que por sinal era estreito, muito estreito!

– Só pode ser este o caminho! – alegra-se Valente. Não sabia muito sobre o que teria pela frente, mas sabia que aquele seria o caminho que teria que seguir, isto bastava, pelo menos por enquanto.

Assim iniciou sua aventura.



# 1

## O INÍCIO DA AVENTURA

À sua frente, uma longa jornada o aguardava. Para trás ficava tudo aquilo que se opunha. Tinha a promessa de um destino glorioso, mas não sabia ao certo o que encontraria pelo caminho. Sabia que muitos que um dia ousavam a se aventurar, acabavam voltando e o motivo era sempre o mesmo, as dificuldades encontradas ao longo do percurso.

Embora preocupasse as dificuldades que encontraria, não fazia sentido não se arriscar. Sua antiga cidade ironizava a fama do caminho estreito. Teria que se arriscar para ver se valia à pena.

Guardava algumas desconfianças. Poderia ser mentira tudo aquilo que ouvira! Poderia ser real! Para descobrir teria que se aventurar. Logo descobriria que sua intuição não estava errada.

### TERRA DAS BOAS NOVAS

Ainda não havia caminhado muito, quando avistou uma placa dizendo “Terra das boas novas”. Vislumbrou uma campina linda. Ficou encantado. Parecia nunca ter visto uma campina tão linda. Na verdade nunca havia mesmo, sua vida toda se passara na cidade Desfrute, uma cidade de muitos atrativos, mas de pouca área verde.

A estrada atravessava uma fazenda de muitas árvores frutíferas. Estava tão faminto que nem perdeu tempo, atacou as frutas.

– Olá bom rapaz! Fique à vontade, pode comer quantas frutas quiser!  
– ouviu alguém dizer.

– Quem é o senhor? – pergunta Valente.

– Sou o Sr Novidade-De-Vida, meu jovem! Sou o proprietário dessas terras todas.

– É uma linda terra.

– Sim! Realmente me orgulho dessas terras. Nem todos a conhecem, e olha que não são pequenas! O que o trás aqui?

– Fui instruído de que este seria o único caminho certo a se seguir nesta vida. Ainda estou um tanto confuso, não sei muito sobre este caminho, nem onde ele leva!

– Oh sim, entendo! Resolveu se aventurar! Muitos aventureiros passam por minha propriedade sem instrução. Mas se alegre, tenho coisas boas para falar sobre sua jornada.

– Conte-me sim! Estou ansioso para saber! Fale-me tudo que puder!

Enquanto trocavam palavras, seguiam rumo à casa do Sr Novidade-De-Vida.

Chegando à casa da fazenda, onde morava, foi recepcionado pela Sra. Regozijo. Também lhe expôs uma mesa farta.

Enquanto deliciavam as guloseimas da Sra. Regozijo, trocavam uma agradável prosa. Valente mais ouvia que falava, estava ansioso para aprender sobre muitas coisas que ainda não entendia.

– O caminho que segue conduz a um lindo castelo – dizia Sr. Novidade-De-Vida.

– Que castelo?

– Um castelo onde habita um rei muito forte e poderoso. É também conhecido como Rei dos reis e Senhor dos Senhores (Ap 19.16).

– E que Rei seria este?

– Seu nome é Jesus.

– Ah, sim! Já ouvi falar. Minha querida avó sempre dizia a seu respeito. Também dizia que este seria o homem que eu deveria procurar. Onde posso encontrá-lo?

– Siga este caminho, sem te desviar nem para a esquerda e nem para a direita (Is 30.21). No fim do caminho O encontrará. Também encontrará vida lá, como em nenhum outro lugar há.

– Verdade?

– Sim! Tudo o que sua querida avó lhe falava é verdade. Estas palavras são fiéis e verdadeiras (Ap 21.5) de que ouvistes. Veja este documento que tenho em mãos escrito pelo próprio Rei:

“E Deus limpará dos teus olhos toda a lágrima, não haverá mais morte, nem pranto

Nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas “(Ap 21.4).

- Um lugar onde não existe dor, nem lágrimas!
- Sim! Parece difícil de acreditar, mas é verdade. Porém, tome cuidado em sua jornada! Muitos dizem conhecer atalhos para este lugar, muitos até o irão persuadir a deixar o caminho.
- Mas não vou deixar o caminho! Já fiz a escolha de seguir em frente.
- Amigo aventureiro... Admiro sua bravura, mas é preciso mais que bravura para chegar até o fim. Muitos perigos rodeiam o caminho. A direção também a qual irá seguir é subida, deve tomar cuidado de não se desanimar quando estiver cansado. Muitos desistem por causa do cansaço. O grande Rei derrotou grandes inimigos para que pudesse construir este caminho, porém, não tolera covardes e medrosos. Já ouviu falar do tal príncipe deste mundo?
- Não me recordo.
- Realmente esse príncipe não gosta muito de expor sua identidade. Todavia por ser o príncipe deste mundo a todos tinha por escravo, pois é muito mau e sem compaixão alguma. O grande e bondoso Rei o derrotou numa terrível batalha num lugar chamado Calvário. Desde então registrou esse caminho como sua possessão, para que muitos corajosos possam se aventurar por ele rumo ao Seu castelo. Mas este não foi o seu pior inimigo!
- Qual foi então?
- Esse inimigo, na verdade, nunca teve poder nenhum sobre Ele. Todavia tinha poder sobre todos os que habitavam nas regiões sombrias deste mundo, ou seja, todo o lugar. Quanto ao seu pior inimigo, seu nome é Morte. Já ouviu falar?
- Sim, já ouvi muito. Todos que conheço sentem pavor só de ouvir falar neste nome.
- É também conhecida como caçadora das almas perdidas. Quando captura uma pobre alma, pobre coitada! É arrastada para um terrível buraco escuro e lá é lançada, de onde nunca mais irá sair.
- Nossa! Mas nem mesmo o Grande Rei pode libertar aqueles que foram lançados nesse buraco?
- O grande Rei pode livrar os que desejam se livrar de um dia serem lançados ali, para isto abriu este caminho. Todos os que quiserem podem seguir este caminho com segurança e nunca serão rejeitados. Mas seu

Pai não lhe permiti tirar os que forem lançados lá, pois só vão para lá os que rejeitam o convite de seu Filho. E pelo que sei, há uma grande placa na cidade de onde você veio dizendo: “Buscai ao Senhor enquanto se pode achar” (Is 55.6).

– É verdade, tem sim! Está bem legível em tábuas para que possam ler os que passam correndo (Hc 2.2).

– Você está aqui porque escolheu seguir este caminho, assim como qualquer um pode tomar a mesma decisão, mas é preciso tomá-la. Seja apenas cuidadoso, muitos perigos se ocultam ao redor do caminho.

A prosa seguiu durante o dia todo e já ia avançando a noite afora. Vendo o cansaço do jovem, o Sr Novidade-De-Vida o conduziu a seu quarto onde passaria a noite, mas advertiu que acordasse cedo, pois deveria seguir caminho bem cedinho.

## PRIMEIROS PERIGOS

Após uma bela noite de descanso, se despediu daquela família tão amorosa e acolhedora. Consigo levou também uma sacola de deliciosos frutos colhidos pela Sra. Regozijo, que insistia para que não seguisse viagem de mãos vazias. Então foi.

Caminhando meditava sobre as coisas que ouvira, sentia-se feliz, crente de que estava seguindo a direção certa.

Por onde passava admirava a paisagem das belas campinas daquele aprazível lugar. Pensava consigo: “Se já aqui no começo é tudo tão belo, como será o lugar pra onde vou?”

Não muito adiante avistou um cavalheiro assentado numa cerca de madeira. Estava muito bem trajado, parecia uma boa pessoa.

– Olá amigo! Para onde está indo? – o cavalheiro pergunta.

– Estou seguindo rumo ao castelo do Rei que se chama Jesus. Lá se-rei recebido pela Vossa Alteza que me permitirá morar num lugar maravilhoso, conhecido também como lugar de vida. Outros chamam esse lugar também de Canaã-Celeste. Mas e você, quem é e o que faz aqui sentado?

– Me chamo Dúvida. Moro num vilarejo não muito distante daqui. Tenho algumas propriedades e lucro com elas, pois sou do ramo de hotelaria.

– Que interessante!

– Mas quanto à sua aventura, está seguro quanto ao destino que almeja?

– Estou sim! Por que pergunta?

– É que já conheci muitos como você, aventureiros! A maioria, vi passar por mim e voltar.

– Verdade?

– Sim! Por que mentiria? É verdade que alguns nunca mais vi, mas a maioria volta. Alguns não demoram muito e logo estão de volta. Outros até demoram, mas quando voltam parecem trazer consigo um pesar muito grande, alegam ter desperdiçado seu tempo em algo vil e não real. Sei disto porque minhas pousadas ficam um pouco à frente junto ao caminho. Os aventureiros cansados sempre acabam se hospedando em minhas propriedades.

– Mas como pode ser isto verdade se recebi seguras instruções de que esta é a única direção segura a se seguir?

– Não estou inventando nada! Vejo que você é apenas um iniciante. Logo constatará com seus próprios olhos muitos retornando.

Coincidentemente, no mesmo momento, passava um que seguia direção contrária. Valente, vendo-o voltar, ficou um pouco receoso, esperou se aproximar e puxou conversa:

– Olá! O que faz voltando? – pergunta Valente.

O homem não parecia de muita conversa, ou pelo menos não tinha cara de bons amigos. Apenas resmungou:

– Estou cansado! Não aguento mais...

Seguiu sentido contrário sem mais dizer palavra alguma.

– Ainda vai encontrar muitos assim! – sussurrou o Sr Dúvida.

– Ainda assim estou convicto de que tudo é verdade!

– Oh sim! Não precisa desistir de suas convicções. Mas apenas seja prudente para não acabar desperdiçando tempo à toa. Deve se informar mais, por estas redondezas há vários lugares prazerosos de se viver.

– Bem senhor, a conversa está agradável, mas preciso continuar minha jornada. Agradeço sua preocupação, mas tudo vai ficar bem.

– Ah sim! Um pouco mais adiante irá encontrar minhas pensões. Se ficar cansado pode descansar lá.

– Fico agradecido! Se estiver cansado posso pensar em descansar nas suas propriedades. Até mais!

– Até mais!

Seguiu convicto quanto ao que cria, mas seu semblante agora parecia ostentar uma sombra de preocupação. Nada que o impedisse de seguir, mas estava receoso. O homem havia conseguido colocar uma interrogação na sua mente.

## MÁS COMPANHIAS

Passaram-se algumas horas de caminhada sem que encontrasse alguém. Ainda atravessava pelas belas campinas. A beleza do lugar parecia compensar o cansaço que as pernas sentiam.

Pouco mais adiante, avista alguém deitado debaixo de uma árvore. Parecia tirar uma soneca, mas desperta ao ouvir passos estranhos.

– É um aventureiro? – pergunta o desconhecido.

– Sou sim! Chamo-me Valente. E você?

– Meu nome é Pouca-Fé. Podemos seguir juntos?

– Oh sim! Seria muito bom.

Enquanto se conheciam outro desconhecido surge. Logo Pouca-Fé o apresenta a Valente. Era parente seu.

– Este aqui é Desconfiança, primo meu.

– Prazer! – diz Valente.

Assim seguiram os três. Conversavam sobre vários assuntos. Agora Valente tinha alguém para conversar, embora a caminhada estivesse se tornado um pouco mais lenta, pois seus novos companheiros eram bastante brincalhões e distraídos. Também não podiam ver uma sombrinha que não resistiam, lá estavam debaixo da árvore, até parecia que haviam nascido para dormir, de tão preguiçosos que eram. Como lhes fazia companhia, Valente tinha que acompanhar seu ritmo.

Logo chegam num vilarejo. Conforme vão adentrando percebem se tratar de um lugar atrativo. Localizava-se junto ao caminho.

– Vamos achar um lugar para passar a noite. – Pouca-Fé diz.

– Vamos sim. – fala Desconfiança.

– Não sei se seria uma boa ideia! – Valente argumenta. – Não conhecemos os habitantes deste lugar, podem ser maus.

– Que nada! – Desconfiança diz.

Um morador passava por perto, Pouca-Fé então lhe pergunta:

– Sabe de um lugar onde podemos ficar?

– Por aqui só irá encontrar as pousadas do Sr. Dúvida. Ficam bem adiante. Daqui já podem vê-las!

Realmente já dava para vê-las. Era um conjunto de três prédios. Não pareciam luxuosos, mas dava pra passar a noite.

Ao chegarem, viram que cada um tinha seu nome. O primeiro a placa dizia: Falta-De-Prosperidade, o segundo Falta-De-Respostas e o último Dificuldades. Hospedaram-se no primeiro.

Estavam ofegantes de tanto cansaço. Sem perder tempo foram dormir. Assim passaram a noite.

No dia seguinte de manhã, já estava na hora de seguir viagem, mas Valente continuou dormindo. Parecia bastante cansado. As horas foram avançando e quando despertou, se deu conta de que já era quase meio dia.

Despertou meio tonto e preocupado, sabia que já devia estar na estrada. Tratou de se arrumar correndo, mas quando ia deixando seu quarto é abordado por novos amigos:

– Olá! Parece estar com pressa.

– Estou sim! É que acabei dormindo demais e perdi a hora.

– Mas não precisa de tanta pressa! Também somos aventureiros. Estamos passando um tempo aqui porque parece um lugar bem cômodo. Meu nome é Homem-Que-Não-Ora e esse é meu amigo Sem-Unção.

– Prazer em conhecê-los. Chamo-me Valente. Mas não deveriam estar caminhando rumo à cidade Canã Celeste?

– Só estamos descansando um tempo aqui, mas logo vamos seguir! – argumenta Sem-Unção. – É que passamos por tantas dificuldades e precisamos de descanso!

– Que dificuldades? Conte-me!

– Fomos atacados por um gigante. – argumenta Homem-Que-Não-O-ra. – Um gigante muito forte que nos impediu de seguir viagem.

– Que gigante?

– Seu nome é Falta-De-Perseverança. Mora bem à frente numa cabana onde a subida se faz bem íngreme. Muitos passam por lá despercebidos de tão afadigados, é quando são surpreendidos pelo mesmo. Foi o que ocorreu conosco.

– Mas também há outros gigantes por aqui! – Sem-Unção diz.

– Mais?

– Sim! Esta cidade é justamente povoada por muitos aventureiros, porque acabam sendo feridos ou desencorajados por vários destes grandalhões.

– Não vão seguir viagem?

– Oh sim! Esperamos apenas a oportunidade certa.

Entretido com o bate-papo com os novos amigos, acaba se esquecendo de que já estava ficando tarde e que devia seguir. Fez mais amizades, o que logo o fez acabar se familiarizando com o lugar.

Veio a hora do almoço, do café da tarde, do jantar, e lá estavam pro-seando!

A noite não demora muito a surgir, então resolve passar mais uma noite ali. Passou as cinco noites seguintes também. Completou um mês inteiro e já não falava tanto em continuar a jornada.

## O LAGO

Os novos amigos e a comodidade do local estavam fazendo-o criar afinidade com o lugar. Eram tantas histórias que ouvia de seus amigos que eram mais velhos de aventura, que se despreocupou quanto ao lugar.

Porém, algo aconteceria naquele último dia que passaria ali! Sem saber o que estava acontecendo, percebeu que seus pés estavam molhados.

Também parecia estar num lugar escuro, logo se deu conta de se tratar de um lago. Assustado julgava estar tendo algum tipo de alucinação, porque se lembrava ter entrado há pouco em seu quarto para descansar.

Até aquele momento as águas estavam paradas, como um espelho, um imenso espelho. Não demora muito e senti as águas se moverem. Apavorou-se! Não sabia o que estava acontecendo.

De repente foi tragado para baixo. Abruptamente se viu violentado por algo que não sabia o que era. Começou a perder o fôlego. Não conseguia reagir diante daquilo que o afrontava. Não sabia o que era e nem se conseguiria fugir.

Num lance de sorte consegue escapar. Tenta vir à tona, mas que ironia, não conseguia sair do lago, uma placa de vidro ou gelo, ou algo parecido não o deixava voltar à superfície. Estava preso dentro do lago, ele e aquilo que o queria tragar.

Sentiu que não conseguiria escapar. Sua vida se aproximava da morte, estava se afogando.

Quando olhou para cima e viu alguém com um cajado nas mãos, dizendo:

– “Dá-me filho meu o teu coração, e os teus olhos observem os meus caminhos” ( Pv 23.26).

Foi quando acordou, e viu que era um sonho.

Que alívio sentiu quando percebeu se tratar de um sonho! Parecia muito real. O coração batia acelerado de tão assustado. Ficou um pouco assentado sobre a cama até se recuperar.

Logo volta a dormir. Apenas deitou na cama, não conseguia pegar no sono. Estava assustado.

Quando conseguiu render-se ao sono vencido pelo cansaço, ouviu uma voz dizer:

– “O que faz aqui?” (1 Rs 19.9).

Levantou assustado perguntando quem estava ali. Não obteve resposta. Perguntou de novo, sem êxito. Logo ouviu novamente a voz:

– “Levantai-vos e andai porque não será aqui o vosso descanso” (Mq 2.10).

Assustado, se levanta e acende a luz para ver quem falava, mas não viu ninguém. Decidiu então não ficar nem mais um minuto ali. Tratou

de sair correndo. Estava assustado e apavorado, mas uma coisa havia entendido, que a voz que ouvira não estava contente com ele naquele lugar. Tratou de sair sem demora, nem mesmo despediu dos amigos. Apressadamente retomou sua jornada, e seguiu.

## TERRA DOS GIGANTES

Começava mais um dia. Enquanto a natureza expunha sua exuberância sem reservas, Valente se penalizava. Havia vacilado e desperdiçado um tempo precioso. Assim como o sol traz as suas novidades cada dia, a vida de um aventureiro deve ser de descobertas. Não deve vacilar nem desperdiçar seu tempo!

A vida da maioria não é assim! Acordam, se levantam, comem, trabalham, voltam pra casa, e dormem novamente. E no dia seguinte será a mesma coisa. E nos que virão também. Por um momento Valente havia se acomodado novamente a esta vida medíocre. Isto o envergonhava!

De tão disposto a corrigir seu desleixe que estava, apressou seus passos. Se não fosse pela vontade de chegar à Canaã Celeste, pelo menos seria pelo temor que a sutil voz lhe causara.

### ÂNIMO E ESPERANÇA

Sua volúvel disposição, porém, levou-o ao chão! De tão apressado que andava não enxergou uma pedra no caminho. Porém, caído no chão avistou uma placa dizendo: “Cuidado! Terra dos gigantes”. Levantou-se e resolveu ser mais precavido. De que adiantaria correr se gigantes se ocultavam à frente?

Na verdade estava temeroso, receoso de seguir em frente por causa dos gigantes. Sabia que tinha de prosseguir sua jornada. Quando percebeu que atrás da placa havia algumas pedras indicando uma casinha logo atrás. Foi lá em busca de orientação. Sabia que se aquela placa estava ali advertindo quanto ao perigo, logicamente o morador só podia ser inimigo dos tais gigantes.

– Tok! Tok! Tok! – bate na porta.

Logo alguém abre e pergunta:

– Que deseja?

– Me chamo Valente e estou precisando de orientação! Como vi a placa advertindo sobre o perigo à frente, acho que pode me ajudar a atravessar este pedaço!

– Ah meu caro aventureiro! Esta terra à frente realmente é muito perigosa e bem extensa, mas terá que atravessá-la! Não há como fugir.

– Quem é você?

– Me chamo Ânimo.

– E eu Esperança. – outro cidadão surge.

– Ah sim, este é meu irmão. – diz Ânimo.

– Só preciso saber como atravessar com segurança esta terra tão perigosa! Vocês podem me ajudar?

– Claro que vamos ajudá-lo! É nosso prazer ajudar. – diz Ânimo.

– Colocamos esta placa porque logo à frente mora um gigante que costuma pegar os viajantes de surpresa. Se chama Falta-De-Perseverança. – diz Esperança.

– Alguém lá atrás me falou sobre este gigante! Disse que havia sido derrotado por ele.

– O segredo é ser atencioso! – sugere Ânimo. – Você, por exemplo, se não tivesse prestado a atenção em nossa casa, fatalmente seria surpreendido pelo gigante.

– Sério!

– Sim! Ele é um gigante muito sagaz. Vive escondido na encosta daquele morro logo à frente. Ninguém passando por ali despercebido enxerga o perigo. Quando se dão conta já estão sendo surrados pelo tal.

– Nossa! Como vão me ajudar a passar por ele?

– Me dá um minuto! – fala Esperança.

Logo volta com meia dúzia de cães bem adestrados.

– Pronto! Ele teme os cachorros.

Valente seguiu na companhia de Ânimo, Esperança e de seus cães adestrados que eram de uma raça raríssima, chamada Vida-Espiritual.

O gigante, ao ouvir o rosar dos cães, nem deu as caras. Continuou amoitado no seu cantinho porque os temia. Os dois irmãos haviam adestrados os cães para dominarem aquele gigante sempre que preciso.

Só que o gigante não se abateu por causa disto! Sabia que logo-logo e durante o dia todo muitos despercebidos passariam por ali.

Assim que atravessaram o perigo, os bons amigos se despediram de Valente, lhe deixam boas orientações e também advertências, porque perigos maiores ainda estariam por vir.

Seguiu cauteloso. Fica mais cauteloso ao perceber que naquelas terras, o caminho todo era rodeado por montanhas e encostas.

Logo adiante viu algumas pegadas bem grandes. Ficou temeroso, pois as pegadas diziam que algum gigante havia passado por ali e não fazia muito tempo.

## O GIGANTE ADORMECIDO

Foi caminhando, até começar a escutar um barulho. Quanto mais caminhava mais forte ficava o som. Era um estrondo.

À frente havia uma montanha. Havia também uma caverna e um túnel por onde passava o caminho. Parecia vir de lá o barulho.

Aproximou e se apavorou ao ver um gigante adormecido dentro da caverna. O tamanho do gigante apavorava qualquer um. Era seu ronco que causava o estrondo.

As pernas do pobre aventureiro não paravam de tremer. O caminho atravessava um túnel junto àquela caverna, não tinha como se desviar. Tinha que seguir em frente, ou seja, se arriscar.

– Calma! Eu te ajudo a passar por ele. – alguém sussurra.

Valente olha e vê alguém surgir em sua direção.

– Quem é você e como faço para passar pelo gigante sem despertá-lo? – pergunta Valente.

– Me chamo Vigilância. E quanto à sua segunda pergunta, vejo que já deu a resposta, não pode despertá-lo.

– Mas devo de passar bem perto, como posso passar sem despertá-lo?

– Este gigante é conhecido aqui nas redondezas como Vontade-Da-Carne. Ele se adormece facilmente, mas tem um sono muito leve, uma simples agulha caindo ao chão é capaz de despertá-lo, pois tem uma

audição bem aguçada. Astuto como é, escolheu aquela caverna para habitar porque fica junto ao caminho.

– Nossa! Então quer dizer que devo matá-lo para poder seguir?

– De forma alguma! Nem pense em enfrentá-lo! Há inimigos que você deve fugir ao invés de enfrentá-los, e, este é um. Muitos que ousaram enfrentá-lo hoje são escravos.

– Escravos?

– Sim! Ele escraviza tanto os que despertam seu sono como os que ousam enfrentá-lo e os leva para trabalharem forçosamente numa senzala, logo depois daquelas montanhas, nas propriedades de um rei chamado Pecado.

Ouvir isto só fazia Valente ficar mais apavorado! Mas era exatamente o que Vigilância queria, ou seja, fazer com que sentisse muito temor, assim tomaria o máximo de cuidado possível para não despertar o gigante.

– Vai Valente! – diz Vigilância. – Já está na hora de seguir em frente. Se ficar aqui parado outro gigante pode surpreendê-lo.

– Nem diga uma coisa dessas! Só parei por medo do gigante.

– Pois então siga agora! Caminhe com as pontas dos dedos quando estiver bem próximo, para não despertar seu sono.

Seguindo a orientação seguiu nas pontas dos dedos. Estava um pouco temeroso, pois o gigante tinha aparência hostil. Por fim, como foi meticulosamente cuidadoso, deu certo! Atravessou com segurança sem despertar o sono do gigante.

Seguiu contente, sabia que havia passado por um grande perigo, mas não deixava nenhuma distração diminuir sua atenção. Estava ciente de que ainda estava na terra dos gigantes.

## O GIGANTE E O CAVALEIRO

Não muito distante dali, caminhava a passos largos, quando abruptamente quase é atingido por um golpe de espada. Recuou alguns passos e caiu no chão. Viu uma montanha de músculos se agigantar à sua frente. Se apavora.

Era um forte gigante intentando matá-lo, mas parecia que não conseguia se aproximar, embora caído ao chão! Quando ouve uma voz gritando:

– Corra logo! Ele está preso!

Percebeu que atrás do gigante, um cavaleiro montado em seu alazão o prendia com fortes cordas, para que não lhe fizesse dano.

O gigante num furor descontrolado tentava a qualquer custo feri-lo, mas estava bem preso nas cordas.

Aproveitando-se da ocasião, saiu correndo, deixando os dois que passariam a travar uma batalha particular, já que o alvo do gigante havia ido.

O cavaleiro se chamava Fruto-Do-Espírito e destemia o gigante, porque fora treinado para defender os aventureiros do furor desses gigantes enlouquecidos. Este gigante, por sua vez, era conhecido como Obras-Da-Carne. É tão poderoso que se não fosse a proteção do cavaleiro, não deixaria um único aventureiro seguir viagem.

Pouco adiante valente vê um homem voltando e estava mancando. Aproximando-se, perguntou por seu nome e por que mancava.

– Me chamo Irmão-Irado. – respondeu o homem. – Estava passando por aquelas colinas à frente quando fui surpreendido. Alguns gigantes ficam atirando pedras lá de cima e uma delas atingiu minha perna. Como não conseguiria passar por elas me arrastando, tive que voltar.

– Vamos seguir em frente, eu te ajudo! – Valente diz.

– Bem... – O homem ficou pensativo. – podemos tentar!

– Então vamos!

À frente estavam as colinas de onde os gigantes atiravam pedras. Não demora muito e já as estavam atravessando. Andavam atentos, suspeitando de qualquer movimento estranho.

A primeira pedra é arremessada. Logo veio outra. E mais outras. Valente e o amigo apenas se desviavam. Algumas de tão grande pareciam rochas. Como as colinas não eram pequenas, conseguiam desviar a tempo.

De repente, surgem gigantes dos dois lados atirando pedras. Uma delas acaba atingindo Valente. Agora estavam os dois feridos. Mesmo

assim insistiam em prosseguir. As pedras continuavam atingindo-os, mas resistiam à dor e persistiam.

Estando ferido demais Irmão-Irado acaba se lançando ao chão. Valente já não conseguia mais ajudar o amigo. Na verdade não conseguia nem se ajudar mais.

Foi quando o cavaleiro Fruto-Do-Espírito surgiu novamente. Os gigantes então passaram a hostilizá-lo. Mas as pedradas não lhe faziam dano algum, era muito hábil em manusear seu escudo.

Aproximando-se tomou os dois aventureiros em seu alazão e os tirou rapidamente dali.

Se não tivessem deixado logo aquele local, provavelmente teriam perdido suas vidas. O lugar servia de emboscada. Muitos haviam perdido suas vidas justamente ali.

Até os mais destemidos e corajosos como o rei Davi e o apóstolo Pedro já se feriram por ali. Era um lugar de morte para muitos e triunfos para outros.

Enquanto galopeavam distanciando-se do perigo, contemplaram uma cena assustadora: ossos secos e esquecidos junto ao caminho.

– Eram aventureiros também! – o cavaleiro diz, percebendo a curiosidade.

– Mas o que houve? – Irmão-Irado pergunta.

– Este é um lugar muito perigoso onde muitos são feridos e até mortos. A carreira de muitos se encerra justamente aqui. Por isto fui enviado para ajudá-los a atravessar este pedaço. Fiquem o mais distantes desta terra que puderem.

## UM AVENTUREIRO E SEU TRISTE FIM

Enquanto se distanciavam, outro aventureiro atravessava aquele pedaço. Seu nome era Orgulhoso. Como era muito perigoso o lugar, não demora muito e é abordado por um gigante.

O gigante era conhecido como Rebelião. Era grandalhão, forte e lutava com uma crava. O pobre do aventureiro não se intimidou. Travou uma batalha com seu oponente, mas o gigante era mais forte. Orgulhoso não tinha muita chance embora achasse que podia sim vencê-lo.

Num ato de sorte, Orgulhoso consegue lançá-lo ao chão. Viu então seu ânimo se agigantar diante do oponente grandalhão.

Quando surgiu um cavaleiro cavalgando velozmente em sua direção, súdito do Rei. Logo lhe ofereceu ajuda, queria tirá-lo dali com segurança, mas o pobre aventureiro como diz seu próprio nome, era orgulhoso demais para aceitar ajuda. Queria ter o heroísmo de conseguir decepar a cabeça do gigante com a própria espada.

O cavaleiro então, nada pôde fazer e seguiu seu caminho.

O gigante vendo a atitude de Orgulhoso disse:

– Você é tolo! Devia ter aproveitado a oportunidade de fugir.

Lá se foi o gigante de novo pra cima do aventureiro. Desta vez com um golpe certo da sua crava o lança por terra. Assim o capturou e o levou prisioneiro para suas terras.

Enquanto isto Valente e Irmão-Irado cavalgavam seguros por terem aceitado a ajuda do cavaleiro, enviado justamente para os auxiliarem. Quanto ao pobre do Orgulhoso, ninguém nunca mais ouviu falar e nem foi visto mais caminhando pela estrada da salvação.

## UM LUGAR DE DESCANSO SEGURO

Após uma longa caminhada o cavaleiro os entrega na porta de uma fazenda. Era um lugar seguro onde poderiam passar a noite. Já estava bem tarde e além de cansados, estavam feridos.

Logo um bom velhinho que se chamava Sr. Longanimidade e sua senhora Paz vieram recebê-lo.

– Podem entrar! – Sr. Longanimidade logo diz.

– Sejam bem-vindos. – Sra. Paz os recepciona.

De tão exaustos que estavam, queriam apenas um quarto para descansar. Vendo que estavam afadigados, a Sra. Paz pediu para suas filhas, duas belas donzelas que se chamavam Caridade e Mansidão, para prepararem os aposentos onde passariam a noite. Assim fizeram.

Os corajosos aventureiros puderam descansar então daquele dia tão afanoso. Descanso era tudo que precisavam naquele momento.

No dia seguinte bem cedinho, o café já estava à mesa preparado pela Sra. Paz e as donzelas suas filhas.

– Que bela mesa! – Irmão-Irado diz.

– Ficamos agradecidos pela hospitalidade. – Valente fala.

Enquanto se alimentavam, o Sr. Longanimidade os instruía quanto aos perigos que ainda teriam pela frente e também expunha um pouquinho de sua imensa sabedoria. Valente logo o interroga:

– Se até aqui já passamos por tudo isto, o que ainda teremos pela frente?

– Calma meu bom homem! Com certeza terá duras batalhas pela frente, mas sempre terá algum nobre do Reino para auxiliá-lo, como o cavaleiro que os trouxe até aqui.

– É bom ouvir isto! – Irmão-Irado diz.

– Apenas sigam esse caminho com fé e segurança e no final receberão a recompensa. “tendes por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará, até ao dia de Jesus Cristo” (Fp 1.6).

– Espero que realmente sejamos recompensados no final, porque quase morremos há pouco. Estamos arriscando nossa vida! – Irmão-Irado diz.

– Concordo meu bom amigo! Mas “a vós foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer Nele, como também padecer por Ele” (Fp 1.29).

– É verdade! – Valente argumenta. – Vejo que tem razão em sua exposição! O próprio Senhor e Grande Rei sofreu muito para nos dar a possibilidade de seguir esta jornada, por isso devemos se preciso padecer por Ele.

– A salvação é para todos, mas há um preço a ser pago! Muitos a mando do reino das trevas irão tentar impedi-los de prosseguir, “portanto sedes prudentes como andais.” (Ef 5.15).

Todas as palavras ditas pelo Sr. Longanimidade pareciam causticar-lhes o coração, renovando o ânimo. O tempo ia passando e não se cansavam de ouvir palavras tão sábias, mas logo chegou a hora de partir.

As donzelas haviam apanhado algumas ervas na horta e trouxeram para seu pai.

– Esta erva é para levarem com vocês. – diz Longanimidade.

– Pra quê? – Irmão-Irado questiona.

– Sinta o cheiro agradável! É incenso (SI 141.2).

– Realmente o cheiro é muito agradável, mas pra que serve? – Valente também questiona.

– Esta terra de gigantes é muito perigosa, mas nenhum deles vem aqui nos incomodar por causa dessa plantação que temos. Eles não suportam o cheiro das ervas. Levando-as consigo não incomodarão também.

– Que alegria nos dá saber disto! – Valente desabafa. – Ufa!

Então seguem seu caminho. Um pouco mais jubilantes, por saberem que aquelas ervas afastariam os gigantes.

Após uma boa caminhada estavam mais exultantes ainda. Percebiam que os gigantes não mais os incomodavam, sequer se aproximavam. Assim, atravessaram aquelas terras perigosas em segurança.

Sorte a deles por trazerem consigo aquelas ervas, pois justamente no local onde acabaram de passar, um gigante os esperava, seu nome: Prostituição. Um dos gigantes mais bem sucedidos do território, pois sua constante e significativa contribuição à senzala do rei Pecado o estava enriquecendo.

O aroma da erva impediu a aproximação do gigante, mas logo atrás outro se aproximava sem a devida proteção. Seu nome era Irmão-Sentimental. Filho de uma família muito grande, a dos Sentimentalmente Feridos. Não escaparia de suas mãos.

### 3

## DESFILADEIRO DESVENTURA

Aos poucos, a área montanhosa foi cedendo lugar a uma vasta flora que cobria todo o campo. Uma variedade incontável de flores encantava o lugar, mas de tão cansados que estavam, pouco se encantavam. Pensavam apenas em um lugar para descansar.

Irmão-Irado mais que isso já falava em voltar, reclamava de andar, andar e nunca chegar a lugar nenhum. Pelo contrário, cada vez encontrando mais e mais dificuldades.

Se bem que sempre falava coisas da boca pra fora, apesar de ser impulsivo, no fundo de seu coração tinha vontade de chegar ao destino tão almejado.

Valente, por sua vez, não era impulsivo mesmo diante de tantas dificuldades. Havia se comprometido de corpo e alma com a causa, sabia que grandes proações estavam à sua espera, mas não desanimava. Havia feito deste ideal a sua vida.

### UMA ENCLUZILHADA

Dois homens conversavam aleatoriamente, junto a uma encruzilhada. Cada um havia se perdido no trajeto tomando outra direção. Como não chegaram a lugar nenhum tiveram que acabar voltando.

Insensato era um deles. Perdeu-se porque se distraiu na companhia de um desconhecido, que acabou conduzindo-o por uma rua que foi dar num abismo.

Brincalhão era o nome do outro. Já este havia se perdido por não levar as instruções a sério. Antes sentia prazer em se aventurar em terras desconhecidas. Numa de suas aventuras acabou se distanciando demais do caminho. Quando tentou voltar, não o achou mais.

Porém, ele encontrou alguém que se dispôs a orientar-lhe. Pena que este alguém ao invés de ajudar acabou complicando mais ainda. Quando perguntou pelo caminho da vida, o pobre homem que se chamava Con-

ceitos-Mundanos pensou se tratar dos prazeres que as cidades daquelas redondezas ofereciam. Ele até teve a boa intenção de ajudar, de fato não havia agido de má fé, mas só fez o aventureiro se distanciar mais ainda do caminho.

Ao passar por eles, Valente pergunta o que faziam ali.

– Estamos sem saber pra onde seguir! – um deles afirma.

– Como estão perdidos se a direção é só seguir em frente?

– Quem garante que esta que você segue é a direção certa? – Insensato questiona. – Veja só, este cruzamento tem quatro direções, fora as muitas outras aleatórias que surgem logo à frente!

O local, de fato, parecia propício a confundir. Havia muitas direções paralelas e o risco de se perder por algumas delas era grande, já que algumas eram muito parecidas com o caminho estreito. Outros caminhos, por sua vez, eram mais atrativos e seduziam os mais ingênuos.

– Esta direção é a única que está conduzindo para cima. – Valente argumenta.

– Já caminhamos tanto por este caminho... – Brincalhão ironiza.

– Que direção pensa ser a correta então?

– É o que estamos tentando descobrir! – Brincalhão debocha mais uma vez.

– Vocês são dois malucos, isso sim! – Irmão-Irado os ironiza.

– Deixa, vamos embora! – Valente diz.

A essa altura já estava achando que eram malucos de verdade, ou então que a fadiga lhes tivesse transtornado o juízo.

Os deixaram e seguiram caminho.

Outro aventureiro, que seguia viagem logo após eles, ao encontrar os dois desventurados criou afinidade. Seu nome era Homem-Sem-Conhecimento. O ingênuo acabou se embaraçando nos mesmos paradigmas que atormentava os dois. Passaram então a ser três desventurados que não sabiam para onde seguir.

## DR. TEÓLOGO-SEM-UNÇÃO

Logo adiante acabaram encontrando um cavalheiro que parecia ser bem instruído. Pelo menos ostentava ser. Expressava-se com grandes conhecimentos e sabedoria, o que fascinava seus ouvintes.

Ele estava orientando alguns, tentando revigorar suas perspectivas e livrá-los de qualquer dúvida. Vendo que parecia uma pessoa instruída Irmão-Irado interrompe:

– Podes nos orientar também! Precisamos de instruções!

– Oh sim bons aventureiros! Sou o Dr. Teólogo-Sem-Unção. Sou bem instruído, pois sou da linhagem de uma grande família, muito intelectual, a dos Inchados (1º Co 4.19). E meu sobrenome Sem-Unção é por parte materna, os antecedentes de minha mãe foram os fundadores de um famoso colégio, o Independência de Deus. O fato de estarem preocupados em receber orientação já os torna sábios. Muitas coisas que dizem a respeito do caminho é verdade, mas nem tudo. Há muitas fábulas que foram inventadas para assustar os aventureiros.

– Então nos digas quais são? – Valente pergunta.

O Dr. Teólogo-Sem-Unção em nada deixava de responder. De fato, em quase tudo que acreditavam, ele concordava, mas discordava de algumas pequeninas coisas que pareciam sem importância. Sempre era persistente em querer provar estar com a razão mesmo em coisas aparentemente tão fúteis.

Uma das teses do Dr. Teólogo-Sem-Unção era a de que não era apenas um caminho que levava à salvação e sim, todos aqueles que ostentassem o mesmo propósito.

Valente e Irmão-Irado não consentiam em tudo o que fazia com que ocorresse uma agradável discussão sobre a jornada. De tão agradável e proveitoso que aparecia o diálogo, nem perceberam as horas passarem. O tempo foi passando e a tardezinha chegando, mas nem se preocupavam com o tempo, estavam distraídos.

De tão distraídos, não perceberam uma casa junto ao caminho, onde deveriam repousar a noite para que não caminhassem no escuro. Era a casa do Sr. Presença-De-Deus.

Por isso, tiveram que caminhar durante a noite também, pois não achariam outro lugar seguro por perto. De tão distraídos que estavam,

nem se preocupavam. Os ensinamentos do novo companheiro pareciam servir de alento aos pés cansados. Quando caiu o cansaço, tiraram um cochilo encostando-se a uma grande árvore.

Aquela noite, de tão emotiva, pareceu curta. Logo o sol surgiria de novo e sem perder tempo, lá estavam seguindo a jornada.

Aquela parte do caminho parecia menos hostil. Nem estavam se afdigando, porque já não estavam enfrentando aquela subida árdua. Na verdade, o caminho estava parecendo levemente inclinado para baixo, o que os impulsionava mais ainda a andarem.

De tão distraídos que estavam, o que não perceberam era que durante a noite numa encruzilhada, haviam tomado uma direção errada. Assim como muitos, se perdem sem perceber. Estavam crentes que brevemente chegariam aos portões celestes, quando estavam cada vez mais se distanciando do caminho que leva a eles.

Com o passar do tempo, Valente foi percebendo algo estranho. O caminho estava se alargando demais e tinha avistado num cruzamento atrás, uma placa indicando uma cidade chamada Distantes de Deus. Agora, outra placa indicava outra cidade de nome De Volta Às Velhas Práticas.

Irmão-Irado tentou pedir informações a alguém que passava por ali. O homem, porém, parecia desconhecer o assunto do qual Irmão-Irado pedia informações.

Pediram informação a outro, mas de tão mal humorado que era não quis responder. Antes, irritou-se quando viu que estavam perguntando sobre a salvação. Na verdade, todos por ali pareciam desinformados ou mal humorados.

Quanto mais andavam, mais parecia a descida se inclinar. Quando se deram conta estavam descendo um desfiladeiro.

Estavam preocupados com a súbita descida, pois até então só haviam caminhado para cima, mas achavam se tratar de mais uma prova que teriam pela frente. Assim, se distanciavam cada vez mais do caminho sem perceber.

## TABERNA CONFORMISMO

Bem próximo, havia uma taberna que já haviam avistado. Estavam se direcionando a ela.

A taberna por sua vez, não era um lugar apropriado para nenhum aventureiro. Lá eram vendidas bebidas fortes que causticavam o entendimento e a razão e também enlouquecia os mais fracos. Algumas misturas da casa também transtornavam mentes saudáveis e ofuscava a visão. Conta-se que alguns que por ali passaram saíram com a visão tão afetada que nunca mais acharam o caminho de volta, embora o tivessem procurado com afinco.

Chegando, pelo barulho percebem se tratar de um lugar festivo. Logo que entram vêem muitos se distraíndo e se divertindo.

Assim que sentaram-se a uma mesa, dois homens que se chamavam Desviado e Derrotado-Pelo-Pecado, vieram fazer companhia.

– Sejam bem vindos amigos! – Desviado recepciona-os.

– É a primeira vez que veem aqui? – Derrotado-Pelo-Pecado pergunta.

– É sim, mas não vamos ficar muito tempo. – Dr Teólogo-Sem-Unção fala.

– Estão apressados? Onde pretendem chegar por essas bandas? – Ironiza Desviado.

– Ora aonde! Na cidade celestial do grande Rei. – Valente diz.

Da mesa ao lado, algumas risadas são ouvidas. Irmão-Írado logo quis saber qual era o motivo da graça. Um homem que se chamava O-Que-Abandonou-A-Fé então responde:

– Então acham que chegarão mesmo à Canaã-Celeste?

– Claro que vamos! – Dr. Teólogo-Sem-Unção fala. – Sabemos para onde estamos indo.

– Não é o que parece! – O-Que-Abandonou-A-Fé diz.

– E por que não é o que parece?

– Todos que estão aqui, um dia acreditaram nessa história, mas cada um acabou caindo na real, vendo que isto é papo furado.

– Talvez, vocês que são um bando de acomodados nunca chegarão, mas nós vamos!

Vendo a intrepidez do Dr. Teólogo-Sem-Unção, um outro que estava à mesa ao lado, que era conhecido como Frustrado-Com-A-Igreja, entrou na conversa:

– Você está tão perdido como nós! Veja, está no mesmo lugar que a gente. Por que acha que é tão diferente se está no mesmo lugar que estamos?

Outro, chamado Revoltado se recordando do cavalheiro também diz:

– Lembro-me muito bem de você! Um homem que se diz servo de Deus, mas que não passa de um mercenário. É isto que você é, um charlatão! Não passa de um enganador e de tanto enganar, está mais enganado que todos aqui!

– Como ousa a me caluniar desta maneira?

– Porque foi por sua causa que deixei de acreditar neste papo-furado de salvação! Sempre o via ensinando as pessoas a fazerem aquilo que você nunca fez. E quer saber mais? Muitos que aqui estão, deixaram de acreditar por sua causa.

O Dr. Teólogo-Sem-Unção se recordando de que o homem realmente fora um dia seu seguidor, se aquietou no seu cantinho, não disse mais nenhuma palavra.

Irmão-Irado se revoltou e quis tirar satisfação. Esbravejou-se para cima do Dr. Teólogo-Sem-Unção que, temendo apanhar, saiu dali e foi assentar em outra mesa.

O lugar de fato parecia alegre e divertido, mas sempre que alguém tocava no assunto da salvação os ânimos se alteravam. Talvez porque todos que ali estavam desejavam intensamente tirar da mente tudo o que sabiam. Alguns porque só queriam esquecer o tempo perdido. Outros porque sabiam que aos que não saísse vitoriosos, um destino cruel estava-lhes reservado.

Era exatamente por este motivo que serviam bebidas tão fortes no estabelecimento. Havia também alguns jogos muito atrativos para ajudá-los a tirar da mente aquilo que tanto incomodava. O mais atrativo de todos era um que o chamavam de Brincando-De-Ser-Cristão, embora em outros lugares fosse conhecido como Roleta-Russa. Muitos adoravam aquele jogo.

Irmão-Írado logo se familiarizou com o lugar, ao contrário de Valente. Acabara conhecendo alguns moradores da vizinhança que logo se tornaria uma duradoura amizade.

Valente, temendo a hostilidade do lugar, não quis mais permanecer ali, mas surpreendeu-se ao ouvir do amigo o argumento de que, não o acompanharia mais, por estar muito cansado e que ali seria um lugar bom para se passar uma temporada. Quando foi procurar pelo Dr. Teólogo-Sem-Unção, não mais o achou, havia se retirado sem que ninguém percebesse. Teve que seguir sozinho sua jornada.

Ao deixar a taberna, um homem que encontra sentado em um banco, diz:

– Ainda bem que não permaneceu naquele lugar, pois bem o vi quando entrou e estava acompanhado de mais dois. Pois “bem aventurado é o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores e nem assenta na roda de escarnecedores” (Salmos 1.1).

Seu nome era Crente-De-Aparência. Morava ali fazia muito tempo, não consentia nos atos mundanos dos demais, porém também não se preocupava em seguir a jornada.

Na verdade, o pobre homem não se preocupava em seguir adiante pelo fato de estar coxo de uma perna. Um inimigo conhecido como Falsa-Fé havia decepado uma das pernas para que nunca conseguisse chegar ao lugar desejado.

Valente cumprimentou o homem, mas de tão triste que estava pela perda dos amigos, não tinha ânimo para bate-papo e seguiu em frente.

Caminhou um bom pedaço cabisbaixo, por estar abatido. Continuou andando sem desviar seu olhar das pontas dos pés. Permaneceu assim por vários quilômetros.

## NOITE ASSUSTADORA

De tanto caminhar, estava exausto. Avistou um cantinho onde pudessem descansar. A noite havia chegado. Precisava de um repouso. Adormeceu ali mesmo, ao relento, sem se preocupar com alguma presença estranha ou à visita de algum animal. Afinal, o lugar era tão solitário que julgava difícil aparecer algum infortúnio por ali.

Adormeceu um sono profundo. O lugar realmente parecia deserto. Não se ouvia voz, nem ruído ou barulho algum por perto, era muito silencioso. O silêncio do lugar contribuiu para o seu sono.

Passado algum tempo, despertou-se! Assim que abriu os olhos sentiu um calafrio intenso tocar-lhe. Era um frio congelante.

Enquanto dormia, o lugar foi tomado por uma intensa neblina que fez cair bruscamente a temperatura.

Apavorou-se, pois não tinha vestes adequadas para enfrentar o frio e também não sabia onde encontrar um abrigo seguro e quente. Saiu rapidamente à procura de um lugar na qual pudesse se proteger. Suas pernas tremiam e os dentes também. Começou a correr, agindo assim aumentaria a temperatura do corpo.

Não muito distante, avista uma caverna. Vai até ela. Não era o melhor lugar para se esconder do frio, mas, pelo menos o protegia da neblina.

Não ficou muito tempo. Subitamente viu uma nuvem escura tomar a caverna. Apavorou-se! Logo percebeu se tratar de morcegos que também fugiam do frio. Teve que sair às pressas temendo um ataque da companhia repugnante.

A neblina era tão intensa que fez com que o chão ficasse molhado. Foi ficando cada vez mais encharcado, até que virou lama. A descida parecia cada vez mais íngreme. Parecia cada vez mais perdido.

Nessa altura, se perguntava se ainda estava no caminho certo! O frio era tão intenso que se parasse de andar poderia morrer de hipotermia.

Na tentativa de andar um pouco mais rápido escorrega, pois um lamaçal intenso cobria o caminho. Escorregou e como a descida era bem íngreme, foi parar quinze metros à frente. Ao se levantar estava coberto de lama. Continuou seguindo. Mas cada vez que tentava andar rápido um novo tombo levava.

Era penosa a situação em que se encontrava: perdido e sozinho ao relento, num frio congelante. Se atrás não tivesse se descuidado perdendo-se do caminho despercebidamente, já estaria bem adiantado em sua jornada. Seu descuido custou caro! Estava tão perdido que não sabia o que fazer e nem aonde ir.

A noite foi avançando e não achava um canto onde pudesse encostar a cabeça. Assim foi toda aquela dramática noite.

O dia foi se aproximando, mas naquele lugar, a escuridão insistia em permanecer. Em qualquer outro lugar era hora do nascimento do sol, em qualquer outro lugar, menos ali.

O lugar era tão baixo e frio que a neblina costumava permanecer ali o dia todo. Além de tudo, o lugar era uma vasta floresta de altas árvores que se lançavam sobre o caminho. Desta forma, a escuridão permanecia mesmo durante o dia.

## SEM SAÍDA

Caminhou mais um pouco sem nada e sem encontrar ninguém. Continuou caminhando. Mais à frente, avistou um poço. Foi tirar água, estava sedento, mas para sua surpresa estava seco, não havia água (Jr 2.13).

Afadigado, continuou caminhando, mas não chegava a lugar nenhum.

Pouco mais adiante avistou uma placa que dizia: “SEM SAÍDA”. Era o fim da linha. Um abismo muito grande era o que havia além da placa. Sorte por ser dia, pois durante a noite muitos perdidos não enxergam a placa, precipitando-se.

Inclinou-se para ver o abismo. Parecia não ter fundo de tão imenso que era. Era evidente que estava perdido. Apavorou-se, não sabia o que fazer!

Pensou em voltar atrás à procura do ponto em que se perdera. Apenas pensou! Não conseguia porque aquela estrada era um desfiladeiro. Para voltar teria que enfrentar uma árdua subida. Como a estrada estava coberta de lama, a tentativa de subir acabava numa patinação ou num tombo. O máximo que conseguia era voltar alguns metros, mas levava um tombo e escorregava para o mesmo lugar.

O tempo foi passando e nada podia fazer. Ficou assentado olhando o imenso abismo ao qual seu descuido lhe destinara. Em sua mente, tentava entender em que ponto se perdera.

Pouco depois, ouviu os passos de alguém. Pelo barulho das folhas e gravetos se quebrando, parecia vir da floresta. Outrora estaria preocupado pensando em ser um inimigo, mas perdido como estava, sentiu alegria ao perceber a presença de alguém.

Logo surge um homem que lhe cumprimenta: – Olá! Quem é você? O que faz aqui? Parece perdido!

– Me chamo Valente. Realmente devo estar perdido. Estava seguindo o caminho que leva à salvação onde tive a promessa de encontrar vida abundante no reino do grande Rei, mas acabei me deparando com este abismo à frente.

– Meu nome é Engano. Moro próximo daqui. Talvez você não esteja tão perdido como diz!

– Não? Mas como? Veja aonde vim parar!

– Sim! Percebo que está cansado e coberto de lama, parece um farrapilho. Mas creia, aqui bem perto há um lugar tão exuberante como o que procura, quem sabe até não é o mesmo! De qualquer forma, considerando o estado em que o amigo se encontra, qualquer coisa seria melhor que continuar aqui sozinho e perdido.

– Nisto vejo que tem razão! Que lugar é este e como faço para chegar?

– Há um trilho bem à sua esquerda. O enxerga?

– Sim! Estou vendo.

– Segue ele! Apenas siga reto. Não muito distante, ele desemboca numa grande avenida, conhecida por nome Cobiça. Ao chegar à avenida uma placa vai te orientar a direção de uma grande metrópole, a cidade Sedução. Siga esta direção. Quando chegar à cidade deve procurar pela Rua Pecado. Nela mora um homem chamado Adão. Procure-o que ele achará uma morada pra você ali.

– É só isto?

– Sim! Agora pode seguir.

– Muito obrigado Sr. Engano! Já estou indo. Quero muito conhecer este lugar.

Assim, Valente seguiu esperançoso de que logo sairia daquele sofrimento. Por algum momento a angústia de se sentir perdido dissipou. O que não sabia, era que estava se distanciando mais ainda do caminho verdadeiro. Mal sabia os males e perigos existentes naquele lugar.

## A CIDADE SEDUÇÃO

À frente vislumbrou aquilo que o esperançava, uma grande metrópole, rodeada de altos muros. Quando se aproximava, percebeu que muitos outros também afluíam a ela.

Portões gigantescos foram abertos recepcionando o novo cidadão. Só que não eram os portões celestiais que almejava! Eram portões que davam acesso a uma vida de prazeres e deleites. Estes portões eram os mesmos que impediam de sair aqueles que uma vez o adentrasse. Valente os adentra.

A cidade era bem grande. Tudo parecia muito belo e bonito. As pessoas o cumprimentavam, muitos o recepcionavam com boas vindas. Parecia um lugar ótimo para viver. O Sr. Engano parecia ter dito a verdade, cogitava Valente.

Lembrou-se que tinha que procurar por um homem chamado Adão, que lhe arrumaria moradia ali. Poucos sabiam informar a respeito do tal, e dos que sabiam algo, não fazia ideia de onde o encontrar.

Perguntou sobre a Rua Pecado. Então, alguém lhe indicou a direção.

A rua que procurava ficava no centro da cidade. Na verdade, era uma avenida muito grande.

Começou a pedir informação sobre o tal homem, Adão. Ninguém parecia conhecê-lo. Insistiu em perguntar até que alguém lhe deu uma informação precisa.

O homem que lhe informou se chamava Conhecedor-Da-Palvra. Sabia muitas coisas sobre o caminho da salvação, por isso conhecia a história de Adão. Só que não tinha amor suficiente no coração por Aquele que o chamara para segui-lo! Era apenas um conhecedor. Logo que descobriu esta cidade fez dela o seu lar.

Valente segue as instruções do homem, e vai procurar o local indicado.

Chegando ao lugar, encontrou apenas os escombros de uma antiga casa. Antigamente havia sido uma bela e imponente estrutura, uma casa que o homem carinhosamente havia batizado com o nome de Inocência, mas agora eram escombros.

Observou ali perto um consultório. Havia se ferido muito no desfalecimento. Pensou que ali conseguiria remédio para aliviar suas mazelas. O lugar era o Consultório das Dores.

Dr. Ruína era o proprietário. Assim que chegou, o recebeu. Após ouvir sua história receitou um xarope a base de ervas amargas. Disse que aquilo seria bom para as suas mazelas.

Quando saía do consultório, encontrou alguém que o desencorajou a tomar a poção. Seu nome era Imprudência. Assim que viu Valente com a poção na mão o advertiu:

– Amigo não tome isto!

– Por que não devo tomar? – Valente questiona.

– Esse tal de Dr. Ruína é uma fraude. Suas poções são venenosas, amarguram a alma dos que a provam ao invés de surtir algum efeito terapêutico.

– E como sabe destas coisas?

– Este homem apenas se passa por médico, mas não é. É apenas um louco fugitivo do hospício. Todos conhecem sua má fama. Mas os novatos aqui como você, acabam caindo em sua lábia.

Reconhecendo que o homem parecia dizer a verdade, jogou a poção fora. Agradece ao homem e pergunta pelo seu nome.

– Me chamo Imprudência e você?

– Sou Valente. Estou à procura de um homem chamado Adão, o conhece?

– Amigo, creio que nunca irá encontrá-lo!

– Por que acha isso?

– Esse tal de Adão morreu faz muito tempo.

– Morreu?

– Sim!

– Mas como foi isso?

– Parece que foi morto a fortes golpes de porretes, por um gigante chamado Desobediência.

Valente e Imprudência acabaram se tornando bons amigos. Ficaram um bom tempo conversando sobre a rotina da cidade. Até que um alvoroço quebra a mesma!

– Hoje é dia de enforcamento! – Diz Imprudência.

– Quê? – Valente se espanta.

– Falo sério! É uma das atrações da cidade. Vamos lá ver de perto.

Estava pasmo, mas sua aguçada curiosidade o faz consentir em ver o fato.

Uma das leis imposta aos moradores do lugar era a de que nunca tentassem fugir da cidade. A pena para quem tal ato tentasse, seria a execução em praça pública.

O atrativo da vez eram três fujões. Três amigos que vieram parar na cidade por acidente, mas descontentes tentaram fugir, sem obter êxito. Eram eles: Sr. Conversão-De-Aparência, Sr. Má-Índole e Sr. Longe-Da-Vontade-De-Deus. Três bons amigos que sempre estavam juntos e agora estavam numa enroscada.

O alvoroço era grande, pois todos queriam ver o enforcamento. Embora três homens estivessem prestes a perder a vida, isto não parecia ter muita importância ali! O episódio causava muito alvoroço. Parecia dia de baile, festa ou coisa assim. A verdade é que os moradores pareciam se divertir.

Uma pessoa que tentasse fugir não era vista com bons olhos pelos moradores. Porque estaria tentando voltar ao caminho que os mesmos um dia também deixaram, mas nunca tiveram forças para retornar. Era-lhes um insulto então tentar um feito que não conseguiam.

Quando o lugar já estava bastante aglomerado, inicia a cerimônia de execução. O carrasco incumbido de conduzir o episódio alçou sua alta e rude voz dizendo:

– Estes homens trouxeram perturbação a este lugar! Pois lhes foi dado moradia, diversão e prazeres e agora querem voltar para o lugar que todos nós um dia desprezamos. A sentença para tais é uma só: a forca.

Os pobres homens assustados, pressentindo o fim se aproximar pediram clemência, mas o alvoroço era tamanho, que suas vozes mal podiam ser ouvidas. A execução prosseguiu.

Assim Valente presenciou a morte daqueles homens. Ficou pasmo! Sentiu-se no lugar deles. Percebeu que o lugar não era tão aprazível como havia sido informado. Se tivesse que deixar o lugar correria o risco do mesmo fim.

Desconsolado, procurou um lugar para passar a noite. Conseguiu um quarto por intermédio de seu amigo Imprudência, até conseguir moradia fixa. Como fora grande o enfado daquele dia, logo adormeceu um profundo sono.

Dormiu e se esqueceu por algum tempo das desventuras que lhe acometera, mas logo ouviu uma voz dizendo: – “que fazes aqui...” ( 1 Rs 19.9). Assustado, levantou-se abruptamente da cama! Olhou para os lados, mas estava escuro e não viu ninguém. Perguntou se havia alguém ali! Não houve resposta. Achou então que havia sonhado.

Deitou-se novamente para voltar ao seu prazeroso sono.

Novamente torna a ouvir aquela voz, agora dizendo: – “levanta-te, para que não pereça na injustiça desta cidade” (Gn 19.15).

Desta vez reconheceu a voz. Era a mesma do cavalheiro que lhe salvara do lago em seu sonho.

– Quem é você? – Indaga Valente.

– Não me conhece?

– Não.

– “Os meus olhos procurarão os fieis desta terra, para que estejam comigo; o que anda num caminho reto, esse me servirá” (Sl 101.6). Talvez por isso ainda não me conheça.

Valente se envergonha ao ver que o homem conhecia os seus deslizes e sabia que estava ali por não ter sido fiel às instruções. O homem por sua vez continuou falando:

– “Deus ouvirá; e os afligirá aquele que presidi desde a antiguidade, porque não há neles nenhuma mudança, e tampouco temem a Deus” (Sl 55.19).

O homem agora falava se referindo ao povo daquela cidade. E continuou o sermão indagando Valente se acaso queria se tornar igual a um deles. Envergonhado, não teve resposta. Ficou calado. Apenas balançou a cabeça num sinal de que não queria ser igual àqueles que ali estavam.

– Venha! Vamos sair daqui. – disse o homem.

– Pode me mostrar o caminho da salvação de novo? – pergunta Valente.

– Mostrarei novamente o caminho, mas tome cuidado! Pois, “há caminho que ao homem parece direito, mas o fim deles são os caminhos da morte” (Pv 14.12).

– Desta vez tomarei mais cuidado! Não quero me perder novamente.

O homem então conduziu Valente a uma brecha no muro da cidade, que só ele conhecia. Logo indica novamente a direção, apontando para uns lugares altos. E o adverte:

– Sou o Sr. Palavra-De-Deus. Estou aqui para ajudar a todos os que almejam a salvação, mas não se desvie novamente! Pode não haver outra chance! Há inimigos que aniquilam suas presas.

Valente seguiu seu caminho, enquanto o Sr. Palavra-De-Deus o observava.

Não era tão fácil como de início. O caminho de volta parecia mais árduo. A subida era exaustiva. Não era por menos, havia descido a uma região muito baixa.

Era determinado! Estava envergonhado do erro que cometera e agora não queria mais errar.

Um pouco mais de caminhada e vislumbrou um corpo estendido. Ao se aproximar perguntou se precisava de ajuda. O homem respondeu que não conseguia mais caminhar. Estava cansado e bastante ferido.

Seu nome era Coração-Dobre. Nunca sabia ao certo o que queria. Uma hora se decidia em ser fiel, mas logo se aventurava em vãs paixões. O que o deixou num estado mórbido.

## 4 DE VOLTA AO CAMINHO

A jornada de volta parecia difícil, a subida era muito árdua. Ainda assim, Valente se dispôs a ajudar Coração-Dobre a também voltar ao caminho. Em uma breve conversa, percebeu que o homem tinha vontade de voltar, mas não tinha forças.

Caminharam juntos, Coração-Dobre se apoiando em Valente. Ambos almejavam consertar o erro cometido.

Assim seguiram, até se depararem com um desafio inesperado. Chegaram ao sopé de uma encosta. Acima estava o caminho.

– Veja, estamos perto! – disse Coração-Dobre. – O caminho está logo ali.

Realmente o caminho estava logo ali, mas, tentam escalar a encosta e não conseguem. O problema não era a altura da encosta, era o grande volume de lama.

Um morador que próximo dali morava, era assalariado pela cidade Sedução, para jogar lama de hora em hora ali, a fim de fazer os aventureiros desistirem. O velho era um pobre coitado, homem de pouca estima, tinha uma má reputação, seu nome era Lamaçal-Do-Pecado.

Todavia, sendo de baixa estima ou não, cumpria bem sua tarefa. Muitos que tentavam voltar ao caminho acabavam desistindo, por causa da lama que lançava ali. Acabavam voltando à cidade Sedução.

Valente e o amigo tentavam vencer este desafio. Tentaram uma, duas, três, quatro vezes, mais vezes e nunca saíam do sopé. Já estavam exaustos e desanimados. Coração-Dobre sugeriu que voltassem. Mas Valente responde que não sairia dali se não conseguisse escalar.

De tantas tentativas frustradas, acabaram cansando. Por um momento, deitam no sopé, completamente sujos com aquela lama toda.

## SR. CORREÇÃO

O dia já estava se escondendo. Aos poucos a escuridão da noite ganhava seu espaço, quando ouvem uma voz:

– Vão ficar ai parados?

Valente olha para os lados, olha para cima e não vê ninguém. Então retruca:

– Quem está ai?

– Estou aqui em cima! – disse o homem.

– Nos ajude a sair daqui! – bradou Coração-Dobre.

– É só subirem! – disse o homem. – E o que fazem parados ai ainda?

– Mas como? – questionou Valente. – Essa lama nos impede de subir.

– Há uma corda ai para se apoiarem, eu a coloquei!

– Corda? Não tem nenhuma corda! – disse Valente.

– Tem sim! Eu a coloquei. É que às vezes a lama está tão alta que a encobre. Cavem que irão achar.

Seguindo a orientação, cavaram até encontrar a corda. Então conseguiram voltar ao caminho.

– Sejam bem-vindos de volta ao caminho! – disse o homem cujo nome era Correção. – Agora vamos andando, pois a noite é chegada e lobos ferozes vagueiam pela calada da noite nesta região.

– Sério! – Coração-Dobre se assusta.

– É sim! Esta é uma região muito perigosa. Bem próximo daqui existe um reino conhecido como Reino-Das-Trevas. Tanto seus moradores como as diversas espécies de feras selvagens que nele habitam, fogem da luz do dia, mas quando chega a noite, se espalham para caçar. Não precisam temer! Minha casa é bem segura e está próxima daqui. Lá passarão a noite em segurança.

Não demora muito e chegam à sua casa. Banharam-se para se livrar da lama que os cobria, se alimentaram e foram dormir, pois estavam exaustos.

## A FUMAÇA MORTÍFERA

Era bem cedo, nem ainda o sol tinha nascido direito, quando o Sr.-Correção os apressou:

– Vamos! Acordem rápido, tomem um rápido café e sigam em frente.

Sem entender o motivo de tanta pressa, assim o fizeram. Logo estavam prontos para partir.

Chegando aos limites de sua propriedade, o Sr Correção lhes deu algumas frutas para que se alimentassem no caminho. Também lhes adverte sobre o motivo da pressa:

– Estão vendo aquela floresta adiante?

– Sim. – disse Valente.

– E aquela imensa fumaça cobrindo a floresta, estão vendo?

– Estamos sim!

– Próximo dali mora uma tribo de feiticeiros. Eles fazem esta fumaça através de uma raiz de uma planta mortífera, também conhecida como Raiz-De-Amargura. Esta fumaça, quando entra nas narinas de alguém, causa uma paralisia instantânea que será procedida de morte também.

– Nossa! – Valente se assusta.

– Como podemos atravessar por ali então? – questiona Coração-Dobre.

– Por isso devem partir agora. É que de manhazinha um “vento sul assopra no meu jardim, para que se derramem seus aromas” (Ct 4.16). Este vento faz seu fluxo por toda a extensão do caminho, levando estes aromas por onde passa. São estes aromas que neutralizam os efeitos da fumaça venenosa.

– Então vamos logo. – Disse Valente.

Despedem-se do Sr. Correção e seguem caminho.

Assim que adentraram à floresta, sentiram um doce refrigério causado pelo fluxo do vento. Era uma doce brisa que os acompanhava e também expulsava para bem longe aquela fumaça nociva. Assim, passaram pela floresta com segurança.

## UM GRUPO DESORIENTADO

Passado algum tempo, a brisa cessou dando lugar a um clima seco, pois o sol brilhava no seu auge. A fumaça nociva nesse horário de intenso calor conseguia penetrar entre os galhos e folhas da floresta. Não era um bom horário para se atravessar por ali.

Outro aventureiro seguia rumo à floresta, sorte que foi abordado pelo Sr. Correção. Teve sua vida preservada. Hospedou-se em sua casa até o momento certo de partir.

Um grupo de amigos que há muito havia se perdido, desbocou de um atalho longe da propriedade do Sr. Correção. Havia se perdido após se desviarem para uma vila. O lugar de aparência glamorosa havia lhes seduzido, assim foram parar na Vila-Sem-Juízo.

O lugar tinha costumes estranhos. Foi colonizado pela família Não-Nos-Importamos-Com-Deus. Seus moradores eram conhecidos como pessoas que não se preocupavam com nada, nem mesmo com a salvação da própria alma.

Certa feita passou um homem chamado Evangelista pela vila falando a respeito da salvação, foi brutalmente ridicularizado.

Tempos depois passou outro homem conhecido como Pregador-Da-Verdade. Este se pôs num palanque no centro da vila e falou ousadamente sobre uma condenação próxima àqueles que não dão ouvidos à verdade. Por um momento todos pareciam prestar atenção, até que alguém grita perguntando se havia saído de um sanatório. Gargalhadas se espalharam pela multidão. Assim, o Pregador-Da-Verdade foi embora sem convencê-los de sua loucura, pois eles é que estavam loucos.

Este grupo de amigos, quando chegou à vila, era contrário aos seus pensamentos e costumes, mas, inocentemente, provaram de uma bebida que era tradição do lugar. A bebida era na verdade uma droga que apagava o entendimento das pessoas, popularmente conhecida como Curtir-A-Vida. Seu nome científico e verdadeiro era Perda-Do-Temor-A-Deus.

Desde então, não se lembravam mais de suas origens, nem do caminho que fora abandonado.

Só que um atalho estranho os trouxe de volta ao caminho, na entrada da floresta. Logo se regozijaram porque novamente encontraram o cami-

nho. Porém, quanto mais adentravam à floresta, mais respiravam aquela fumaça nociva.

Não demorou muito para que suas cabeças começassem a doer. A respiração foi ficando insuficiente. Até que tornaram-se corpos estendidos no chão.

## NOVAS AMIZADES

Nessa altura, Valente e o amigo já estavam longe. Seguiam regozijando pela promessa que buscavam, mas logo observaram alguém voltando. Aproximando-se, Valente tentou puxar conversa, mas o homem nada respondeu, apenas seguiu sentido contrário sem nada responder.

Logo mais à frente encontraram um grupo que descansava, debaixo de uma árvore, estes sim quiseram conversa!

– Olá! – disse um cujo nome era Descuidado.

– Olá! – respondeu Valente.

– O que fazem aqui parados? – indaga Coração-Dobre.

– Estamos descansando. – respondeu Desorientado, outro do grupo.

– Caminhamos bastante e resolvemos parar um pouco para dar uma cochilada. – Irresponsável diz.

– Não é perigoso ficar por aqui? – Valente indaga. – Estas terras não me parecem muito amigáveis.

– Está enganado! – retruca Descuidado. – Por trás destas árvores se encontra a cidade Sono Espiritual. É uma metrópole muito grande. Lá ninguém incomoda ou exige algo de você! É um lugar amigável, muito bom de viver! Tenho muitos amigos que moram lá.

– Rummm!.... Rummm!.... Rummm!... – Sem-Ânimo, outro do grupo, tirava uma soneca no sopé da árvore enquanto conversavam.

A cidade de fato existia. Foi fundada pela nobre família Falsos-Mestres, cuja mãe a Sr<sup>a</sup>. Sofisma, havia idealizado seus conceitos. Atualmente a cidade é administrada pelo prefeito Ensinamentos-Errados, um velho muito gentil e admirado por todos.

– Vamos conhecer a cidade! – sugere Descuidado.

– Acho boa ideia! – diz Coração-Dobre.

- Não podemos! – diz Valente.
- E por que não? – replica Descuidado.

Valente estava determinado a não ir, mas, Coração-Dobre parecia atraído pela tal cidade.

- Vamos só dar um passada por lá. – diz Coração-Dobre.
- Não Podemos! – Valente se irrita.
- Então vamos nós! – sussurra Irresponsável.

Assim levantando-se todos seguiram rumo a tal cidade. Coração-Dobre insistia para que o amigo fosse também e ele respondeu:

– Se quiser segui-los não posso te impedir, mas continuarei seguindo o caminho certo.

Coração-Dobre pensou por um instante e resolveu acompanhar o amigo.

## A LOUCURA DE CORAÇÃO-DOBRE

Enquanto caminhavam, Valente passa a contar alguns fatos que tinha ouvido sobre a cidade Sono Espiritual. Disse:

- Este lugar é de fato perigoso e aquela cidade é o principal motivo.
- Como assim?

– Antigamente havia uma usina naquele lugar, produtora de uma energia conhecida como Influência-Negativa. Era uma usina nuclear, que certa feita acabou explodindo, espalhando radiação por quilômetros, que por sua vez causava uma doença diagnosticada na época como câncer-espiritual.

- Nossa!

– Acontece que as partículas da radiação ainda pairam sobre o lugar. Aqueles que acabam se expondo por muito tempo, acabam contraindo a mesma doença e conseqüentemente morrendo.

- Parece assombroso este lugar!

– É sim! Dizem que o cemitério da cidade é um dos maiores de que se tem notícia. Isto porque as pessoas morrem rápido naquele lugar.

Enquanto caminhavam, algo estranho acontece! Coração-Dobre começou a se sentir mal. Logo caiu no chão e começou a se estremecer.

O pobre homem era acometido de uma grave e terrível doença, conhecida como: Falta-De-Temor-A-Deus. Ora sim, ora não, o acometia, deixando-o nesse estado deprimente.

Todavia, um Doutor muito sábio conhecido também como Médico dos médicos, havia lhe receitado uma fórmula, extraída da raiz de uma árvore, a “raiz de Jessé” (Is 11.10 ), que por sinal era muito eficaz no tratamento contra a tal doença.

Um dia cochilou em um parque próximo ao caminho, onde havia ido descansar, e, quando acordou a fórmula já não estava em seu poder, alguém a havia roubado.

Assim que parou de estremecer, correu direto para uma mata à procura da tal raiz. Valente sem saber o que fazer apenas observava penosamente sua busca desesperada.

A raiz de que precisava não era encontrada em qualquer lugar. Ela é extraída de um madeiro, plantado num alto lugar chamado Gólgota (Jo 19.17). Local da qual o pobre homem já não lembrava mais sua localização, devido à sua loucura.

Então Valente seguiu só o seu destino e nunca mais teve notícias do amigo.

## A CERCA

Não demorou muito para que chegasse num sítio onde a plantação parecia perdida. Folhas e palhas secas por todos os lados, galhos apodrecidos erigidos sem folhas e vida alguma. Abutres ocupavam os cumes dos troncos secos. Apenas alguns feixes de joio ( Mt 13.40 ) pareciam vingar ali.

A cena devassa incomoda Valente. Sentiu um pouco de receio, parecia cenário de filme de terror. Alguns galhos se lançavam sobre o caminho, onde abutres repousavam e pareciam observá-lo. Evitava passar perto, quem saberia se não eram hostis.

Um espantalho à frente era sinal de que a terra não estava totalmente abandonada, embora não houvesse pássaros por perto para espantar. Apenas os abutres que faziam de seus braços lugar de repouso.

Enquanto atravessava, teve a impressão de estar sendo observado pelo espantalho. Deu uma curta parada e observou-o. Continuou. Deu

outra leve olhada e teve a impressão de que sua cruz tivesse mudado de direção, como que para observá-lo melhor. Apressou os passos. Alguns abutres ecoam um som sinistro.

Apressou os passos temendo o lugar, mas logo se deparou com uma cerca. Isto mesmo! Uma cerca que impedia a continuidade do caminho. Uma alta cerca de espinhos e arame farpado.

Precisava prosseguir. O lugar dava arrepios. Olhou para os lados e não viu onde iria dar a extensão da cerca. Resolveu pular. Ao escalá-la se feriu. Suas mãos ficaram ensanguentadas. Caiu no chão estremecendo de dor. Alguém grita:

– Por que se ferir se alguém já morreu neste lugar por você? – era o Sr. Palavra-De-Deus.

– O que disse? Alguém morreu neste lugar por minha causa? Explique melhor! Não estou entendendo. Por que faria isto?

– Para abrir um caminho para você! Não precisava ter se ferido. Veja que as quatro primeiras fileiras de arames foram arrancadas.

– É verdade, agora posso ver! Não havia percebido devido às trepadeiras que se aglomeram no sopé da cerca. Parecem ocultar perfeitamente o buraco, mas atentando bem dá para enxergá-lo. Se tivesse visto antes não teria me ferido.

– Esta cerca foi posta aqui justamente para prender as pessoas nesta terra perigosa. Aqui reina uma maldição imposta por um ser ruim chamado Apostasia. O sítio se chama Condenação. A maldição é uma colheita que se faz anualmente, a chamam de colheita maldita; pois o que se colhe não é trigo. Está vendo estas trepadeiras ramificadas por toda a extensão do sítio?

– Sim!

– São elas que fazem a colheita. De que forma? Sutilmente quando se despertam entrelaçam pernas e braços dos que no momento se encontram perdidos aqui. São tragados vivos para as profundezas da terra (Nm 16.32 ).

– Sério! Que lugar terrível!

– Acalme-se! O Senhor Deus enviou um Bode expiatório para romper a cerca ( Nm 7.16 ). Foi quem rompeu as quatro fileiras de arame; espaço suficiente para qualquer um passar, embora muito estreito ( Mt 7.13,14 ).

– Foi o Bode quem morreu?

– Sim! Tinha que morrer, não havia outro meio. A cerca estava muito bem estacada, uma força menor não seria capaz de rompê-la. Ao arrebatá-la, a cerca fincou sua frente, tecendo uma coroa de espinhos ( Mt 15.17 ). Agora vá! Fuja para o mais longe possível deste lugar tenebroso.

Sem perder tempo atravessa a cerca e dá no pé.

Infelizmente, nem todos conseguiam passar pelo buraco. Não porque fosse estreito de mais. Sim, de fato era bem estreito, mas tinha espaço suficiente para qualquer um passar. A questão é que alguns queriam levar algo mais do que precisava. Sr. Escravo-Do-Dinheiro era um deles. Trazia uma mala bem grande consigo. Dentro continha um material muito valioso, conhecido como Riquezas-Deste-Mundo. A mala não cabia no buraco. Tentou de todas as formas possíveis, mas não passava. tinha a opção de seguir sem ela ou ficar com ela e não atravessar. Julgou que a segunda opção lhe traria mais benefícios. Já outros não passavam porque de tão estreito e apertado que era o caminho teriam que se curvar, mas eram orgulhosos demais para isso

## 5 TERRA DOS ANÕES

Após um longo dia de caminhada, atravessava agora por belas paisagens, montanhas, flores, árvores frutíferas, penhascos, cordilheiras e até uma exuberante catarata. O lugar era encantador.

Mais adiante avista uma placa com letras bem grandes, que dizia: “TERRA DOS ANÕES, CUIDADO”.

Logo expressou um irônico sorriso, cogitando consigo mesmo: “– antes anões que gigantes”. – mas alguém lhe adverte:

– Não pense desta maneira! – disse o homem.

– Quem é você? – perguntou Valente.

– Me chamo Visão-Do-Mundo-Espiritual. Fui enviado para orientá-lo a atravessar este pedaço do caminho, que é muito perigoso.

– Mas não são apenas anões?

– Quanto menor o inimigo mais difícil de enxergá-lo! Por isso muitos acabam encerrando sua jornada por aqui.

– Parece que você tem razão! Vamos andando então! – Valente concorda.

Valente deixou o homem se tornar seu instrutor e seguiram conversando quanto aos perigos do lugar.

### UM IMPONENTE CASTELO

Logo avistam uma exuberante estrutura que se erguia sobre as colinas. Gigantesca e esplendida, era de tirar o fôlego. Ao vislumbrar a estrutura, Valente confessa nunca ter visto obra mais esplêndida

Aproximando-se do castelo, o Sr. Visão-Do-Mundo-Espiritual diz:

– Nele mora uma princesa e sete anões, seus sete filhos de criação. Seu nome é princesa Indiferença. Seus filhos são conhecidos como Sempre-Atrasado, Sempre-Ocupado, Sempre-Descontente, Sempre-Reclamando, Sempre-Chateado, Sempre-Contrário e Sempre-Tem-Uma-

Desculpa. Tome cuidado! Por trás da aparência exuberante dessa estrutura, se esconde uma masmorra. Seus sete anões são hábeis caçadores. Hora sim, hora não, capturam alguém, então o leva à masmorra do castelo, onde é acorrentado. Dificilmente os prisioneiros conseguem escapar da fortaleza.

– Como estes anões conseguem capturar alguém? – Valente fez a pergunta ironizando a pequena estatura.

– Como já disse, são hábeis caçadores, mas também capturam de outra maneira! Vê estas árvores frutíferas junto ao caminho?

– Sim!

– Não as coma! A princesa também é uma feiticeira e lançou um encanto sobre as frutas. Quem as comer logo irá adormecer. Pessoalmente é uma princesa de uma beleza incomum. Então, facilmente consegue seduzir um ingênuo. Por isso que a princesa Indiferença se faz num dos piores inimigos da jornada; sua aparência não revela quem é de verdade. Mas não se preocupe, não irá nos incomodar.

Logo o castelo ficou para trás, mas novos perigos estavam pela frente.

## OS IRMÃOS PILANTRAS

Pouco adiante, uma imensa árvore se lançava sobre o caminho. Aproximando-se o instrutor perguntou:

– Está vendo o perigo?

– Que perigo?

– Olhe bem!

Valente olhou mais uma vez para os lados e sem nada perceber, disse não enxergar.

– Está vendo aquela árvore?

– Sim!

– Tem uma casa escondida entre os galhos e folhas. Nela moram dois irmãos, conhecidos como Não-Tem-Nada-A-Ver e Não-Tem-Nada-De-Mais. São dois bandidos cruéis, descendentes do terrível bandoleiro Tudo-Podes, o mesmo que enganou Eva, dizendo que poderia comer do fruto proibido que se tornaria igual ao Senhor Deus. Estes dois pilantras

continuam a disseminar as mentiras de seu primeiro pai. Triste é saber que muitos são capturados por eles! Enganam e iludem os ingênuos com palavras persuasivas, oferecendo benefícios e riquezas em troca da sua confiança. Na verdade, seu instinto de natureza é roubar tudo o que puderem, assim como seu primeiro pai roubou a inocência de Eva.

Valente ficou um pouco preocupado, mas logo se distanciaram do perigo.

## SENHORITA ANSIEDADE

Mais adiante, se aproximando de uma encruzilhada, um senhorita muito bem trajada disse:

–Olá!

Perguntou também pelo seu nome. Sua casa distanciava a poucos metros dali e era de seu costume preparar refeições típicas da região aos que passavam, mas seu instrutor lhe advertiu:

– Não dê ouvidos a ela! Siga em frente, não pare!

Então seguiu sem lhe dar atenção.

– Chama-se Ansiedade. – disse o Sr. Visão-Do-Mundo-Espiritual. – Não é uma boa pessoa, muito menos para se ter como companhia, é cheia de más intenções?

– Me parecia uma pessoa gentil, quais são suas más intenções.

Ela trabalha também em um manicômio, onde por várias vezes foi acusada de maltratar seus pacientes. Parece que todas as torturas de que era acusada tinha o consentimento de seu chefe.

Enquanto seguiam proseando, dentro da casa da senhorita Ansiedade, Sr. Inquieto, um atrapalhado aventureiro, se deliciava com as guloseimas oferecidas pela senhorita. Passou ali apenas por estar faminto, estava com pressa, queria logo atravessar aquela província perigosa e chegar a algum lugar de descanso. A senhorita Ansiedade então lhe sugeriu um atalho, à qual economizaria quilômetros. Então seguiu.

Logo percebeu que era fácil caminhar por ele, era íngreme, até impulsionava a caminhar mais rápido. Não demorou muito e chegou numa parte tão íngreme que chegou a dar uma leve corrida. À frente havia

uma curva, virou tão rápido que não percebeu o penhasco que se ocultava atrás da curva, então caiu lá em baixo.

Na encosta do precipício, uma árvore gigantesca lançava suas raízes para socorrer aqueles que caíssem. Um bom velho conhecido como Sr. Temperança a havia plantado e cuidava dela. Mas não eram todos que conseguiam se agarrar nas suas raízes e pelo visto, o pobre do Sr. Inqueto também não gozou desta sorte

## PROVÍNCIA DOS PEQUENOS DEVEDORES

Pouco à frente passavam em frente de uma grande província, conhecida como Província dos Pequenos Devedores. O movimento parecia grande por ali, e Valente observou que alguns partiam para ela e dela voltavam livremente, sem serem incomodados.

– Eles têm livre acesso. – disse o Sr. Visão-Do-Mundo-Espiritual. – Vão para lá e quando resolvem voltar têm liberdade para isto.

– Mas como? Não entendi!

– Há um cartório muito famoso na província, ali são registrados e autenticados pequenas falhas e erros, que embora para alguns sejam imperceptíveis e insignificantes, no mundo espiritual tem muita valia. O cartório conhecido como Justiça-Própria tem como seu tabelião o Sr. Acusação.

Muitos recorrem a este cartório solicitando permissão para voltar ao caminho da salvação, que um dia deixaram, o que não lhes é permitido em outra província. Mas aqui, mediante a autenticação do tabelião, a permissão para retornar é emitida. O documento é chamado de Licença-Imprópria.

Todavia, com esta permissão, um aventureiro pode caminhar toda a jornada, chegar até a porta do lugar desejado, mas lá, haverá o Justo-Juiz, da qual o cartório Justiça-Própria é subordinado e tem que diariamente prestar contas de suas atividades. Irá analisar pessoalmente a emissão da Licença-Imprópria para caminharem. Certamente sua entrada será negada, pois a licença serve apenas para caminhar, mas não dá permissão para a entrada no paraíso, esta permissão apenas o Justo-Juíz pode conceder.

## A RAINHA

No alto de uma colina, erguia-se uma estrutura notável. Tratava-se do castelo da rainha da terra dos anões, a vossa majestade a rainha Imperfeição.

De suas altas torres dava para se enxergar toda a terra. Eram delas que a rainha costumava observar sua província.

Era de costume todas as tardes, a rainha se reunir com os seus nobres, para tratar de assuntos do reino. Entre eles, seus mais estimados eram o Sr Olhar-Impuro, Coração-Infidel, Indisposto, Criador-De-Contendas e Comodismo. A rainha tinha muitos súditos, mas estes eram de sua total confiança e também seus fiéis conselheiros.

Neste momento estavam lá reunidos, planejando um grande baile, onde convidariam muitos povos de cultura diferente. Um olheiro do reino, havia trazido um relatório sobre um povo “cujas leis são diferentes de todas as leis de todos os povos”(Ester 3.8), o que muito indignou a rainha. O glamoroso baile que planejavam tinha o intuito de atrair este povo diferente.

A incumbência dos preparativos do baile havia caído nas mãos do primeiro ministro, o Sr Pequenas-Mentiras. Publicidade era seu ofício, pois era dono de uma empresa de marketing.

Caminhando, Valente observava de longe o castelo, quando uma grande comitiva surge dirigindo-se a ele. Uma imensa ponte-levadiça é baixada, dando acesso à entrada do castelo. Seu instrutor então lhe fala:

– Esta é a comitiva do rei vizinho, muito poderoso na região, o rei Ingratidão. Veio se unir a rainha para medir força com um grupo de justiceiros que vem tentando desbravar a terra.

– Que grupo é este? –Pergunta Valente.

– É uma comitiva de varões valorosos, liderada pelo honrado cavaleiro Sede-Prefeitos-Como-Vosso-Pai-É. Já há muito, o grupo vem tentando destronar a rainha e já travaram batalhas sangrentas para isto. Porém, o castelo é quase intocável, firmado numa alta colina de difícil acesso.

A rainha por sua vez, ciente dos constantes ataques do grupo, tem procurado fazer diversas alianças a fim de fortificar seu reino e nunca permitir que seja tomado.

Embora ainda não tivesse obtido bons resultados em seu plano de destronar a rainha, o nobre cavaleiro e seus seguidores planejavam novos ataques. Tinham uma plena convicção de que um dia tomariam estas terras inimigas.

## A FAMÍLIA NEGLIGÊNCIA

O caminho seguia sua trajetória por belas paisagens. Agora atravessava dois belos lagos de águas cristalinas. Uma colina bem à frente fazia o caminho atravessar um extenso túnel, mas logo desbocava em outras lindas paisagens. Entre as tão lindas paisagens se destacava uma cascata de águas violentas.

Alguns paravam para se refrescar na cascata. Não enxergavam o perigo. Próximo, havia a fazenda da Família Negligência. Uma fazenda que produzia um estranho fruto chamado Inatividade, que era exportado para o mundo afora. De tão consumido que era o fruto, a família dependia de muita mão de obra, ou seja, mão de obra escrava. Costumavam capturar aqueles que vinham se banhar em suas terras.

A família atualmente era composta por dez irmãos e suas respectivas famílias, todos filhos da dona Esterilidade e seu marido o Sr. Descompromissado. Os filhos se chamam: Falta-De-Vontade, Falta-De-Empenho, Falta-De-Compaixão, Falta-De-Amor, Falta-De-Comunhão, Falta-De-Compromisso, Falta-De-Tempo-Para-Deus, Falta-De-Ânimo, Falta-De-Compreensão, e o caçula, Falta-De-Deus.

Apesar de a família ser bem grande não gostava muito de trabalhar, por isso usava mão de obra escrava. Um capataz, homem terrivelmente brutal, chamado Decadência-Espiritual, era quem mantinha a rotina e ordem da fazenda.

Os dez irmãos se encarregavam apenas no ofício de trazer novos trabalhadores, ou seja, escravos para lavrarem a terra. Disto gostavam muito de fazer e eram peritos na captura dos ingênuos.

## CONFORMIDADE-COM-O-MUNDO E SUA ARMADILHA

Valente seguia conversando com o Sr Visão-Do-Mundo-Espiritual, quando foi alertado de um perigo à frente. Um córrego cortava o caminho e tinha uma ponte de madeira com taboas falsas. Havia sido feita por um anão, conhecido nas redondezas como Conformidade-Com-O-Mundo

Aproximando-se da ponte, o Sr Visão-Do-Mundo-Espiritual alerta:

– Não vá pela ponte.

– Mas se não usar a ponte, não tem como atravessar! – questiona Valente.

– Está errado! A ponte não é o caminho. Um anão muito astuto a criou. As taboas estão soltas e são ocas, quem pisar nelas irá cair. Agora, veja a força da correnteza deste rio.

– Parece bem forte! – concorda Valente.

– Este rio que foi capaz de criar esta erosão tão grande com sua forte correnteza, se chama Sujeira-Da-Alma. Como pode ver, a água é bem suja e fede podridão. É que nele é lançado todo o esgoto da cidade Maldade-Do-Coração-Humano, que fica bem próxima.

– Realmente o cheiro é insuportável.

– Mas todo este esgoto nojento corre para um tratamento certo, um lago bem próximo daqui pra onde flui o rio, o “lago de fogo e enxofre” (Ap 20.10). A química do fogo e enxofre deste lago irá aniquilar todo e qualquer resíduo deste esgoto.

Todos os que caírem neste rio serão arrastados para este mesmo lago, pois não conseguirão vencer a força da correnteza. Por isso, esta ponte falsa foi posta. Todavia, venha, eu sei o caminho.

Descendo pela erosão, junto à ponte, havia algumas pedras bem firmes. Por elas podia-se atravessar. Assim escapou Valente de cair nesta sagaz armadilha e de ir direto para o lago de fogo e enxofre.

Atravessando o rio, estava próximo de deixar os limites da terra dos anões, mas ainda havia alguns povoados e províncias estranhas à frente. Entre tais, estava a tribo dos pigmeus, que também era conhecida como a tribo Vanglória, pois continuamente prestavam culto a si próprios. Povo de grande perigo. Estava também a Cidade-da-Inconstância e o Vi-

larejo-Dos-Descompromissados. Lugares perigosos, mas Valente caminhava em boa companhia, sempre era orientado dos perigos e de como evitá-los.

## O CASTELO DOS SEGREDOS DE DEUS

Algumas horas de caminhada e aquelas terras perigosas haviam ficado para trás. O Sr. Visão-Do-Mundo-Espiritual parou debaixo de uma árvore, em um lugar seguro, para que seu discípulo afadigado pudesse descansar.

Enquanto descansavam, não deixava de orientá-lo. Começou a falar de um castelo à frente onde deveria passar e que de forma nenhuma poderia seguir sem passar por ele. Tratava-se do Castelo-Dos-Segredos-De-Deus. O que muito atiçou a curiosidade de Valente.

Não demorou muito e disse:

– Já é hora de seguir. Não muito longe daqui está o castelo onde deverá encontrar repouso. Siga em frente e nunca se desvie para nenhum dos lados.

Então seguiu Valente o seu destino, sob rígida cautela, temendo a possibilidade de algum infortúnio lhe surpreender.

### O OBSERVADOR

Não demora muito é foi abordado por um sujeito estanho, mas de boa aparência, seu nome era Observador. Tinha a incumbência de extrair informações dos que conseguiam chegar até ali, pois já eram considerados destemidos e um perigo ao reino das trevas.

O sujeito se dispôs a caminhar com Valente. Prosearam um bom tempo. Observador demonstrava se interessar bastante pela sua aventura, sempre fazia perguntas a respeito de sua destemida confiança e se não havia se arrependido de ter deixado tanta coisa para trás.

Certa altura, o sujeito pergunta se algo seria capaz de fazê-lo desviar do caminho. Sua resposta foi direta e segura:

– Nada!

O sujeito então toma outro rumo e o deixa seguindo só.

Sua pretensão era apenas colher informações sobre o nível de fidelidade do aventureiro. Chegando a conclusão de se tratar de um dos chamados destemidos, passou a informação adiante. Desde então, Valente passou a ser conhecido no reino das trevas, pois a informação logo chegou e foi levada ao conhecimento das potestades.

## O LAGO DA UNÇÃO

Seguiu caminhando ansioso para chegar ao castelo. No caminho encontrou alguém que voltava. Puxou conversa com o homem, mas apenas disse que estava cansado, por isso voltava e que não queria mais sofrer neste árduo caminho de tantas dificuldades. Queria apenas retornar à sua velha cidade de onde tinha saído, a Cidade-Dos-Condernados.

Como era determinado, Valente não entendia muito porque alguns, aliás, muitos voltavam, se esta era justamente a única opção de fuga. Tinha também aqueles que se desviavam para outros caminhos.

Não demorou muito e avistou um vasto azulado adiante. Aproximando-se, percebeu se tratar de um lago de águas cristalinas. Porém, algo parecia estranho, o caminho findava nele. Por um instante se apavora, julgando a possibilidade de ter tomado uma direção errada. Mas havia seguido corretamente a orientação, não poderia ter se desviado.

Chegando perto viu que muitos estavam próximo ao lago. Pareciam esperar por algo. Então pergunta a um deles:

– O que faz aqui?

– Acho que o mesmo que você! – respondeu o homem cujo nome era Cristão-Sem-Unção. – Todos aqui são aventureiros, mas nos deparamos com este rio e todas as vezes que tentamos atravessá-lo, ele nos devolve às margens.

– Mas como assim? Ninguém consegue atravessar nadando?

– Alguns conseguem sim, mas nunca voltam para contar o segredo. Tente e se você conseguir, por favor, volte para nos contar o segredo.

– Vou tentar!

Então tentou atravessar o lago, que de tão grande que era não dava pra ver a outra margem e nem o que tinha lá. Caminhou até chegar num lugar fundo, onde “não podia atravessar, porque as águas eram profun-

das, águas que se deviam passar a nado, ribeiro pelo qual não se podia passar” ( Ez 47.5 ). Passou a nadar, avançou alguns metros, mas, logo começou a cansar e percebeu não estar conseguindo avançar, quando uma onda veio e o lançou de volta às margens.

Tentou mais uma vez e deu no mesmo. Tentou mais outra e mais outra, até que desistiu.

– Viu, disse que era difícil! – disse Cristão-SemUnção.

– Mas e agora, como podemos atravessar? – indaga Valente.

– Se eu tivesse resposta à sua pergunta amigo, certamente já não estaria aqui!

– Ninguém aqui tem a resposta?

– Olha, tem um homem que se diz ser muito instruído e que sabe de um atalho que conduz até ao outro lado.

– Quem é este homem?

– É conhecido como Dr. Teólogo-Sem-Vida-Cristã. Diz ele que depois de muitas tentativas frustradas de atravessar o lago, resolveu rodear o mesmo, desbravando um atalho que dava até a outra margem. Desde então tem orientado muitos a seguirem o atalho.

– E por que não seguiu ele então?

– Pensei em segui-lo por várias vezes sim, mas todos nós sabemos que não se deve seguir atalhos!

– É verdade!

Enquanto conversavam, observou que um entrou no lago e não voltou. Ficou abismado com a cena. Logo outro também conseguiu a mesma façanha. Assentou-se numa pedra e ficou observando, tentando desvendar o segredo. Quando ouviu um sussurro em seus ouvidos: – “O segredo do Senhor é para os que O temem” (Sl 25.14). -Olhou para ver quem falava e viu um velho de barba branca e perguntou quem era. O homem respondeu:

– Sou o Sr. Ensino. Venha até minha residência que te mostrarei algo.

O velho morava junto à margem do lago, numa cabana. Valente o seguiu.

Na sua cabana, embora humilde, havia muitos livros. O velho era uma pessoa dotada de conhecimentos e apta a instruir. Pondo um livro sobre a mesa perguntou:

– Que deseja saber?

– Desejo atravessar o lago.

– E por que não o atravessa? – retrucou o velho.

– Já tentei, mas ele sempre me manda de volta às margens.

– Oh sim! Venha até aqui, vou lhe mostrar uma coisa! – o velho o chamou a uma janela. – Olhe! O que vê?

– Vejo muitos tentando atravessar o lago, mas sempre são lançados de volta.

– Não! Você não está olhando direito, preste atenção!

Observou com mais cuidado, mesmo assim não conseguiu distinguir o que o velho queria lhe mostrar. Por fim disse:

– Olhe a mancha! – disse o velho.

Foi então que percebeu que quando entravam no lago de águas cristalinas, formava-se uma mancha escura. Era a sujeira do pecado deste mundo que trazia em suas vestes. Em seguida o velho disse:

– É necessário que “vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e vos revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade”( Ef 4.22,24 ).

– Está dizendo que devo me despojar destas vestes que trago? Este é o segredo?

– Olhe pra você moço! Não são vestes, são trapos de tão imundos que estão! A sujeira deste mundo impregnou neles, deve deixá-los! O homem certamente pode ser “purificado com a lavagem da água” ( Ef 5.26), mas estes trapos de maneira alguma podem ser limpos. “Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o mesmo remendo novo rompe o velho, e a rotura fica maior” ( Mc 2.22 ).

– Agora estou entendendo! Por que não falou aos outros o segredo?

– Me ignoram! Por ser velho acham que sou gagá, alguns até me tratam como caduco. Só posso ajudar quem aceita minha orientação. Outro motivo também, é que um homem conhecido como Dr. Teólogo-Sem-Vida-Cristã vem me difamando, disseminando a fama de caduco.

– Já ouvi falar de tal. Dizem que conhece um atalho e tem levado muitos por ele.

– “Aquele que vos inquieta, seja ele quem for, sofrerá a condenação” ( Gl 5.10). O conhecimento é bom e de grande valia se for usado de forma correta, mas quem se apropria dele para induzir outros ao erro, certamente será castigado. “O reino de Deus não consiste em palavras, mas em virtude” ( 1 Cr 4.20 ).

– De que virtude está falando?

– À frente está o Castelo dos Segredos de Deus. É ali onde se aprende muitas lições importantes, não há como seguir em frente sem o revestimento que nele se adquire. Mas, como você mesmo constatou, alguns seguem por atalhos, só que não irão muito longe. A jornada de agora em diante exigirá um preço e não há como pagar sem passar pelo castelo, pois é lá que se credita o devido valor que será exigido de cada um.

– E quanto àqueles que não se aventuram nos atalhos e nem conseguem atravessar o lago?

– Um dia aprendem! Se não se sabe o que fazer, o silêncio é um bom instrutor. “Bom é ter esperança e aguardar em silêncio a salvação do Senhor. Bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade; assentar-se solitário e ficar em silêncio; porquanto Deus o pôs sobre ele” ( Lm 3.26,28). O silêncio e o isolamento parecem agentes ruins, mas podem nos tornar bons observadores. Alguns acabam me procurando após algum tempo de reflexão, outros observam a conduta dos que vencem o lago e aprendem com eles, mas os precipitados que se aventuram nos atalhos não irão longe.

– Agradeço pela sua orientação, agora acho que devo partir, pois estou ansioso para chegar ao castelo.

– Bom homem! Sua ansiedade em descobrir os segredos do Senhor Deus é bem vista. Antes de partir, veja em meu livro o que encontrará lá: “Bem aventurado aquele a quem Tu escolhes e fazes chegar a Ti, para que habite em Teus átrios; nós seremos satisfeitos na bondade da Tua casa e do Teu santo templo. Com coisas tremendas de justiça nos responderá...” ( Sl 65.4,5 ). Agora vá! Siga sua jornada.

Estas palavras lhe geraram mais ansiedade para chegar ao castelo. Sem perder tempo foi. À beira do lago se despiu dos trapos que trazia consigo. Lançou-se no lago. As águas lhe “davam pelos tornozelos” (Ez

47.3), e não lhe ofereciam resistência. Pouco mais adiante já “davam pelos joelhos” ( Ez 47.4 ), também não lhe ofereciam resistência como das outras vezes. Mais adiante e já “davam pelos lombos” (Ez 47.4-b), e continuou, até que já se fazia num “ribeiro que não se podia atravessar, porque as águas eram profundas, águas que se deviam passar a nado” ( Ez 47.5 ).

Nessa altura já estava tão envolvido pelas ondas que misteriosamente se formavam no meio do lago, que, mesmo se quisesse voltar não conseguiria, pois se das outras vezes as ondas o lançava de volta, agora o impulsionava a seguir.

## O MORDOMO E O PORTEIRO

Não demora muito e já estava do outro lado. Ao pisar em terra firme, olhou e eis a imponente estrutura, o Castelo dos Segredos de Deus. Feliz por ter chegado ali, respirou fundo e admirou por alguns segundos.

De tão feliz que estava nem percebeu que um homem o aguardava. Então disse:

– Venha amigo! Tome suas novas vestes e venha comigo.

O homem era o mordomo do castelo, conhecido como Graça. Havia trazido vestes novas a Valente a pedido do Rei. Ao entregar as suas novas vestes também advertiu:

– “Em todo o tempo sejam brancas as tuas vestes, e nunca falte o óleo sobre a sua cabeça” ( Ec 9.8 ).

– Obrigado pelas vestes, mas quem é você? – perguntou Valente.

– Sou apenas o mordomo. Estou aqui para servi-lo a mandato do Rei.

– O próprio Rei te mandou me servir! – admira-se Valente.

– Ele próprio disse: “os meus olhos procurarão os fiéis da terra para que estejam comigo; o que anda num caminho reto, esse me servirá” ( Sl 101.6 ).

O mordomo então o conduziu à entrada do castelo. Porém levou um baita de um susto quando viu uma vala rodeando o castelo, cheia de jacarés.

– Não se preocupe! – disse o Mordomo. – Foram lançados ali para garantir que nenhum indigno passe adiante.

– Como vamos atravessar esta imensa vala?

– Não se preocupe, o porteiro irá baixar a ponte.

Então bradou ao porteiro para que baixasse a ponte levadiça. O porteiro, também conhecido como Adoração, abaixou a ponte para que pudesse entrar.

Atravessando pela ponte, os jacarés pulavam querendo tragá-lo, causavam medo, mas não podiam alcançá-lo, a ponte era alta. Além de alta era bem firme, feita de uma madeira extraída do Calvário e trabalhada sob medida para que pudesse dar acesso aos segredos do Senhor Deus.

Assim que adentrou, o porteiro trancou a porta. De agora em diante não tinha como voltar, pois o porteiro não tinha permissão de dar saída caso alguém quisesse voltar. Mas se ainda assim, alguém que com tanto esforço conseguiu chegar ali quisesse voltar, havia a possibilidade de pular de uma das janelas do castelo caindo na vala dos jacarés. Esta era a única maneira de voltar, isto se alguém quisesse!

Como estava bastante cansado, o mordomo o conduziu a um dos aposentos para que pudesse descansar.

## A FAMÍLIA DOS FALSOS ADORADORES

Uma família de imigrantes, a dos Falsos-Adoradores, já havia tentado várias vezes adentrar ao castelo, mas em todas, o porteiro havia negado acesso. Resolveram então criar uma ponte própria, o que lhes daria acesso.

O projeto demorou, mas saiu do papel. Conseguiram construir a tal ponte. Pena que a madeira escolhida era imprópria e estava consumida por cupins. Sem perceberem que estava oca por dentro, se aventuraram crentes de que desta vez teriam êxito. No meio do caminho veio o inevitável, a ponte cedeu. Caíram todos na vala dos jacarés.

Ora sim, ora não, sempre havia alguém tentando invadir o castelo. Embora muitos tentassem de várias maneiras, a verdade é que sem a permissão do porteiro ninguém podia entrar.

Certa vez, outro grupo, membros da família Amantes-De-Si-Mesmo, demonstrou bastante ousadia ao tentar invadir o castelo através de um balão que construíram. Enquanto sobrevoavam as proximidades do castelo, um dos guardiões atirou uma flecha certa, derrubando-o.

## O CAFÉ DA MANHÃ

Após uma noite de descanso, um tok! tok! na porta desperta Valente. Era o Sr. Graça. Já era dia, era hora de despertar, pois o dia seria muito proveitoso. Para que se começasse bem o dia, uma saborosa mesa de café da manhã estava posta.

Não apenas Valente iria saborear aquela mesa farta, havia outros corajosos aventureiros presentes. Todos vinham de grandes batalhas e sofrimentos, mas se estavam ali é porque eram dignos.

Aos poucos, começaram a expor suas façanhas. Todos tinham algo a contar, se chegaram tão longe é porque duras dificuldades haviam vencido.

Um deles, o Sr. Corajoso, detalhou que seus oponentes não tinham muita chance contra ele porque era destemido. Só que um dia, ousou desafiar o poderio de um gigante que jamais poderia enfrentá-lo, era o temido Vontade-Da-Carne. Foi acorrentado e trancado num calabouço escuro. Ali não enxergava a luz do dia, respirava mofo ao invés da brisa, era mal alimentado por coisas imundas que o gigante lançava na cela, foram tempos terríveis.

Porém, um dia, aproveitando da ausência do gigante, clamou bem alto por socorro. Um cavaleiro que possuía o ouvido bem aguçado ouviu o clamor e foi resgatá-lo. Na verdade, era bem mais que um cavaleiro, era o Duque Pureza, varão de grande estima no reino de Deus.

O gigante, quando se deu conta do rapto de seu prisioneiro, foi atrás para trazê-lo de volta, mas o Duque se dispôs a lutar com ele. Travaram uma longa batalha pela vida do homem. Nesta batalha, o gigante muito forte e destemido arremessava o Duque longe com seus golpes e às vezes, parecia perto de vencer a batalha. Desta vez saiu perdedor, fora abruptamente ferido por um golpe de espada, mas não morreu. Em seguida advertiu o aventureiro para que corresse o mais rápido que pudesse, assim fugira do gigante enquanto estava enfraquecido. Também advertiu

que se demorasse, logo o gigante recuperaria suas forças e iria à sua procura.

Outro aventureiro contou como ficou anos aprisionado por um anão. Tratava-se do tal Mediocridade. O anão durante anos limitou a sua vida a uma rotina superflua, passava o dia todo acorrentado, alimentando uma colônia de gafanhotos ( Joel 1.4 ).

Até que um dia resolveu dar um basta. Ao invés de cumprir a ordem diária de alimentar os gafanhotos, resolveu fugir, embora soubesse que estaria correndo risco de vida. Fugiu levando suas correntes consigo, mas fugiu! Na sua fuga encontrou um homem que cortou suas correntes devolvendo-lhe a liberdade.

Obediente era outro que havia caído em desventura, embora fosse um dos mais fiéis. A companhia de um nativo da Terra da Mentira, o Sr. Errado, o havia distraído, fazendo com que errasse o caminho sem que percebesse. Acabou indo parar nesta mesma terra, onde posteriormente foi assaltado por dois pilantras e lançado numa cova escura.

Como era um aventureiro muito querido e de boa reputação, embora houvesse perdido a direção, o Bom-Pastor logo se propôs a trazê-lo de volta.

Nessa mesma Terra da Mentira, outro que ali estava, o Sr. Determinado, havia passado por maus momentos. Na verdade foi por pouco que não perdeu a vida, pois ali fora condenado à forca. Todavia, um forte guerreiro de nome Conheceréis-A-Verdade-E-A-Verdade-Vos-Libertará, o livrou na hora da sua execução, devolvendo-lhe a liberdade.

Cada um tinha a sua história e a expunha para que compartilhando, pudesse também fortalecer a fé dos outros. Embora houvessem chegado num lugar seguro, sabiam que a jornada não findaria ali, ainda restava muito a ser caminhado.

## ÁTRIO DA REVELAÇÃO

O mordomo passa a chamá-los de dois em dois, para irem ao átrio da revelação, um lugar onde coisas importantes seriam reveladas. Logo chegou a vez de Valente e com ele, um que se chamava Prudente.

Ao átrio, havia uma sala com várias portas, perguntou se queriam a revelação dos segredos do Senhor Deus. A resposta claro foi sim! Então disse o mordomo:

– Abram as portas e entrem então! Se chegaram até aqui basta abrirem as portas.

Valente dirigiu-se a uma das portas, mas estava fechada. Tentou outra, mas de igual modo estava fechada. Tentou outra e mais outra, até que todas se findaram sem conseguir abrir nenhuma.

Em seguida tentou Prudente. De igual modo tentou uma por uma até se findarem e estavam todas trancadas.

O mordomo então lhes disse:

- “O segredos do Senhor é para os que o temem.” (Sl 25.14 ).

– Estão todas trancadas! – expressa Valente. – Como podemos abri-las?

– Venham comigo! – o mordomo os chama.

Os levou a uma sala onde havia uma “pia de cobre com a base de cobre, dos espelhos das mulheres” (Ex 38.8). Dizia-se que aquela pia refletia quem realmente somos ao olhar para ela.

Então pediu para que Valente olhasse. Logo perguntou o que via. Disse que nada, apenas seu rosto. Então foi a vez de Prudente. O mordomo então lhe perguntou o que via. Sua resposta foi a que via apenas seu rosto. O mordomo insistiu que olhasse com mais atenção.

Foi então que percebeu algo balançando em seu pescoço, da qual nem se lembrava, uma chave que trazia junto ao seu pescoço.

– Onde conseguiu esta chave? – o mordomo pergunta.

– Me foi entregue por um mestre quando me hospedei em sua casa, o Sr. Fidelidade. Lá tive grandes ensinamentos e antes de partir, me deu esta chave e disse “ata-a ao teu pescoço” (Pv 3.3). Disse que necessitaria desta chave, por isso não deveria perdê-la.

– Muito bem, você guardou a chave. Com ela pode abrir as portas, pode se dirigir a elas.

Enquanto Prudente se dirigia às portas, Valente se estremecia, temendo ser rejeitado, pois sequer tinha conhecimento da tal chave. Até que o mordomo com um relatório em suas mãos lhe perguntou:

– Por que não guardou a sua chave se precisaria dela?

– Mas nunca tive esta chave! Nem sei onde consegui-la!

– Realmente você diz a verdade! Nunca teve conhecimento da chave porque nunca passou onde deveria recebê-la! Vejo em seu relatório que numa certa encruzilhada, desviou-se para o desfiladeiro Desventura. A poucos metros à frente estava a casa do Sr Fidelidade, mas você não passou por lá, certo?

Envergonhado Valente concorda. Também questiona como sabia de sua falha. O Mordomo diz:

– “Estamos rodeados de uma grande nuvem de testemunhas” (Hb 12.1 ). Não há como esconder nada. Sempre haverá alguém te observando.

– Isto significa que serei condenado?

– De maneira alguma! Meu trabalho não é condenar, é levar as pessoas à salvação. Haverá um dia em que serei retirado, não mais estarei aqui para servir, este dia sim as portas serão fechadas definitivamente. E creia “o tempo está próximo” ( Ap 1.3 ). Quanto à sua chave, apesar de sua falha, sei também de sua bravura, como retornou ao caminho e por isso chegou aqui. Tome, pegue a chave e abra as portas, porque sua jornada será longa ainda e para conseguir cumpri-la precisará de revestimento.

Assim se dirigiu à primeira porta.

## SALA DA VERDADE

Abre, e vê uma luz que a princípio parecia ofuscar sua vista, na verdade era apenas o reflexo da clareza dos ensinamentos contidos ali dentro. Ouviu logo uma voz chamando-o para entrar, então o fez.

Um homem de aspecto resplandecente o aguardava, seu rosto não podia ser visto pelo seu esplendor, mas logo disse:

– Sente-se! Me chamo A-Verdade.

Sobre a mesa abriu um livro e começou a mostrar-lhe pelo seu livro, o que fazia ali. Assim dizia o mesmo : “Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao pai senão por mim” (Jo 14.6 ).

– O que você tem visto no percurso do caminho a que se aventurou?  
– perguntou o homem.

– Tenho visto muitas coisas! Perigos, inimigos, pessoas voltando, se desviando...

– Muito bem! Muitos caminhos são apresentados nesta vida, mas creia, apenas um conduz à salvação. Escolheu bem o caminho! O mesmo o trouxe aqui, na Sala da Verdade! É aqui onde a conduta deve mudar, não mais será chamado de um aventureiro, mas sim de um soldado. Ainda deve caminhar até a Canã-Celeste, o lugar tão almejado, também conhecido como Vida. Somente lá estará seguro para todo o sempre. Todavia, muitos inimigos ainda restam e inimigos terríveis tentarão impedi-lo de prosseguir.

– Tenho consciência dos perigos e inimigos à frente e estou disposto a enfrentá-los.

– Para enfrentá-los, precisa ter “os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal” ( Hb 5.14 ). Muitos inimigos surgirão com a aparência do bem, quando na verdade não passam de lobos devoradores ( At 20.29 ).

Há também um forte inimigo à frente, o monstro do lago. Alguns o chamam de o inimigo desconhecido, pois sozinho é mais forte que todas as hostes e potestades do reino das trevas.

– Nossa! – Valente se assusta. – Mas que inimigo é este que é tão poderoso assim?

– É o que terá que descobrir! Como disse, alguns o chamam de o inimigo desconhecido. Sua origem, sua força, seu poderio, é um mistério que muitos vêm tentando desvendar. Verdade é que muitos são derrotados por ele e após muito caminhar, acabam findando sua carreira perante o próprio.

– E como conseguirei derrotar o tal, só de ouvir seu poderio dá arrepios?

– Veja o que diz o livro: “sofre pois comigo as aflições como bom soldado de Jesus Cristo. Ninguém que milita se embarça com negócios desta vida, a fim de agradar aquele que o alistou para a guerra” (2 Tm 2.3,4 ). De agora em diante não será mais um aventureiro, será um bravo soldado de Cristo, alistado para a guerra. Aja como um soldado, não se embarace com negócios desta vida. Seja fiel até o fim que certamente chegará ao sonhado destino. Sua fidelidade também estará em teste. Sei que o nosso mordomo o Sr. Graça deu um jeito num problema causado

por um ato de infidelidade sua! Porém, entenda algo no meu livro: “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5.21 ). Agora veja o que diz um pouco mais abaixo: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele” ( Rm 6.1,2 ).

– Sei que falhei e me envergonho disto!

– Sua falha já foi esquecida, não se preocupe! Apenas recitei para que não cometa o mesmo erro lá na frente. Terá que ser mais cuidadoso que antes, agora estará levando consigo, sete valores de grande estima, muitos tentarão roubá-lo.

– Que valores são estes?

– Logo os receberá. Agora entenda mais uma coisa...

O dia foi avançando e Valente permaneceu ali até anoitecer. As revelações que recebia pareciam transformar seu interior gerando vida. Esta era a finalidade daquela sala.

## SALA DO MEMORIAL

No dia seguinte, é levado a outra sala, a sala do memorial. Lá, foi entregue aos cuidados do Sr. Oportunidade.

A sala era rodeada por vidraças e prateleiras, cheia de objetos de grande estima. Valente logo ficou encantado com o lugar. Sr. Oportunidade, o zelador da sala, então lhe disse:

– Nesta sala contempla-se a bravura dos grandes soldados do passado. Estas relíquias estão expostas para que a memória dos grandes homens do passado sirva de exemplo; “homens dos quais o mundo não era digno” ( Hb 11.38 ).

Na sala havia todo tipo de armas, que um dia serviram de auxílio aos vitoriosos do passado. Havia espadas, escudos, capacetes, arcos e flechas, cravas e muitos outros. Destacava-se a espada do rei Davi ( 1 Sm 17.51), a qual antes havia pertencido ao gigante Golias, a funda (1 Sm 17.49) com que o derrotou, esta num lugar de honra; a queixada ( Jz 15.15 ) com que Sansão matou mil homens; A vara ( Ex 4.2) com que Moisés desafiou o poderio do Faraó e muitos outros utensílios.

Era no centro da sala onde estava a maior arma de todas, a maior relíquia e de maior estima, uma cruz ( Lc 23.26 ). Aos pés daquela relíquia, o zelador passa bom tempo expondo o seu valor ao soldado. Elucida sua importância, seu valor, a paz que trouxe o sofrimento causado por ela, ressalta também que, nada nesta sala teria valor se não fosse pela cruz.

Em uma mesa, havia um memorial que dizia: “os quais pela fé venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos” (Hb 11.33,34). Assentando-se junto à mesa, o zelador passou a dar orientações a Valente sobre o memorial:

– Este texto fala de alguns atos de bravura daqueles que lutaram no passado. Há muitos outros (Hb 11.1,40), veja na exposição do memorial.

– Sim! Vejo que são muitos, e que fizeram coisas tremendas e incompreensíveis.

– Pois bem, mas eles já se foram, cumpriram sua carreira! Hoje é o momento dos que trilham este caminho. Pois como diz o provérbio: “melhor é o cão vivo do que o leão morto” ( Ec 9.4 ). Esta é a sua vez. Deve construir uma carreira vitoriosa como a destes bravos soldados do passado, jamais esmorecer.

Enquanto o Sr. Oportunidade enfatizava a bravura e a virtude que devem acompanhar um soldado, o dia foi-se declinando. Logo já era noite. Logo também já era hora de descansar, a espera de mais um dia glorioso nos átrios secretos do castelo.

## SALA DA SABEDORIA

No dia seguinte, foi conduzido a mais uma sala, a sala da sabedoria. Ao adentrá-la, não viu nada. Abismado, prosseguiu andando, até chegar a uma janela que dava para um campo. Lá fora não havia nada, apenas um vasto campo, mas junto da janela havia um vaso com uma planta.

Não havia ninguém ali, apenas o silêncio e uma incômoda solidão. O que teria que aprender ali? As horas foram passando e ninguém surgia, parecia esquecido. Nessa altura já estava inquieto ao extremo, estava se sentindo esquecido numa sala vazia e de pouca importância.

Até que ao entardecer, após quase um dia todo enclausurado numa sala solitária, ouve uma voz:

– “Voltei-me e vi debaixo do sol que não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes a peleja, nem tampouco dos sábios o pão, nem ainda dos prudentes a riqueza, nem dos inteligentes o favor, mas que o tempo e sorte pertencem a todos” (Ec 9.11).

– Quem está aí? – pergunta Valente.

Porém a voz apenas repetiu o verso e por mais uma vez. Por fim, divisou um ancião de branco, junto à pequena planta. Que se identifica:

– Como vai bom soldado? Sou o sábio do castelo, o Sr. Tempo. O que deseja saber?

– Não entendi! – disse Valente. – Achei que receberia uma lição aqui, mas está perguntando pelo que quero saber?

– Exatamente! A lição você já recebeu, basta ver o que aprendeu com ela!

– Mas que lição?

– O silêncio! Deve ter tirado muito proveito das horas que sucederam nesta sala!

– Na verdade não sei, não entendi, achei que fui esquecido!

– Então, presumo que desperdiçou o tempo que passou aqui!

Valente sussurra, mas fica sem resposta.

– É comum das pessoas desperdiçarem seu precioso tempo só por enxergarem apenas um vazio na vida. Todavia, “bom é ter esperança e aguardar em silêncio a salvação do Senhor. Bom é para o homem suportar o julgo na sua mocidade; assentar-se solitário e ficar em silêncio; porquanto Deus o pôs sobre ele” ( Lm 3.26.28 ). Entende o que quero dizer? – pergunta o Sr. Tempo.

– Acho que não!

– “As palavras dos sábios devem em silêncio ser ouvidas.” ( Ec 9.17).

Percebendo a confusão no raciocínio do soldado, pegou a pequena planta e disse:

– Veja esta pequena planta, está aqui, quase que imperceptível. Poucos a notam, mas ainda assim ela tem o seu valor. O campo lá fora poderia ter uma floresta, mas está vazio, a sala aqui poderia ter muitos móveis, mas está vazia, o que restou então, a pequena planta. Ela não chamaria muito a atenção se houvesse uma floresta lá fora ou se a sala tivesse cheia, certo?

– Concordo.

– Assim, as pequenas coisas mas importantes da vida são ofuscadas pelas grandes, que nem sempre são necessárias. É desta forma que muitos desperdiçam seu tempo e vida.

– Agora acho que entendo! – disse Valente.

– Sim, parece que está entendendo! Quero lhe contar uma história também, está neste livro; veja: “E fez o Senhor Deus nascer uma aboboreira, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar de seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa da aboboreira. Mas Deus enviou um bicho, no dia seguinte, ao subir da alva, o qual feriu a aboboreira, e esta se secou” ( Jn 4.6,7 ). Entendeu a lição?

– Não! – responde Valente. – O texto é muito curto, não parece uma história, parece apenas uma parte da história deste profeta Jonas.

– Creia, é uma história! Não estou falando do profeta, é a história desta aboboreira, curta, como mesmo percebeu, mas que mesmo com pouco tempo de vida escreveu a sua história. Ela nasceu em um dia e não nasceu do nada, Deus a fez nascer, assim como todos um dia surgem. Segundo, ela nasceu com um propósito e o cumpriu. Depois, no dia seguinte, o ensejo foi dado a um bicho, que findou com a sua vida. Ela cumpriu o seu propósito em um dia e depois morreu, outro ocupou o seu lugar. Teve apenas um dia de vida, mas neste dia foi capaz de fazer aquilo para que foi chamada à existência. Do contrário, muitos têm desperdiçado uma vida inteira de muitos anos, fugindo do seu propósito e se esquecendo de que não surgiram do nada, antes, foram criadas pelo Senhor Deus e que um dia irá pedir contas do que foi feito em suas vidas. Amanhã, o sol pode não se levantar para você, sua oportunidade pode logo findar. Cumpra o seu propósito, não desperdice o tempo. No livro também está escrito: “portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porquanto os dias são maus” ( Ef 5.15,16 ). Veja o que é ser sábio: o texto chama de

sábios aqueles que sabem remir o seu tempo. Siga este exemplo também!

Após a orientação, Valente retorna aos seus aposentos onde passaria a noite meditando sobre todas as palavras ditas pelo sábio.

## SALA DO REVESTIMENTO

No dia seguinte, é conduzido a mais uma sala. Lá foi entregue aos cuidados do governante do castelo, o Sr. Unção. Nesta sala não estava sozinho, outros aventureiros também estavam, era o dia do revestimento. Logo disse a Valente e aos outros:

– Grandes lutas e batalhas ainda estão por vir, “portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau” (Ef 6.14).

O governante continuou dizendo:

–“Estais, pois firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça, e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobre tudo o escudo da fé, com a qual podeis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6.14.17).

Estes eram os itens que compunham a armadura de Deus, da qual os soldados seriam revestidos. Ninguém poderia prosseguir sem a armadura, mesmo porque não iria muito longe.

Assim foi entregue a cada um dos presentes a armadura. Desde então já não eram simples aventureiros, mas valorosos soldados prontos para a batalha.

Encerrada a cerimônia do revestimento, os corajosos soldados passaram a tarde no pátio exterior do castelo, aos cuidados de um cavaleiro, o Sr Autoridade-Espiritual. O cavaleiro os ensinava a como manusear cada item da armadura. Tê-la não era suficiente, tinham que saber manuseá-la. Estavam sendo treinados.

## SALA DA JUSTIÇA

Mais um dia e mais uma sala revelando preciosos segredos. Desta vez foi conduzido a uma sala onde não iria receber lição, mas algo precioso, muito precioso e que deveria levar consigo.

Além da porta havia uma tribuna. Alguém lhe disse:

– Aproxime-se!

O mordomo diz:

– Este é o Advogado, vá até Ele, e ouça-O!

Junto com o Advogado, na tribuna, estavam dois assessores, o Sr. Responsabilidade e o Sr. Justiça-Divina.

– Nobre soldado. – disse o Advogado. – Vejo nos relatos de seus feitos que é destemido e digno de estar aqui, mas, para entrar no Reino almejado, terá que ser aceito pelo Juiz, na verdade pelo Justo-Juiz daquele lugar, o Juiz que não comete falhas e por isso não permitirá que nenhum indigno adentre os portões celestiais.

A questão, é que ainda resta parte da jornada a ser desbravada, e muitos inimigos irão lhe opor, irão fazer o possível para detê-lo. Deverá então provar sua fidelidade. Também há uma clausura na legislação do Justo-Juiz que diz: “desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, e fazendo conforme todas as abominações que faz o ímpio, porventura viverá? De todas as suas justiças que tiver feito não se fará memória; na sua transgressão com que transgrediu e no seu pecado com que pecou, neles morrerá” ( Ez 18.24 ).

Ao terminar de ler a clausura, pediu ao Sr. Responsabilidade para entregar um alforje. Nele continha sete moedas de “ouro provado no fogo” (Ap 3.18), também chamadas de preciosas Renúncias. E disse:

– Estes valores que está recebendo é o preço que terá que pagar para seguir adiante. Se alguém lhe roubar, uma que seja destas moedas, não terá com que pagar o preço quando exigido. Portanto, guarde bem e não as perca. Saiba também que muitos procurarão roubá-las, o inimigo sabe que sem elas não irá longe.

Caso não pague o devido preço quando for exigido, estará infringindo uma lei e será notificado ao Justo-juiz. Esteja ciente desde então que não será aceito pelo Mesmo, quando estiver diante Dele. Portanto, não

infrinja a lei, não tome atalhos, siga firmemente o caminho e pague o preço quando exigido.

Após mais algumas advertências, Valente foi dispensado com suas preciosas Renúncias nas mãos.

## ÚLTIMAS INSTRUÇÕES

Após um precioso tempo acomodado na segurança do Castelo dos Segredos De Deus, é chegada a hora de partir. Mas antes, o mordomo conduz Valente a uma alta torre do castelo. De lá se podia ver a grande planície que se estendia até ao horizonte.

Então disse o Sr Graça:

– Valoroso Soldado, observe o que se passa por toda esta planície!

Dali dava pra ver tudo o que se passava na planície. Podia ver os atalhos errados e onde eles levavam. Podia ver muitas armadilhas e emboscadas que os inimigos armavam. Podia ver as fortalezas inimigas, as cidades e vilarejos imorais e também muitos que um dia seguiam fielmente se desviando para um dos atalhos ou civilizações vizinhas. Então continua:

– Aqui é o lugar onde se pode compreender o que se passa lá em baixo, você está no lugar privilegiado.

– Isto é verdade! – disse Valente.

– Quanto àqueles que cirandam lá em baixo de um lado para outro, nada sabem! Veja bem: “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido”(1 Cr 2.14,15).

– Realmente, estando aqui em cima posso enxergar as ciladas do inimigo, seus caminhos errados e também entender a hipocrisia de muitos que alegam seguir o caminho, mas pouco se comprometem. – ressalta Valente.

– Hoje você pode enxergar o que a muitos não é permitido, porque foi achado fiel. Todavia, olhe para o caminho, foque-se nele! Está vendo onde ele vai dar?

– Posso enxergar apenas até as montanhas, onde morre o sol, lá no horizonte.

– Se é até onde consegue enxergar, foque-se no que encontrará além daquelas montanhas, pois “as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram no coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam” ( 1 Cr 2.9).

Mantenha o foco em sua jornada e nunca se desviará dela.

Lentamente se aproximava a noite. Quando então o Sr. Graça dispensou o soldado para que descansasse, pois deveria partir logo de manhã.

## A PARTIDA

De manhã bem cedinho é despertado. Aprontou-se e após uma bela refeição, estava novamente com o rosto voltado para o horizonte.

Junto com ele outro soldado também estava pronto para partir. Seu nome era Intrepidez. O mordomo orientou que caminhassem juntos, não era bom que andassem sozinhos, assim seriam menos vulneráveis a algum tipo de perigo.

Então saíram caminhando. Agora já não como simples ou pretendentes aventureiros, mas como valorosos soldados de Cristo.

## PERIGOS OCULTOS

Em sua nova aventura, agora, junto com o amigo, iria enfrentar um inimigo diferente. Menos amedrontador talvez, mas isto apenas na aparência, pois o território à frente ocultava perigos letais. Bastava um pouco de descuido para encerrar a jornada neste território.

O território à frente era perigoso. Melhor fosse enfrentar um gigante que pudesse vê-lo, ou um monstro ou mesmo uma fera, do que um que age silenciosamente. O perigo de se prender em suas armadilhas é muito maior.

Embora fosse grande o perigo que os aguardava, estavam preparados. Havia sido revestidos no Castelo dos Segredos de Deus. Estavam confiantes.

### RECORDAÇÕES DE DIFICULDADES VENCIDAS

Com um companheiro de jornada agora, Valente tinha alguém para compartilhar suas ideias e pensamentos, pois ambos tinham o mesmo propósito. Caminhavam proseando então:

– Amigo, vejo que nossa jornada ainda está longe de terminar, mas já vencemos boa parte da mesma e devemos nos alegrar! – disse Valente.

– Sim! De fato já chegamos tão longe que, mesmo se quiséssemos voltar, acho que já não poderíamos! – Intrepidez diz.

– Nem me fale uma coisa dessas, voltar atrás depois de tantas lutas vencidas!

– Foi apenas um comentário, voltar está fora de cogitação! Estou seguindo para o alvo (Fl 3.13,14 ). Tudo o que ficou para trás é de nenhum valor perto da glória que sei, breve irei receber.

– Fico feliz pela sua convicção! É bom andar em companhia de quem realmente é fiel aos mandamentos do Senhor Deus, pois já passei por maus caminhos por causa de influências erradas. – Valente diz.

– Fico feliz por ter uma boa companhia também, pois também já cai em desventura por causa de conselhos errados.

– Verdade? Conte-me! Seria bom ouvir um pouco de seus feitos.

– Certa feita, de tão cansado que estava, parei para descansar debaixo de uma árvore. Uma pessoa se aproximou, se não me falhe a memória seu nome era Falso-Mestre. Lembro-me de ter me convencido com uma conversa de que eu estava num lugar perigoso, arriscando de mais em minha aventura. Falou-me de um lugar que, por suas palavras parecia maravilhoso, se chamava Igreja Acomodada, este era o nome do lugar. Também se dispôs a me levar até o tal lugar, e o fez. A princípio, confesso que parecia que havia despertado de um encantamento e que teria encontrado o lugar certo. Mas o tempo foi passando, quando percebi que o tal lugar era gerenciado por um demônio chamado Cegueira-Espiritual. Ainda bem que quando despertei, ainda não era tarde demais, porém perdi muito tempo precioso lá.

– Realmente há muitos fanfarrões prontos para enganar qualquer um que cruzar seu caminho. – diz Valente. – Lembro-me, que certa vez, um sujeito chamado Sr. Engano tentou me induzir a deixar o caminho.

– Já cruzei com este sujeito também!

– Também?

– Sim! Ele é muito perspicaz e malicioso no que diz, é uma vil pessoa. Induziu-me a seguir um atalho que leva a um vilarejo que mais parecia um labirinto, conhecido como Confusão-Espiritual.

– Vejo que você palmilhou por maus caminhos dando ouvidos a pessoas erradas!

– Eu que o diga! Meu passado é cheio de falhas. Mas hoje aprendi a lição, não dou mais ouvidos a qualquer um que surge no meu caminho. Certa vez, também passei um tempo aprisionado. Desta vez não por ter dado ouvido a pessoas estranhas, mas por ter sido derrotado por um gigante, seu nome era Cobiça. Travei uma dura batalha com o gigante, certo de que podia vencê-lo. Mas não estava preparado para isso. O gigante era adestrado em batalhas, sabia como se comportar numa luta. Eu era um aventureiro iniciante ainda, nada sabia sobre como vencer uma batalha. Por fim, ele esperou que eu cansasse, então conseguiu me capturar. Sorte a minha que logo depois fui libertado pelo Sr. Palavra-De-Deus, que me deu uma nova chance de seguir.

## A BOLA DE FERRO

Enquanto caminhavam conversando, avistaram lá na frente um homem que parecia manquejar. Andava dificultoso, logo o alcançaram. Observaram que o homem arrastava uma bola de ferro acorrentada em sua perna. Intrepidez então pergunta:

– Olá! Como se chama bom homem?

– Olá! Me chamo Sr. Rebelde. E vocês?

– Sou Intrepidez e este é meu amigo Valente. O observamos ainda de longe que tinha dificuldades para caminhar e agora mais nos intriga ao ver esta bola de ferro acorrentada em você.

– Este é o pesar da minha vida!

– Como assim, conte-nos! – Valente diz.

– É uma terrível desventura na qual cai. Numa certa parte do caminho, já cansado de tanto caminhar, resolvi trilhar outra direção que aparentemente era mais fácil. Segui então o Desfiladeiro-Da-Insubmissão. O que eu não sabia era que o destino que ele levava era uma senzala de escravos. Tentei fugir, mas de tão perto que estava fui avistado e logo fui capturado por um capataz e levado ao Sr. Feudal. O homem era terrivelmente bravo, se chamava Maldição. Foi ele quem me aprisionou a esta bola de ferro e me pôs para trabalhar em suas terras.

– Que terrível desventura você caiu amigo! – Intrepidez diz. – Mas se conseguiu escapar por que ainda carrega esta bola de ferro?

– Pois é! Esta corrente serve exatamente para que ninguém escape. Se acaso alguém tentar fugir, que é o meu caso, terá dificuldade para ir longe.

– De fato, do modo que seus passos são curtos não conseguirá ir longe acorrentado a este peso. – diz Valente.

– Já tentei me livrar dele de várias formas, mas veja que o ferro é maciço e não tenho a chave que pode me libertar e nem sei onde encontrar.

– Também não sabemos como te libertar desta corrente, mas, creio que se procurar pelo Sr. Palavra-De-Deus te mostrará uma solução. – Intrepidez diz.

– Ah não! O Sr. Palavra-De-Deus não é afeiçoado à minha pessoa. Nunca está de acordo comigo! Aliás, Sempre foi muito duro e rústico comigo! Não creio que ele possa ou queira me ajudar.

– Bem amigo! – Valente diz. – Se não está disposto a procurar ajuda com o Sr. Palavra-DE-Deus, não sabemos de outro que possa te ajudar. Certo é que não podemos mais continuar te acompanhando, pois seus passos são muito curtos, logo atrasaria nossa jornada, o que também certamente nos exporia a algum tipo de perigo.

– Entendo amigos! Seguem em paz a vossa jornada.

Assim, deixaram o pobre homem para trás, pois não tinha condição de acompanhá-los. Os soldados seguiram comovidos pela história do homem, mas nada podiam fazer para ajudá-lo, então apenas lamentam.

## A SENTINELA

Passado algum tempo, divisam à frente uma sentinela, que, estava ali para avisar e advertir os soldados sobre os perigos à frente. Sem a sua intervenção, certamente seriam pegos de surpresa.

– Olá! Como vão soldados? – disse a sentinela.

– Quem é você? – pergunta Valente.

– Fui designado para orientá-los. Me chamo Vigilância.

– Meu nome é Valente e este é Intrepidez.

– Estas terras por onde andam é muito perigosa, por isso estou aqui para orientá-los.

– De que tipo de perigo está falando, são gigantes ou algum monstro terrível? – Intrepidez pergunta.

– Nenhum desses! Trata-se de um perigo que é oculto aos olhos, isto o torna pior do que estes que referiu.

– Um perigo oculto! – exclama Valente. – E como podemos passar por ele? E que perigo é este?

– Trata-se de um campo minado logo à frente, conhecido também como Mundo.

– Campo minado! – Intrepidez se assusta.

– Sim! Mas se seguirem minha orientação estarão seguros.

- E o que devemos fazer? – Valente pergunta.
- Antes de Chegarem ao campo, encontrarão uma fazenda. Nela, encontrarão um guia Chamado Sr. Oração. Não deixem de pedir seu auxílio, pois não conseguiriam atravessar este perigoso campo sem ele.
- Certamente faremos isto. – Valente ressalta.
- Agora devem ir soldados e não se esqueçam do que vos disse.
- Com certeza! Obrigado por sua orientação. – Intrepidez diz, e seguem em frente.

## UM HOMEM DORMINDO

Caminharam mais um pouco e logo se aproximam da fazenda, onde encontrariam o guia.

Porém, antes encontraram um homem que dormia à beira do caminho. Parecia bastante ferido. O despertaram. Também perguntaram quem era e por que dormia ali. O homem lhes respondeu:

– Estou descansando, pois minha jornada ainda é longa e meu destino nunca chega! Meu nome é Covarde.

– Mas não pode dormir aqui! – Valente diz. – Logo à frente certamente encontrará um lugar seguro para repousar. O destino embora pareça distante, está mais perto do que outrora.

– Não está entendendo amigo! Não estou indo na vossa direção, estou voltando, à procura de minha velha cidade.

– E por que faz isto? Não me parece uma escolha sábia. – Intrepidez pergunta.

– Já fui um soldado desta jornada amigo! Mas tenho saudade da minha velha cidade. Tentei lutar contra isto, mas nunca venci. Então abandonei minha couraça que um dia recebi e resolvi voltar.

– E que cidade é esta para ser mais importante do que a Canaã-Celeste para qual antes prosseguia? – Intrepidez pergunta.

– Chama-se Cidade-Dos-Prazeres. Lá é tudo divertido e muito prazeroso. Existem tabernas, prostíbulos, bailes, carnavais, sensualidade, festas imorais a todo o tempo...

– Não precisa falar o que tem lá! – Valente interrompe o homem. – Isto tudo não nos atrai. Não passam de prazeres passageiros, logo virá o julgamento a todos que preferem tais prazeres a fazer a vontade do Senhor Deus.

O homem se envergonhou. Sabia que os soldados estavam certos. Porém não se constrangeu a dar-lhes razão. Levantou-se, abaixou a cabeça e saiu andando.

## O GUIA

Valente e o amigo apenas lamentaram a atitude do homem. Continuaram cainhando até que chegasse à fazenda, onde encontrariam o guia.

Aproximando-se, divisam um homem arando a terra. O chamaram. Perguntam sobre o tal guia. O homem responde:

– Eu sou o guia. Meu nome é Oração. O que desejam?

– Fomos orientados de que o campo à frente está minado e que somente o senhor poderia nos guiar com segurança neste campo. – Intrepidez diz.

– O campo é extenso! – disse o guia. – Só posso guiá-los se forem dignos. Terão que pagar o preço para que eu possa guiá-los. Vocês têm com que pagar o preço?

– Qual é o preço? – Intrepidez pergunta.

– Vocês trazem consigo as preciosas Renúncias?

– Trazemos sim! – disse Valente.

– Uma Renúncia de cada é o preço.

Então, os soldados tiraram uma preciosa moeda de seu alforje e deram ao guia. Verificando de que eram legítimas, os convidou para entrar em sua propriedade. Disse-lhes:

– As horas já estão avançadas, descensem esta noite, amanhã bem cedo atravessaremos o campo.

Como a noite se aproximava e também estavam exaustos, acharam ótima ideia parar para descansar.

Porém, o Sr. Oração não havia chamado os soldados apenas para descansar! Conhecia aquelas terras e seus perigos. Sabia que a noite lobos

ferozes surgiam. Sua casa era também um refúgio contra as feras da noite.

Passada a noite, bem cedo o guia os desperta. Tomaram uma rápida refeição e já estavam a caminho novamente.

Caminharam um pouco, até que adiante avistaram um deserto, ou pelo menos algo que se parecia com um.

– Aquele é o campo. – disse o guia.

Aproximando-se, perceberam que o caminho desapareceu. Valente assustado pergunta:

– Mas onde está o caminho?

– Está ai, bem à frente! Você não o pode ver porque a sujeira deste mundo é tão grande, que varreu toda esta areia sobre o caminho, para que ninguém possa vê-lo. Mas não se preocupe! Conheço muito bem o caminho! Vou à frente deixando as marcas onde devem pisar. Pisem apenas nas pegadas que eu deixar, pois muitas minas foram colocadas debaixo da areia. Se pisarem numa, carregarão terríveis sequelas pro resto da vida, isto se não morrerem.

– Este lugar é perigoso mesmo! – Intrepidez se assusta.

– Sim, é muito perigoso! Estas terras todas foram arrendadas há muito por um nobre da corte do Rei Hipocrisia, o conde Ignorância. Foi ele quem minou o campo.

– E quem é este tal Rei Hipocrisia? – Valente pergunta.

– Logo à frente passarão próximo ao seu castelo. Tomem cuidado quando atravessarem por ele! O seu reino é muito poderoso, assim como os seus vassalos.

Numa certa altura observaram ossos expostos e mal enterrados pela areia, e “eis que eram mui numerosos sobre a face do vale e estavam sequíssimos” ( Ez 37.2 ).

– Que ossos são esses? – Intrepidez pergunta.

– São daqueles que um dia seguiram o caminho imprudentemente.

Aventuraram-se neste campo perigoso sem o meu auxílio, o resultado é este vale de ossos que contemplam. Olhe este solo vocês mesmos! Conseguem identificar o perigo colocado pelo inimigo?

– Realmente, não podemos ver o perigo sem seu auxílio. – Valente ressalta.

– Acontece que muitos são obstinados, não obedecem aos mandamentos, andam desordenadamente quando o Senhor adverte a andar “orando em todo o tempo com toda oração e suplica no Espírito e vigiando” (Ef. 6.18 ).

O vale era bem grande, ali estavam os ossos de muitos que um dia tiveram a oportunidade de chegarem à Canaã-Celeste, mas foram surpreendidos por alguma mina ocultada pelo inimigo.

Os soldados observavam as ossadas enquanto atravessavam, até que se finda o vale. Mas o deserto de tão vasto parecia longe de findar. A tarde se reclinava. Os soldados já estavam bastante exaustos e ansiavam um lugar para descansar.

## A CAMPINA DAS FLORES VENENOSAS

Um pouco mais caminhando e avistaram uma bela paisagem. Parecia o fim do deserto. A areia foi cedendo lugar à terra sólida e já podiam ver o caminho novamente.

Logo chegam à paisagem. Era uma campina de flores. O lugar era impressionante de tão belo. Intrepidez logo sugere descansar um pouco ali. O guia então lhe adverte:

– Não pode descansar aqui! Logo estaria morto.

– Como assim? – Valente se assusta.

– Estas plantas, embora aparentemente belas, são de uma espécie muito nociva conhecida como Volúpias.

– São venenosas? – Intrepidez pergunta.

– Sim, são muito venenosas. Mas só dissolve a noite seu veneno. Assim, acabam surpreendendo os que se acomodam por aqui. Por isso, devem se apressar em sair deste lugar, pois a noite se aproxima.

– Já estamos indo apressadamente, então! – diz Intrepidez

– Vou acompanhá-los mais um pouco, por aqui não há lugar seguro para descansar, então precisam de minha companhia. – diz o guia.

Seguiram em frente e logo deixaram a campina das flores venenosas. Os perigos ocultos eram iminentes, principalmente pelo fato de já ser noite e não haver um lugar seguro para descansar.

Caminhar na escuridão era um risco, pois é mais fácil se desviar da direção certa ou mesmo confundi-la com um atalho. O guia, porém, conhecia bem o caminho, sob sua direção jamais se perderiam.

## UM LUGAR SEGURO

Após uma boa caminhada em meio à escuridão, chegam a um lugar seguro. Era uma casa que servia de refugio para os soldados, ali morava o Sr. Inconformado-Com-O-Mundo, que recebeu os bons soldados de bom agrado.

Ao deixar os soldados num lugar seguro, o guia se despede e volta ao seu posto, para que pudesse ajudar outros soldados nesta travessia tão perigosa.

Como a noite já era bem avançada, o homem logo prepara duas camas para o descanso, pois teriam que partir bem cedinho.

Passada a noite, assim que os primeiros fochos de luz ameaçavam despontar, o Sr. Inconformado-Com-O-Mundo já os havia despertado. Tinha pressa de que partissem, para não ficarem muito tempo naquela região, pois era perigosa.

Sem demora se puseram a caminhar novamente.

## SOMBRAS OU INIMIGOS

O dia ameaçava despontar, mas ainda não era dia. Traços avermelhados despontavam sutilmente onde o sol nascia, mas a escuridão ainda prevalecia, era a alvorada.

Valente e o amigo davam prosseguimento à sua aventura, quando alguém lhes aborda! Seu nome era Amizade-Com-O-Mundo, também apelidado de Zebul.

– Olá amigos! – Disse o homem.

– Olá! – Diz Intrepidez. – Quem é você e o que deseja?

– Me chamo Amizade-Com-o-Mundo, mas podem me chamar de Zebul. Moro nas redondezas; os vi atravessando tão apressadamente e resolvi cumprimentá-los, e quem sabe fazer novas amizades!

Valente desconfia do homem e de suas intenções, e faz um sinal negativo com a cabeça para o amigo, desconfiando das pretensões do homem. Intrepidez também fica meio desconfiado, mas o homem era de aparência simples, não aparentava oferecer algum perigo. Então o homem seguiu acompanhando os soldados.

Pouca distância à frente, numa região cheia de colinas e morros, Valente observou ainda de longe um movimento estranho! O dia ainda não estava claro, era a alvorada, mesmo assim teve um olhar aguçado ao observar um movimento suspeito. Então disse:

– “Eis que desce gente dos montes. Zebul, ao contrário, lhe disse: As sombras dos montes vêm por homens” ( Jz 9.36 ).

Observe que estava correto o discernimento do soldado, mas o homem parecia querer induzi-los à confusão.

De fato a observação do soldado estava correta. Durante a noite, inimigos “puseram emboscadas” (Jz 9.34). Os inimigos estavam de tocaia esperando surpreender alguns. Todavia, o sol já se despontava, por isso, Valente havia discernido um movimento suspeito, pois assim um dia foi orientado pelo Sr. Palavra-De-Deus:

– “Deve andar na luz do Senhor” ( Is 2.5 ). Se tivesse atravessado na escuridão nunca teria discernido.

Os inimigos por sua vez aproveitavam o restinho da noite que não havia se dissolvido ainda, para tentar surpreendê-los.

Intrepidez por sua vez olhando bem aguçadamente, observou, e disse:

– “Eis que desce gente do meio da terra” ( Jz 9.37 ).

Nessa altura perceberam que Zebul não passava de um inimigo tentando distraí-los. Zebul puxa uma espada e trava uma batalha com os soldados. Porém logo foi ferido por Intrepidez, livrando-se assim da má companhia que haviam arrumado.

Porém, os inimigos desciam dos montes em sua direção. Logo se aproximou um, mas Valente cravou sua espada. Intrepidez também logo foi rodeado de inimigos e passou a duelar com vários de uma vez, mas um a um ia ferindo com sua espada. Assim. os dois travavam uma dura batalha com vários inimigos de uma só vez.

Mas como eram destemidos e estavam revestidos com a armadura de Deus, os golpes dos inimigos surtiam pouco efeito. Os dos soldados por

sua vez eram certos, com sua espada iam colocando um a um no chão.

Os inimigos eram mercenários de uma civilização próxima, um lugar conhecido como Sistema-Mundo. Pretendiam roubar as preciosas Renúncias dos soldados, pois seu ouro puríssimo era de valor inestimável.

Como os soldados prevaleciam, os inimigos iam diminuindo. Cada golpe de espada dos soldados era certo, um inimigo a menos! Até que não restou mais ninguém. Os soldados então seguiram em frente, exultantes pela brava vitória que haviam obtido.

## CALAMIDADE E SEU CAVALO DESTRUIDOR

Os soldados seguiram cantando vitória e alegres pelo feito, quando ouviram fortes galopes. Olharam para trás e observaram um cavaleiro vindo ferozmente em sua direção com uma lança na mão. Chamava-se Calamidade, montava um feroz cavalo da raça Destruição. Havia sido enviado pela infeliz amizade que haviam arrumado, o Sr. Amizade-Com-O-Mundo.

O cavalo avança ferozmente sobre os soldados que se lançam ao chão. Novamente o cavalo vem sobre eles, os soldados se lançam de um lado para o outro. Valente até chegou a perder sua espada num desses ataques, mas logo a recupera.

Com a lança tentou ferir Intrepidez que se defendeu com o escudo, não ficou ferido, mas o golpe foi tão forte que foi arremessado para longe.

– Temos que feri-lo! – diz Intrepidez ao amigo.

– Vamos tentar atacar, então. – Valente diz.

Porém, a força do cavalo era tanta que pouco podiam fazer, sempre eram arremessados longe.

Enquanto o cavalo fazia meia-volta para atacar novamente, Intrepidez observou Valente caído e também uma árvore onde estava; subiu rapidamente nela. O cavalo ferozmente se lançou sobre Valente, que se desviou, mas Intrepidez se lançou sobre o cavaleiro e conseguiu derrubá-lo.

O cavalo fugiu disparado sem rumo, enquanto Intrepidez cravava sua espada no guerreiro Calamidade.

Se já estavam cansados pelas batalhas recentes, agora estavam exaustos. Pelo tombo que levou ao derrubar Calamidade de seu cavalo, Intrepidez ficou ferido num braço. Então seguiram rapidamente, temendo mais algum inimigo daquele lugar hostil.

## 8 CAMPO DE BATALHA

Os soldados estavam passando por uma prova difícil, o dia mal começara e já haviam duelado com vários inimigos. Mas se achavam que estavam livres, estavam muito enganados! Estavam cansados e feridos, mas aquele dia seria marcado não pelas batalhas que tinham vencido, mas pelas que ainda estava por vir.

Caminharam mais um bom pedaço de terra, desta vez um pouco mais lentamente, pois estavam cansados. Uma montanha à frente traria uma hostil surpresa! Aproximando-se escutam um barulho que conheciam muito bem, era o choque das espadas. Chegando à divisa da montanha, contemplam um vasto campo, onde muitas batalhas eram travadas.

O campo era vasto, isso traz um repentino desânimo sobre os soldados, cientes de que teriam que atravessar o mesmo.

Muitos soldados se encontravam ali. Travavam duras batalhas, que pareciam intermináveis. Seus oponentes estavam dispostos a encerrar sua jornada.

O campo era um lugar propício às batalhas. Rodeado de colinas e morros e próximo ao lugar conhecido como Sistema-Mundo, de onde vinham muitos mercenários e guerrilheiros. Era também próximo da província do rei Hipocrisia, que também costumava enviar seus guerreiros. Se tratando de um lugar de tantas batalhas, vinham também inimigos de todas as partes e até gigantes, pois era um lugar propício a encurralar os soldados.

– Se temos que atravessar, vamos em frente! – Intrepidez diz.

– Não vai ser fácil passar por tantos inimigos, mas temos que enfrentá-los, então vamos!

### VIOLAÇÃO E SUBORNO

Aventuraram-se ao campo de batalhas. Claro, se pudessem evitariam, queriam apenas atravessar o campo. Isto era o que todos os demais sol-

dados também queriam! Mas os inimigos por sua vez estavam ali justamente para impedi-los.

Intrepidez passa a ser perseguido por um guerreiro montado a cavalo, o que o fez se afastar de Valente, fugindo para o outro lado do campo.

Valente é hostilizado por dois mercenários da província Sistema-Mundo, chamavam-se Violação e Suborno.

– Vamos derrotar você! – Suborno dizia numa tentativa de intimidá-lo. – Você será levado como nosso prisioneiro.

– Isto é o que vamos ver! – foi a resposta dada por Valente.

A batalha não parecia justa, afinal eram dois contra um. Bem, ninguém vindo do Sistema-Mundo tinha alguma fama de justo, muito pelo contrário, a fama de todos sem exceção era bastante imoral.

Valente iniciou um duelo de espadas com Suborno, Violação por sua vez tentava feri-lo por trás. Tinha então que atacar de um lado e defender o outro. Assim se deu a batalha e por algum tempo, o soldado permaneceu assim, atacando um e se defendendo do outro.

Até que num golpe de sorte conseguiu ferir um deles. Então ficou uma luta de igual para igual. Como havia se preparado para difíceis batalhas, não demora muito para conseguir cravar sua espada neste.

## INTREPIDEZ E SUA LUTA

Intrepidez havia atraído a fúria de um guerreiro montado a cavalo. Seu nome, Desordem.

Com seu escudo conseguia se defender. O guerreiro usava uma crava, seus golpes eram fortíssimos e estremecia toda a armadura do soldado quando o acertava.

Usando de sabedoria, Intrepidez espera o oponente se aproximar e se arrisca lançando-se debaixo do cavalo. Sua intenção era cravar sua espada no cavalo, para que seu oponente o enfrentasse sem tamanha vantagem, e deu certo.

Lutando de igual para igual, Intrepidez parecia mais destro. Seu oponente era um ágil guerreiro, mas estava preparado para enfrentá-lo. De-

fendia-se prudentemente de cada golpe com seu escudo e atacava com sua espada.

Quando não conseguia se defender, sua couraça o defendia. Uma flecha sem rumo de uma das batalhas que se davam no campo, acaba surpreendendo-o, não teve como se defender, mas a couraça que usava a impediu de feri-lo.

Estava quase vencendo a batalha, seu oponente vendo que não era páreo para a destreza do soldado, chamou um comparsa para socorrê-lo. Logo veio se intrometer na briga um mercenário chamado Ilícito.

A briga passou a ser desleal. Ainda assim, quanto mais desleal que fosse mais o soldado provava sua grandeza. Logo feriu seu oponente, Desordem, com um golpe certeiro. Em seguida cravou sua espada no seu comparsa.

## VITÓRIAS DE VALENTE

Valente também demonstrava sua destreza derrotando seus oponentes. Desta vez enfrentava um poderoso guerreiro chamado Deslealdade. Este era um vassalo do rei Hipocrisia, enviado especificamente para tentar capturar os mais nobres soldados.

Afrontou o soldado com uma espada. Ameaçava atacá-lo, mas apenas ameaçava. Estava estudando o seu oponente.

Valente queria se livrar dele logo, mas percebeu se tratar de um destro guerreiro. Também passou a insultá-lo dizendo que o levaria cativo. Valente por sua vez apenas mantinha-se concentrado.

Deu-se início à batalha com o guerreiro tentando feri-lo, que por sua vez se defende. O guerreiro insistia em tentar feri-lo a qualquer custo. Seus golpes eram ágeis e fortes.

Um de seus golpes foi tão forte que arremessou sua espada para longe. Valente viu-se encurralado. Vorazmente o atacava. O soldado apenas se defendia.

Um bom soldado que ali estava, vendo a situação de Valente e o poderio de seu oponente, veio socorrê-lo. Seu nome era Coração-Santificado. Devolveu a espada que havia perdido e pôs-se a ajudá-lo na batalha.

Desta forma logo desarmaram o guerreiro. Também o feriram e o puseram em retirada.

– Obrigado pela ajuda! – agradece Valente.

– Vi que precisava de ajuda. Não é bom lutar sozinho! – diz Coração-Santificado.

– Meu companheiro de jornada está travando duras batalhas também, mas não o vejo, nem sei se foi capturado por algum inimigo.

– Também perdi meu companheiro de jornada! Foi capturado. Seu nome era Cristão-De-Pequena-Fé.

No campo de batalha não havia tempo para conversas. Logo surgem novos oponentes.

Coube a Valente enfrentar um tal de Aparência-Do-Mal. Era um inimigo estranho. Parecia ter o poder de transfigurar rapidamente sua aparência, o que confundia seus oponentes. Era na verdade uma mistura de ser das trevas com uma espécie de réptil, a dos camaleões.

Embora tentasse confundir o soldado mudando sua aparência constantemente, Valente mantinha-se concentrado, com o foco no estranho oponente.

Até que conseguiu ferir suas juntas com um golpe certo de espada. Deu outro golpe certo para que não ousasse se levantar.

Então foi ajudar o amigo que estava em apuros. Enfrentava um gigante. O grandalhão era conhecido como Os-Prazeres-Do-Mundo.

Coração-Santificado estava quase perdendo a batalha quando surge o amigo para socorrê-lo. Passam os dois a enfrentá-lo.

O gigante os atacava com uma crava. Por ser grandalhão, era meio desajeitado. Seus golpes eram tão violentos, que quando errava o alvo acertava o chão que se estremecia todo. Dependendo da força do golpe abria até uma pequena cratera.

Isto significa que, cada vez que os soldados se defendiam com o escudo, estremeciam igual se estremece um sino quando martelado. Não era fácil enfrentar aquele gigante! Mesmo quando conseguiam atingi-lo, era tão grande o gigante, que os golpes não surtiam efeito maior que de um arranhão.

Mas logo surgiu outro soldado para socorrê-los. Trazia consigo uma corda bem forte. O soldado se chamava Temente-A-Deus. Rapidamente

passaram a rodear o gigante com a corda. Como era atrapalhado devido ao seu tamanho, não conseguia impedir o enlaçamento. Assim, rodearam as pernas do gigante por sete vezes, até que caiu no chão. Então o amarraram.

Mal acabaram de amordaçar o gigante e vieram outros inimigos. Era um dia difícil para os soldados! Inimigos surgiam de todos os lados tentando detê-los.

## INTREPIDEZ E SUA SAGA

Por mais perigoso e hostil que fosse o campo, a nobreza dos soldados se comprovava pela sua destreza em se livrar dele. Intrepidez era um desses que sabia como agir, na verdade havia aprendido depois de muitas falhas cometidas.

Resolveu afugentar-se de seus oponentes para observar o campo. Olhou que logo adiante e não estava muito longe, havia uma torre forte. Era o baluarte do Senhor, um lugar à espera dos vitoriosos.

Percebe que tinha que chegar rapidamente lá, caso contrário, ficaria tão exausto que não teria mais forças para lutar.

Divisou também no campo onde se concentrava a maior parte dos inimigos, escolhendo seguir pelo lado oposto.

Apressou os passos naquela direção. Mas logo veio um mercenário tentando impedi-lo de correr. Seu nome era torpeza. De tão determinado que estava, nem se deu conta do oponente; cravou sua espada.

Em seguida surgiram outros e até um forte gigante chamado Vida-No-Pecado, mas nenhum foi capaz de detê-lo.

Sua consciente determinação de chegar logo na torre parecia revigorar suas forças. Desta forma os inimigos pareciam se enfraquecer diante dele.

Derrotou mais um inimigo, mais outro e foi assim até que se aproximou do fim do campo. Restava apenas um à sua frente. Era um bravo guerreiro que estava determinado a se possível dar a sua vida para impedir a saga do soldado, era conhecido como Aquele-Que-Dá-Pouca-importância-À-Salvação.

Lançaram-se um ao outro. O guerreiro costumava capturar muitos soldados. Sua principal arma era sua esperteza. Situava-se sempre no final do campo, porque era o lugar onde os soldados já estariam bastante cansados e feridos.

Porém, depois de tantos inimigos derrotados, Intrepidez não iria permitir que sua carreira findasse faltando apenas um! Impôs-se logo na batalha, mostrou ao oponente que não iria se render de forma alguma.

Após pouco tempo de batalha, o soldado consegue atingir duas vezes o guerreiro. Um golpe quase foi certo ferindo seu braço.

Por fim, o próprio guerreiro percebeu a determinação do soldado. Acabou deixando-o seguir e foi tentar capturar um que fosse mais fraco.

## INTREPIDEZ ALCANÇA O BALUARTE DO SENHOR

Ao vislumbrar o baluarte do Senhor corre para ele. Era uma imensa e imponente estrutura. Havia apenas uma porta de acesso, logo bate nela.

Uma pequena janela lateral se abre. Nela, o porteiro do castelo, o Sr. Consagração, pergunta quem era e o que desejava.

– Meu nome é Intrepidez. Sou um soldado desta jornada e estou pedindo abrigo, pois o campo de onde acabei de sair é muito hostil, e temo que logo os inimigos venham atrás de mim novamente.

– Se quiser abrigo tem que provar sua dignidade! – responde o homem.

– De que forma posso prová-la?

– Trouxe as preciosas Renúncias?

– Estão aqui!

– Pague apenas uma. Guarde as outras para que ninguém as tome!

Em seguida abriu a porta para que o soldado pudesse entrar.

Não demorou muito e apareceu outro soldado batendo à porta. O porteiro faz a mesma pergunta, se tinha com que pagar o preço. O soldado disse que sim, mas ao procurar suas Renúncias, percebe que havia sido roubado.

A resposta do porteiro então foi ríspida:

- Se não tem com que pagar o preço, não pode ter acesso ao castelo!
- fechou a janela deixando o soldado do lado de fora.

O homem se chamava Ganancioso. Havia sido um fiel soldado até certa altura, quando permitiu que um gigante conhecido como Amor-A-o-Dinheiro roubasse suas Moedas.

## MAIS BATALHAS DE VALENTE

Se agora Intrepidez gozava o descanso e segurança, Valente ainda estava distante disto! Novos inimigos tentariam a qualquer custo interromper sua saga.

Agora era a vez de mais um forte guerreiro tentar vencê-lo, seu nome era Corrupção. Atacou o soldado assim que o divisou. Valente defendeu-se, mas nessa altura de tão cansado já não tinha forças.

Defendeu-se o quanto pode. Quando já não sabia mais o que fazer para se defender, mais uma vez o amigo Coração-Santificado o socorre. Ambos passam a batalhar juntos com o guerreiro e o derrotaram.

Não demora muito e outro conhecido como Perversidade o afronta. Mais uma dura batalha foi travada. Desta vez o derrotou logo com um golpe de espada.

Logo veio outro conhecido por Infâmia. Valente novamente se impôs na batalha, controlou o adversário até que o feriu.

Após mais uma vitória, viu que desta vez era o amigo que precisava de ajuda. Lutava com outro forte e destemido gigante, seu nome era Egoísmo. Se não era fácil enfrentar um gigante em condições normais, imagine cansados como estavam! Mas acabaram se saindo bem, logo estava mais um gigante estendido no chão.

## COMBATES DE OUTROS SOLDADOS

Outros soldados também passavam pelos mesmos apuros. O campo não estava ali para desafiar alguns e outros não, todos teriam que atravessá-lo! Para consolo dos soldados, um antigo documento escrito pelo próprio Rei dizia: “no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33).

Um destes soldados se chamava Servo-Bom-E-Fiel. Sua conduta e destreza era tão estimada, que passava seus oponentes com extrema facilidade. Não demoraria muito para chegar à porta do Baluarte do Senhor.

Outros, porém, encontravam maior dificuldade. Franco era um soldado honroso, porém estava sofrendo para derrotar um inimigo conhecido como Glotonaria. Na verdade, não o venceu. O guerreiro o acorrentou levando ao castelo do rei Hipocrisia, cujo nome era Castelo do Falso Cristianismo.

Outro conhecido como Fervoroso-Na-Oração, enfrentava um oponente que se chamava Calúnia. Era um soldado destemido também, seu oponente parecia não ser páreo para ele.

Havia muitos batalhando ali. Todos almejavam sair logo daquele campo hostil. Muitos conseguiam, porém, nem todos! Ora sim, ora não, algum soldado saía capturado.

## DESVENTURA DE VALENTE

A cada inimigo vencido mais Valente se aproximava de deixar o campo. Já estava bem próximo do fim, podia até contemplar o baluarte do Senhor, julgando que era para ali onde deveria se refugiar.

Até que surge um oponente em seu caminho. Seu nome era Distração. Aparentemente era impotente, um anão com uma rede e uma corda em suas mãos. Mas sua natureza era desconhecida. Uma vez despertada sua fúria tornava-se num monstro gigantesco.

Valente logo tentou cravar sua espada no anão, mas era bastante ágil. Desviava-se facilmente de seus ataques. Até que laçou o braço do soldado com uma corda, fazendo com que sua espada caísse.

Com um braço amordaçado o soldado se irrita com o anão e passa a insultá-lo, dizendo:

– Acha que você pode me vencer, nanico! Já derrotei grandes gigantes e quem é você para me impedir de prosseguir? Você não passa de um fracote de um nanico.

O anão se enfureceu ao ouvir o insulto. Logo começou mudar sua aparência. Foi ficando vermelho e mais vermelho, até que começou a inchar. Parecia soltar fumaça pelas narinas. Logo se tornou num monstro gigante.

Sem demora deu um golpe tão forte no soldado que ele desmaiou. Amarrou-o fortemente e o levou preso ao Castelo do Falso Cristianismo.

Nota-se que o soldado subestimou o poderio do seu oponente mesmo estando enlaçado, o que foi determinante para sua captura.

Desta vez o amigo Coração-Santificado não estava por perto para ajudar. Travava uma dura batalha com outro oponente. Após vencê-lo, travou ainda mais duas duras batalhas, até que chegou na porta do baluarte do Senhor.

## O CASTELO DO FALSO CRISTIANISMO

Em frente ao baluarte do Senhor erguia-se o Castelo do Falso Cristianismo. Um fazia oposição ao outro, cada um ficava de um lado do caminho, o baluarte do lado direito e o tal castelo no seu oposto. O baluarte do Senhor era gerenciado pelo Sr. Santificação, já o Castelo do Falso Cristianismo pertencia ao rei Hipocrisia, que comandava não apenas o Castelo mas toda a sua província, junto com vossa majestade a rainha Heresia.

Ambas as estruturas eram bastante fortificadas e bem vigiadas. Era comum haver guerras entre ambos. Os súditos do baluarte do Senhor pretendiam invadir o Castelo-Do-Falso-Cristianismo a fim de libertar os prisioneiros, já os vassallos do rei hipocrisia intentavam tomar o baluarte a fim de destruir o refúgio dos soldados.

### VALENTE É ENTREGUE AO CASTELO

Logo Valente é entregue ao Castelo do Falso Cristianismo. Seu inimigo, agora gigante, conhecido como Distrações, o levou até a porta.

Ao bater na porta, o porteiro, conhecido como Oposto-À-Verdade, abre uma pequena janela tão pequena que nem cabia o rosto, para verificar se não havia nenhum penetra por perto, pretendendo invadir o castelo. Vendo que não tinha perigo e que o gigante trazia um prisioneiro abriu o portão.

Imediatamente foi entregue ao carcereiro, o Sr. Masoquista, homem terrivelmente brutal, totalmente refratário a sentimentos, nunca sentia pena de ninguém e jamais se comovia com o sofrimento alheio. Aos cuidados deste foi entregue o soldado.

Antes de levá-lo à sua cela, confiscou sua armadura, tudo o que possuía e também suas preciosas Renúncias. Depois lhe deu uma surra da qual jamais se esqueceria em sua vida e então o trancafiou dentro da cela.

## COMPANHIAS DE CELA

Jogado naquela cela, por um momento, Valente perde os sentidos de tão ferido e exausto que estava. Passou o tempo, até que percebeu uma companhia do seu lado. O homem pergunta se estava bem. Então responde:

– Como pode alguém estar bem neste lugar, ainda mais sabendo da grande desventura que cai! E quem é você?

– Talvez não se lembre, mas estava no campo de batalha com você, cheguei a ajudá-lo, mas fui capturado também! Meu nome é Franco.

– Minha cabeça está um pouco atordoada, mas acho que lembro sim! Vejo que tem mais gente aqui, quem são estes?

– Não sei! Quando cheguei já estavam.

– Estamos presos aqui já faz muito tempo. – responde um que estava ali. – Somos todos soldados, mas vacilamos quando não deveríamos!

– Qual é o seu nome? – pergunta Franco.

– Me chamo Pouco-Compreensível. Estes outros que dormem são Irmão-Que-Caiu-Em-Pecado, Cristão-Que-Deixou-O-Primeiro-Amor e Amante-De-Vantagens. Há outros prisioneiros nas celas vizinhas, mas não temos contato com eles.

## OS SOLDADOS SÃO LEVADOS AO REI

Logo a notícia da captura dos soldados se espalha. Eram considerados soldados de grande estima e muito se comentava a respeito do feito destes dois. O mordomo, cujo nome era Má-Interpretação-Da-Palavra, leva a notícia ao rei, que muito se regozija.

Imediatamente pediu para que trouxessem os novos prisioneiros à sua presença. Um de seus súditos, comandante da guarda real, conhecido como Falsa-Adoração, foi buscar os soldados.

Não demoraria muito para estarem diante do rei. Então fala:

– Que alegria tê-los como prisioneiro em meu castelo! Você deve de ser o soldado Valente e você Franco?

– Isto mesmo! – diz Valente.

– Já ouvi muito a vosso respeito. São destemidos, fiéis, porém, longe de alcançar a perfeição que lhes é exigida!

Os soldados se envergonham ouvindo a ironia do rei Hipocrisia, pois sabiam que estava certo.

– Que deseja de nós? – pergunta Franco.

– Por que acha que quero algo de vocês? – o rei questiona. – Tenho muito mais a oferecer do que exigir! Para mostrar minhas boas intenções, preparei até uma farta mesa para vocês. Vejam!

O rei de fato havia mandado seu cozinheiro, o *Chef* conhecido como Consciência-Cauterizada, preparar uma mesa farta (Dn 1.8). Porém os soldados se recusam a provar da mesa do rei.

– Venham comigo! – diz o rei que os conduz a uma torre alta do castelo, de onde se dava para ver toda a província.

Da alta torre pediu para que observassem toda a província. Mostrou suas civilizações, vilarejos, cidades, e disse:

– Vocês não precisam ser prisioneiros, se quiserem, basta trabalhar para mim!

– Trabalhar para você? – Valente questiona. – Como assim?

– Cada comarca do meu reino tem um administrador, cujo cargo se denomina Pastor-Mercenário. Vocês podem trabalhar para mim aceitando o cargo.

– Quer que administremos suas terras? – pergunta Franco.

– Sim, vejam! Aquele território logo à frente se chama Igreja Sem-Deus, precisa de alguém para ocupar o cargo de Pastor-Mercenário. Há também a Igreja Que Só Fala Em Dinheiro, a Igreja Profana, a Igreja Dos Que Não Busca A Deus e muitas outras comarcas. Tem outros cargos abertos também a disposição se preferir, há muitas vagas em aberto para o cargo de falso profeta, obreiro que envergonha o evangelho e a de membro ingênuo.

– Não estamos interessados em te servir! – diz Valente.

– E preferem ser meus prisioneiros? – ironiza o rei.

– Daremos um jeito de sair daqui! – Franco diz.

– São meus prisioneiros e não vão sair daqui a menos que cumpram minhas ordens.

– Somos fiéis ao nosso Senhor, por isso não vamos te servir! – Valente diz.

– Se fossem tão fiéis não estariam aqui como prisioneiros! Além do mais, muitos que um dia se disseram fiéis como vocês, hoje trabalham para mim e são muito felizes. Todavia, podem voltar para suas celas e quando mudarem de ideia, mande me chamar.

O rei estava convicto de que logo mudariam de ideia, pois esta quase sempre era a escolha dos seus prisioneiros, trocar a condição de prisioneiro pela de servo do rei Hipocrisia.

## O CARRASCO

Além de um carcereiro que cuidava dos presos, o castelo possuía um carrasco, um gigante temido, corcunda, de aparência muito hostil, o chamavam de Culpa. Era responsável pela execução, assim que era expedida a sentença de morte dos prisioneiros, e também cuidava da tortura.

Na noite que se passava, descia nas profundezas da masmorra com a sentença de execução destinada a um que se chamava Decidido-A-Viver-No-Pecado. Ao homem já não cabia recurso algum, por isto sua sentença fora expedida.

A sentença de morte não podia ser expedida a um soldado, a menos que não haja mais recursos para o mesmo, pois uma lei do castelo à frente, da qual o Castelo do Falso Cristianismo estava submisso, dizia o seguinte: “se formos infiéis Ele continua Fiel” (2ºTm 2.13). Devido a esta clausura, embora os soldados estivessem aprisionados no castelo inimigo, ainda assim pertenciam ao grande Rei.

Mas como o mesmo Rei é também justo, outra clausura dava legalidade aos poderes do castelo inimigo de procederem como bem entendessem com seus prisioneiros. A clausura dizia assim: “Porque se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifícios pelos pecados, mas uma certa expectativa horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários” (Hb 10.26,27).

Para o pobre do homem já não restava recurso algum. Decidido-A-Viver-No-Pecado atraiu tal condenação para si, quando resolveu menos-

prezar a obra da cruz. Desta forma seu nome foi tirado dos que eram protegidos pelo grande Rei, dando total poder às forças inimigas.

Sua sentença seria também um espetáculo ao público num dos pátios do castelo, onde havia uma guilhotina. Ali, sua cabeça seria decepada.

Enquanto arrastava o pobre homem pelos corredores da masmorra, o carrasco observou os novos soldados. Os advertiu que voltaria para cuidar deles. Valente e Franco se apavoram, sua aparência era tenebrosa.

Quanto ao pobre homem, não teve jeito! Embora implorasse por sua vida, sua sentença de morte já estava expedida. Foi levado ao palanque onde se encontrava a guilhotina. Antes de ser executado, seu rosto foi descoberto e exposto a todos para que debochassem. Após ser bastante humilhado, foi dado prosseguimento à sua execução.

Durante a noite, enquanto os soldados dormiam, o carrasco foi lhes fazer uma visita surpresa como havia dito. Começa a surrá-los ainda quando dormiam, até que todos no cárcere foram acordados com seus gritos. O gigante batia fortemente em suas cabeças a golpes de porretes, o que os deixa extremamente tontos e feridos.

## A NOTÍCIA DA PRISÃO DOS SOLDADOS

Enquanto isso, no castelo vizinho, o Sr. Santificação, administrador da fortaleza, se preocupa com a ausência de dois soldados que já deviam ter chegado. Sabia deles, pois tinham boa fama e havia sido informado que estavam próximos.

Não demora muito para sua suspeita ser confirmada, haviam sido capturados. Um informante do castelo havia trazido a notícia.

Logo se reuniu numa das torres do castelo com dois súditos aptos a invadir o castelo inimigo, um era especialista em derrubar muralhas, era um aríete conhecido como Libertação e o outro, era o Sr. Disciplina, diplomata do Reino e responsável pela libertação de muitos soldados.

Na reunião foi decidido que pela manhã bem cedo ocorreria a invasão, a fim de recuperar os nobres soldados, pois já era noite, travar uma batalha sob a luz do dia seria mais vantajoso.

## O REI HIPOCRISIA EM SEUS APOSENTOS

Já era hora de dormir, mas o rei estava muito exultante pela captura dos soldados. Percebendo a euforia do rei, sua rainha, a vossa majestade Heresia, pergunta pelo motivo de tanta euforia. O rei então lhe diz:

– Ainda não sabe minha rainha! O motivo de minha euforia é porque capturamos dois nobres soldados.

– Mais que notícia maravilhosa, adorável rei!

– Sim, minha rainha, é uma notícia maravilhosa, pois não é sempre que conseguimos capturar soldados tão nobres.

– O que vai fazer com eles?

– Pretendo convencê-los a se unir a nós, trabalhando numa de nossas províncias, remunerando-os com um salário pago em moeda Corrupção.

– A ideia é ótima, seria muito bom se conseguisse isto! Porém, sabemos que são soldados valorosos, não se vendem fácil!

– Isto é verdade minha rainha, sei muito bem! Todavia, assim como muitos, mudarão de pensamento, após algumas torturas na masmorra. Principalmente pelas condições de vida precária, sem poder ver a luz do dia naquele lugar de mofo e lástima, estes também podem mudar de ideia.

– Tem outro problema meu rei!

– Que problema! Diga qual é?

– O que o faz pensar que nossos inimigos à frente não tentarão invadir o castelo para resgatar os soldados, se são tão nobres assim?

– Tem razão minha rainha! Mas o que devo fazer então?

– Ora, meu rei! Seria maravilhoso se pudesse executá-los logo, mas sabe que não pode, pelo menos por enquanto... Mas tem algo que pode ser feito!

– O que pode ser feito?

– Enfraquecê-los! Isto pode ser feito. Enfraqueça-os até chegar ao ponto de não terem mais condições de lutar pela sua liberdade.

– A ideia é ótima! Vou mandar que certifiquem ao carrasco de surrá-los todos os dias sem dó nem piedade. Vou também reforçar a guarda do

castelo, pois realmente a possibilidade do nosso rival tentar invadir o castelo é grande.

Após a decisão de mandar surrar os soldados todos os dias para enfraquecê-los, o rei se entrega a um profundo sono. A rainha, porém, antes de fazer o mesmo, tomou o cuidado de orientar o chefe de cozinha do castelo, o Sr. Consciência-Cauterizada, a servi-lhes apenas refeições vindas da Terra-Da-Imoralidade. Um lugar profano, onde se cultivava alimentos capazes de limpar da memória a boa consciência.

## A DISPUTA PELOS SOLDADOS

Surge um novo dia. Trancafiado no calabouço, Valente precisava de um milagre ou algo parecido para sair dali. A prisão era muito forte, opressora, não permitia sequer que tipo algum de luz penetrasse ali, o que impossibilitava os soldados de divisarem o dia da noite.

Embora o soldado não soubesse que estava surgindo um novo dia, nesse exato momento dois súditos fiéis do Grande Rei vinham à sua busca. Libertação e Disciplina estavam a caminho do Castelo do Falso Cristianismo.

Logo a notícia se espalha pelo castelo. A guarda é reforçada e o porteiro levanta a ponte-levadiça.

O castelo possuía uma ponte-levadiça porque uma vala o rodeava. O mesmo estava sendo consumido por uma terrível erosão. Fato é que havia sido construído em cima de uma jazida de lava de fogo e enxofre (Ap 19.20). A mesma estava condenando o castelo consumindo-o aos poucos de fora para dentro, logo não existira mais.

Chegando em frente ao castelo, Libertação pede ao porteiro para que baixasse a ponte. Oposto-À-Verdade, o porteiro, bradou que não abaixaria. Também lançam flechas sobre os dois, que se defendem dos dardos com seus escudos.

Libertação, que era perito em invadir o castelo sempre que preciso, trazia consigo uma forte corrente com ganchos na ponta. A rodopiou lançando-a sobre a ponte. O tiro foi certo! Com sua força começa puxar a ponte. O porteiro resolve medir forças com ele, mas não havia força maior pelas redondezas que a do aríete Libertação. Ainda que jun-

tassem todos os vassallos para ajudar o porteiro, não conseguiriam manter a porta fechada.

Assim, invadiram o castelo e foram à procura dos soldados. Alguns vassallos tentavam impedi-los, mas não tinham como medir forças com os dois.

Como não diziam onde estavam os soldados, Libertação foi quebrando qualquer parede que via pela frente. Até que chegou ao calabouço e lá os encontrou.

Disciplina estava selecionando os valorosos soldados que deveria levar, quando passivamente surge o diplomata do castelo, o Sr. Lei-Do-Pecado (Rm 8.2), também conhecido como o Negociador. Disse:

– Vocês não podem levá-los, não lhes pertence!

– Podemos sim e vamos levá-los! – Libertação rebate.

– Não podem não! – diz o Diplomata. – Pois na própria lei do vosso Rei está escrito “Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhes obedecer, sois servos daquele a quem obedecer, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça” (Rm 6.16). Estes soldados foram derrotados, por isso pertencem a quem os derrotou, como está escrito na vossa própria lei!

O homem de fato parecia entender bem do que falava, o Sr. Disciplina teve que concordar com ele. Propôs então uma luta entre os soldados e seus respectivos oponentes. O diplomata consentiu, mas sob uma resolução vitalícia, de que os soldados seriam eternamente escravos se derrotados novamente, alegando conhecer uma antiga clausura do grande Rei que dizia: “Se pecarmos voluntariamente depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados” (Hb 10.26).

Diante do argumento dito pelo diplomata Lei-Do-Pecado, o Sr. Disciplina achou por justa a proposta. Então marcaram a luta para o entardecer, pois os soldados haviam sofrido maus tratos na masmorra e precisavam de tempo para se recuperar e bálsamo para suas feridas.

Desde então os soldados foram exilados num dos pátios do castelo, outra exigência do Sr. Disciplina, pois precisavam de luz para se recuperar, o que na masmorra não havia senão mofo.

Aquele dia inteiro os soldados passariam sob os cuidados do Sr. Disciplina, que não apenas cuidava de suas feridas mas também os orienta-

va sobre seus oponentes. Os advertia também sob suas condutas, visando eliminar as falhas que um soldado não pode cometer, e que fora a causa de terem sido derrotados.

Rigorosamente os adverte, lembrando-os das clausuras ditas pelo diplomata e assegurando que se não derrotarem seus oponentes, as mesmas os manteriam escravizados! Chega a hora do duelo.

## A ARENA

O castelo possuía uma arena própria para esse tipo de duelo. Era uma das atrações do castelo. Estava lotada de espectadores e na tribuna de honra se encontrava o rei Hipocrisia, sua rainha e seu filho, conhecido como Castigo-Eterno, aquele que em breve herdaria o trono em seu lugar.

O primeiro confronto estava prestes a dar início. Era entre o soldado Franco e seu oponente, o gigante Glotonaria.

O juiz dos combates era inerte às facções, pois no caso não podia favorecer a ninguém. Chamava-se Responsabilidade-De-Cada-Um. Era procedente da Terra-Das-Escolhas, um lugar também conhecido como Mente-Humana, um labirinto na verdade, onde todos têm a opção de fazer suas escolhas de livre e espontânea vontade.

## FRANCO E SEU Oponente

O primeiro confronto do dia estava para iniciar. O soldado Franco estaria novamente diante do gigante que o derrotou. Enquanto aguardava ansiosamente, surge na arena o oponente. A plateia delira! Todos gritavam como se fosse apenas uma voz. Por um momento, Franco se vê intimidado diante de tanta hostilidade, mas ao ouvir o Sr. Disciplina pedir concentração, deixa o medo de lado.

Dá-se então o início ao combate. Já de início, o gigante se lança sobre o soldado, que se desvia. Com sua crava tenta acertá-lo, mas se defende com seu escudo. O gigante insiste em tentar ferir o soldado que por sua vez sabia se defender.

Desta vez o gigante não parecia com tanto poder sobre o soldado, que parecia saber o que estava fazendo dentro da arena. É que o Sr. Disciplina havia contado um segredinho sobre o gigante para o soldado, o avisou que o poderio do mesmo se fortalecia pelo seu olfato, tinha o olfato muito aguçado. Toda a vez que sentia o odor dos desejos carnis em seus oponentes se fortalecia. Então o Sr. Disciplina disse para que entrasse na arena em jejum, para que o gigante não se fortalecesse ao sentir o odor dos desejos carnis. Assim o fez.

Em uma tentativa de acertar o soldado, o gigante deixou escapar sua arma, Franco então se aproveitou-se da ocasião, deu um golpe certo na coxa do gigante, que o derrubou. Já caído no chão cravou a sua espada e não se levantou mais.

Houve silêncio na plateia! Uma notável tristeza varreu a arena de ponta a ponta ao verem um de seus heróis derrotados.

O Sr. Disciplina parabeniza o soldado pela vitória. Estava novamente livre de seus inimigos, podia dar continuidade à sua jornada.

## O CONFRONTO DE VALENTE

Não demorou muito e chegou a vez de Valente enfrentar seu oponente.

Valente havia sido derrotado por menosprezar a aparência do seu rival, que a princípio tinha a aparência de um impotente anão, mas o mesmo ao se enfurecer se transforma num gigante. Valente então foi surpreendido por sua súbita transformação. Agora, porém, o Sr. Disciplina havia lhe ensinado uma lição sobre a importância da concentração e de nunca menosprezar inimigo algum, pois todos são inimigos e isto já basta para fazer dele perigoso.

Logo surge na arena o estranho inimigo, Distração. Chega insultando o soldado, dizendo palavras de ofensas, ridicularizando-o. Por um momento passa a fazer piadas com a cara o soldado. Porém, em meio a tantas vozes de zombaria no estádio, uma sutil voz sussurrava em seus ouvidos:

– Concentração! – era a voz do Sr. Disciplina.

Começa a batalha. Com sua espada o soldado tenta feri-lo. A pouca estatura do oponente o fazia ágil, conseguia facilmente se esquivar das investidas do soldado. Valente continuou atacando.

Distração dependia que seu humor fosse alterado para se agigantar, por isso insultava o soldado na tentativa de induzi-lo a fazer o mesmo. Porém, ele estava consciente do que o seu rival queria! Apenas o atacava esperando pelo momento certo de feri-lo.

Desta vez não menosprezava seu adversário! Sua mudança de comportamento o punha em vantagem na luta, pois respeitando seu rival, não se enfurecia.

Na verdade, o efeito se inverteu! Como não se agigantava logo cansou. Foi quando o soldado lhe deu um golpe certo que o arremessou para longe. Ferido no chão, já não tinha condições para enfrentar o soldado. Não ousou se levantar. Mas uma vez houve silêncio no estádio.

Na tribuna, o rei se enfureceu. Vendo a frustração da sua plateia, mandou que buscassem alguns prisioneiros para serem enforcados, isto com certeza mudaria o ânimo da plateia.

O Sr Libertação resgatou as preciosas Renúncias dos soldados e as devolveu a quem pertencia. Também lhes adverte, que se continuassem perdendo algo tão precioso, um dia poderiam não encontrar.

Sem demora, deixaram o Castelo do Falso Cristianismo, lugar de tanto pavor. Foram libertados também outros soldados que venceram seus oponentes. Eram eles: Cristão-Verdadeiro, Amigo-De-Deus e Homem-Justo.

Infelizmente outro soldado não teve a mesma sorte, seu nome era Sr. Arrogante. Foi derrotado novamente por um forte inimigo que não conseguia vencê-lo, conhecido como Presunção.

## O BALUARTE DO SENHOR

Logo chegaram à porta do baluarte do Senhor, um lugar seguro que servia de refúgio aos soldados. Antes de adentrá-lo, o porteiro Consagração confiscou uma das preciosas moedas de cada um deles.

Valente pediu informações sobre o amigo Intrepidez, se havia chegado ali e se ainda estava. Recebeu a resposta de que o amigo havia chega -

do sim, mas que nessa altura já devia estar bem longe, e que possivelmente já deveria estar bem próximo do destino almejado.

Valente muito se entristeceu ouvindo tal notícia, não pela saga do amigo, mas porque se fosse menos descuidado estaria longe também.

Após o dia cansativo que todos tiveram foram descansar.

## A FENDA NA ROCHA E A TERRA DA INJUSTIÇA

Após uma merecida noite de descanso, o sol já emitia seus primeiros raios de luz. Sr. Santificação, que era o administrador do baluarte, despertou os soldados para que não perdessem tempo.

Preparou também, uma farta mesa de café da manhã, para que se fortalecessem. A mesa se tornou em um momento agradável de comunhão, enquanto se alimentavam expunham suas aventuras.

Destacava-se uma das histórias contadas, a do Sr. Irmão-Arrepentido. Assim expunha por suas próprias palavras:

– Já estive aqui antes! Já passei por todas estas provações e na verdade fui muito mais longe, cheguei a certa altura que vocês estão para alcançar ainda! Mas quando estava bem adiantado, talvez já bem próximo do lugar desejado, estava tão cansado que me retirei para um vilarejo junto ao caminho para descansar um pouco. O lugar era chamado de Inércia-Espiritual. Sabia que não tinha boa fama, mesmo assim resolvi abrigar ali, a convite de uma amizade que fiz, cujo nome se não me falhe a memória era Pastor-Corrupto. Com o passar dos dias fiz boas amizades por ali e acabei me acomodando. Mas certo dia, enquanto tirava um cochilo, o temido gigante, chamado Carnalidade, surgiu em minha frente. Tentei lutar! Foi neste exato momento que percebi que minha espada e meu escudo haviam sido roubados e também toda a minha armadura. Não tinha como lutar com o gigante! Assim me aprisionou a fortes correntes e levou-me de volta à minha cidade natal, que é uma metrópole conhecida como Cidade da Incredulidade.

Como vocês mesmos podem ver, por um simples vacilo tive que trilhar o caminho todo de novo; depois claro, de ter passado anos aprisionado em minha cidade natal, pois não tinha permissão para sair além de seus limites, pelo motivo de ter menosprezado o lugar uma vez.

## NA ESTRADA NOVAMENTE

O passatempo à mesa estava bom, mas era hora de partir. Valente estava ansioso para partir e tentar quem sabe, recuperar um pouco do tempo perdido com o seu vacilo. Assim, retirou-se da mesa antes que todos e perguntou ao Sr. Santificação se já podia partir. A resposta foi sim.

Chamou também o soldado Franco para que o acompanhasse na jornada. Abriu a porta que dava acesso ao caminho e os abençoou desejando boa sorte. Os soldados agradeceram a hospitalidade e seguiram em frente.

Enquanto o soldado Franco esbanjava regozijo por ter sido resgatado, o mesmo não se via no semblante de Valente! Estava feliz pela liberdade, mas a tristeza de saber que nessa altura poderia estar bem longe parecia maior.

Percebendo o semblante tristonho do amigo, Franco tenta animá-lo, dizendo:

– Você deveria se alegrar! Embora tenha cometido uma falha, atravessamos uma região perigosa, um lugar tão hostil que nem todos sobrevivem.

– Estou feliz por ter atravessado esta região, mas sei que se não tivesse falhado, já estaria longe. Inclusive, tive informações de que meu companheiro de jornada, que venceu o campo de batalhas, já está tão distante que deve de estar quase chegando ao destino tão sonhado. Quem dera estivesse com ele!

– Não se preocupe amigo! Logo vamos estar onde ele chegou e em breve, chegaremos no lugar almejado, onde viveremos em paz e completa alegria por toda a eternidade.

– Suas palavras são animadoras! Mas será que, como várias vezes falei não o farei de novo?

– Então vamos redobrar a atenção! Vamos ser mais cuidadosos para que não caiamos em desventura alguma.

## O VULCÃO IRA-DE-DEUS

Enquanto proseavam, divisaram alguém voltando o caminho e pela pressa, parecia muito assustado. Aproximando-se perguntaram:

– Por que você volta tão ofegante e assustado assim?

– Então vocês não sabem ainda?

– Sabemos o quê? – questiona Valente.

– Aquele vulcão lá adiante, que vocês bem podem ver daqui, está prestes a entrar em erupção.

– Tem certeza do que está dizendo? – Franco se assusta.

– Tenho sim, pois estou voltando daquela região. Estava muito próximo quando divisei sua lava cobrindo todo o caminho. Achei que já era tarde demais! Assim como tivemos informações de que este caminho não existiria para sempre, acho que já está desaparecendo!

Os soldados se apavoram ao ouvir tal notícia, pois realmente sabiam que o caminho não existiria para sempre. Então os que ficassem de fora iriam dizer “abre-nos a porta” (Lc 13.25), mas esta estaria fechada para sempre. Até que ouvem uma voz dizer:

– Não lhe dê ouvidos! Venham, continuem andando. – era o Sr. Palavra-de-Deus.

O homem, por sua vez, apressou os passos e rapidamente sumiu da vista, temendo que o vulcão entrasse em erupção.

Assustado Valente pergunta:

– É verdade o que disse o homem?

– Não se preocupe soldado, apenas siga em frente. – diz o Sr. Palavra-De-Deus.

– Vejo fumaça saindo da boca do vulcão e uma nuvem preta lançada por ele, parece se aproximar daquela região. – Franco questiona.

– Realmente o vulcão está prestes a entrar em erupção e sua lava já transborda. Mas o homem precipitou-se ao dizer que o caminho já havia sido tomado pela lava. Na verdade, o caminho que ele andava é que foi coberto pela lava, pois seguia por um caminho errado que já estava condenado há muito. O homem sem perceber se desviou do caminho da verdade para uma vasta avenida chamada Seitas-E-Heresias, é este caminho que a lava já começa a cobrir.

– É um alívio saber que não ficamos para trás! – Valente desabafa.  
– Aquele vulcão não há de reter sua fúria para sempre, soldados. – o Sr. Palavra-De-Deus diz. – Na verdade, “o tempo está próximo” (Ap 1.3). Quando isto acontecer, aquelas civilizações próximas a ele serão as primeiras a sentirem sua ira.

– Nossa! Que civilização é aquela? – Franco pergunta.

– São várias civilizações adjacentes ao vulcão e todas pertencem a Terra-Da-Injustiça, uma região muito perigosa.

– Podemos ver, embora de longe, que uma nuvem escura não para de ser lançada pelo vulcão e está cobrindo parte da região. Visivelmente isto é um aviso do perigo iminente. Por que as pessoas não fogem de lá?

– Franco pergunta.

– A resposta é simples: “visto como se não executa logo o juízo sobre a má obra, por isso o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ecl 8.11). Quanto à região perigosa, vim adverti-los sobre ela! Se seguirem adiante, provavelmente não conseguirão atravessá-la! Os perigos ali são grandíssimos e às vezes, imperceptíveis.

– De que tipo de perigo está falando? – Valente se preocupa.

– Seguindo em frente logo vão chegar à Cidade da Corrupção. Um lugar de pessoas ruins e imorais. Vivem lá pessoas da pior espécie possível, pois se importam mais com as riquezas e posições do que com o próximo. Assim, se tornam também todos aqueles que fazem morada ali. Isto acontecerá a vocês também se foram pegos por algum inimigo deste lugar, pois lá se vende até pessoas e o que menos importa lá é o sentimento alheio. Pouco mais adiante chegarão numa cidade chamada Ganância Pelo Poder. Neste lugar, muitos bons soldados acabaram findando sua jornada. O lugar é muito desenvolvido e atrativo, o que fascina seus visitantes. Mas morar nesta cidade tem um preço alto e este preço é cobrado dia após dia, em forma de impostos, pelo prefeito o Sr. Falta-de-Paz. Muitos acabam ficando transtornados quando não conseguem mais pagar o preço, e se não conseguem mais cumprir com seus deveres são entregues ao xerife da cidade, o Sr. Perturbação, que tratará de encerrá-los na prisão.

Seguindo adiante encontrarão o Vilarejo dos Impostores. Lugar também muito perigoso, onde muitos inimigos os aguardam. Na sequência passarão por outros vilarejos, O Vilarejo do Comércio Ilegal, o Vilarejo-

Jô dos Bens Mal Adquiridos, o Vilarejo da Deslealdade, e também o Vilarejo dos Infiéis, onde mora uma grande família bem conhecida, a Família dos Não Dizimistas. Pouco mais adiante, depois de passar pela Cidade da Avareza, atravessarão próximo ao mar Negro. Um lugar onde surgem piratas de todos os cantos, negociando seu contrabando. Se forem pegos por algum inimigo ali, sua vida será o preço por uma negociação ilegal. Mais adiante, encontrarão uma grande cidade, onde muitos soldados encerram sua jornada, a famosa Igreja Corrupta. A influência nociva deste lugar é tão terrível, que é capaz de transformar homens bons, que tinham tudo para se tornarem valorosos soldados, em seres tão desprezíveis quanto um insignificante inseto. Estão vendo o perigo que este lugar representa? Sem contar o perigo iminente da erupção do vulcão!

– Como podemos atravessar por este lugar em segurança então? – Valente pergunta.

– Esta região se tornou tão perigosa, que a travessia por ali ficou praticamente inviável! Por isso, o Senhor vos preparou um caminho melhor (Is 55.8.9).

– Que caminho melhor é este? – Franco pergunta.

– Logo adiante encontrarão o guardião do caminho, junto à “fenda na rocha” (Êx 33.22). Procurem por ele, se chama Vida-No-Espirito, ele lhes mostrará o caminho melhor. Agora sigam e não deixem de procurar pelo guardião.

Então seguiram em frente, com passos apressados porque a visão da nuvem negra evacuada pelo vulcão era amedrontadora. Foram procurar pelo guardião.

## A FENDA NA ROCHA

Caminham mais um pouco, até que no erigir de um rochedo, enxergam um homem. Aproximam-se e perguntam se era o guardião. O homem respondeu:

– Sim! Me chamo Vida-No-Espirito e sou o guardião de um caminho que poucos conhecem. E quanto a vocês, o que desejam?

– Como pode ver, somos soldados. O Sr.Palavra-De-Deus nos orientou a procurá-lo. – Valente diz.

– Atrás de mim está o caminho. Seguirão por esta “fenda na rocha” (Êx 33.22) e estarão seguros, longe dos olhares inimigos.

– Caminhando por esta fenda estaremos livres da milícia dos inimigos desta terra perigosa? – Franco pergunta.

– Isso mesmo! A região por onde atravessa esta fenda é desconhecida pelos moradores da região, pois não consta no mapa deste mundo. Estou falando da região chamada Sobrenatural, lugar em que poucos se aventuram e muitos desconhecem. Aqui, inimigo algum pode vos alcançar.

– Só de saber que os inimigos não podem nos alcançar nesta região já é motivo de muita alegria. – Valente diz.

– Porém, não é qualquer pessoa que pode seguir por esta região! Apenas os que são dignos e pagam o devido preço.

– Trazemos conosco as preciosas Renúncias e temos sim com que pagar o preço. –Franco diz.

– Então pague cada um o seu devido preço, para que possam seguir.

Os soldados pagam cada um uma Renúncia. O guardião, verificando e vendo que eram originais, rubricadas no Castelo dos Segredos de Deus, e feitas com ouro provado no fogo, permitiu-lhes passagem.

Então seguiram pela fenda. Um extenso túnel se estendia pela fenda na rocha. O rochedo acompanhava todo o vasto território da Terra da Injustiça, a fim de dar segurança aos nobres soldados.

Assim, atravessaram aquela região perigosíssima sem serem notados.

Enquanto que do lado de fora muitos caíam em diversas ciladas e desventuras, ali dentro, desfrutavam de algo maravilhoso. O rochedo não era apenas um caminho seguro, antes, ali se ocultava um lugar esplêndido, a Região do Sobrenatural. Um lugar sem igual, incomparável a tudo o que havia na terra e que de tão incomparável, sua existência foi tida como zombaria pelos moradores do mundo.

Mas o lugar existe! Poucos o conhecem, poucos são os que se aventuram por ele, mas aos que conseguem este feito, um lugar glorioso lhes é revelado. De tão glorioso, não pode ser contado o que tem lá, pois apenas aos que entram pela “fenda na rocha” lhes é permitido conhecer o sobrenatural.

## TERRA DA IDOLATRIA

Os perigos da Terra Da Injustiça havia ficado para trás. Um grande passo havia dado em sua jornada. Dos que ultrapassavam aquela região, raramente algum deixava o caminho.

Ainda havia perigos! Os soldados estavam maravilhados com a região Sobrenatural da qual acabaram de atravessar, mas ainda assim não podiam descuidar. Grandes perigos lhes aguardavam! Um deles, bem próximo, situava-se a Terra da Idolatria.

## SR. CORAÇÃO-RETO

Estavam há muito caminhando sem descanso e também sem enfrentar grandes perigos ou obstáculos. Se por um lado a falta de inimigos era bom, por outro pode causar descuido.

Aproximando-se da Terra da Idolatria, uma propriedade antecipava-se à mesma. Nela morava um bom homem chamado Sr. Coração-Reto. Costumava orientar os soldados quanto ao perigo que se seguia. Uma placa à frente de sua propriedade dizia: “Conserto! Não siga em frente sem a perfeição”. Foi a forma que achou de avisar os que passavam quanto ao perigo.

Em sua residência funcionava uma oficina. O homem era perito em consertar tudo o que não tinha mais jeito. Era conhecido pelas redondezas pela capacidade de dar vida àquilo que não tinha mais solução.

Ao ler a placa, Valente e o amigo chamam pelo homem a fim de se informarem dos perigos à frente. Abrindo o portão de sua residência o homem diz:

– Venham, entre! Estão muito cansados pela aparência! Descansem um pouco enquanto lhes sirvo algo para comerem.

Os soldados de tão cansados e famintos que estavam, aceitaram o convite sem resistência.

Logo o homem pergunta o que desejavam. Valente responde:

- Nos chamou a atenção a placa em frente à sua residência, então paramos para pedir informações.
  - Que tipo de informação precisam?
  - Sobre os perigos à frente! Queremos saber o que nos espera e como podemos atravessar com segurança.
  - O que vamos encontrar neste lugar? – Franco pergunta.
  - Os inimigos à frente são chamados de Ídolos. São poderosos, dominam a arte do hipnotismo. São capazes de escravizar alguém apenas pelo olhar. Ocultam-se atrás de uma aparência atraente, quando na verdade não passam de seres das trevas. Mas assim diz o Senhor: “filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1º Jo 5.21).
  - Como podemos vencê-los? – Valente pergunta.
  - Como disse: “guardai-vos dos ídolos”. Não permita se aproximarem, pois atacam o coração, onde a morte é letal.
  - Como podemos evitar sua aproximação? – Franco Indaga.
  - Estes inimigos não lutam pela força. Dominam pelo hipnotismo. Portanto, devem manter seu olhar no foco, não olhe para eles. “olhai para mim e sereis salvos” ( Is 45.22 ), diz o Senhor. Caminhem olhando adiante com o olhar focado no Senhor. Lembrem-se também, de que o homem que foi chamado de segundo o coração de Deus disse: “não porei coisas más diante dos meus olhos” (Sl. 101.3).
  - O segredo está em não olhar para os ídolos, então? – Valente pergunta.
  - Exatamente! Se olhar para um deles poderá ficar hipnotizado, ou então se tornar numa estatua de sal, como a mulher de Ló (Gn 19.26).
- O sono começava a mudar o semblante dos soldados, enquanto o homem os instruía, pois o dia estava avançado e haviam caminhado sem parar. Já estava na hora de descansar. O dia seguinte reservava grandes dificuldades, tinham que estar dispostos. Então descansaram aquela noite.

## O AMBIENTE ENFEITIÇADO

De manhã estavam prontos para dar prosseguimento à jornada. Se despendem do Sr. Coração-Reto e seguem.

Conforme se aproximavam do território hostil a paisagem parecia mudar. Uma flora diferente surgia junto ao caminho. Paisagens encantadoras também surgiam, cenas raras que criavam fascínio. O lugar era deslumbrante, encantava qualquer um. Os soldados pareciam hipnotizados pelo ambiente.

Ao se dar conta do quanto estavam fascinados pelo lugar, Franco se lembrou de algo dito pelo Sr. Coração-Reto, e disse ao amigo:

– Se lembra que o homem nos alertou sobre o perigo do hipnotismo que os Ídolos deste lugar causam?

– Lembro sim! – responde Valente.

– Parece que o próprio ambiente já está começando a nos hipnotizar. Veja como estamos deslumbrados!

– É verdade!

– É bom pararmos de admirar a aparência deste lugar!

– Tem razão amigo. Se bem me lembro na instrução do Sr. Coração-Reto, falou sobre a mulher de Ló, que se tornou numa estátua de sal exatamente por ter se encantado demais por um lugar pecaminoso. Longe de mim se tornar numa estatua por causa do encanto de um lugar.

– Nem diga uma coisa destas! Você tem razão. A admiração por um lugar pecaminoso pode sim tornar-nos numa estatua, afinal estávamos tão encantados a ponto de sermos hipnotizados pelo que víamos!

Na verdade, o ambiente não era tão belo assim como pensavam. O lugar não passava de uma floresta negra e sombria, onde habitam diversos tipos de seres das trevas e infernais. Mas havia um feitiço sobre a mesma, que fazia as pessoas enxergarem como belo o tenebroso.

Um feiticeiro do local era responsável pelo encanto. Seu nome era Vaidade. Mestre na arte do ilusionismo, venerado por todo o reino das trevas pela capacidade sem igual de deter os soldados através de suas ilusões. Veja que até os próprios soldados Valente e Franco a princípio estavam se iludindo com o encanto, mas percebem a tempo a sagacidade do inimigo.

## MORADORES DO LUGAR

Mais adiante avistaram vilarejos e pessoas habitando o lugar. Conforme caminhavam mais civilizações surgiam. A população parecia muito grande.

Alguém se aproximou vendo a seriedade dos soldados. Os saúda perguntando quem eram. Valente responde:

– Somos soldados. Me chamo Valente e este é Franco, meu companheiro de jornada. E você, quem é e o que deseja?

– Me chamo Cobiçoso. Também creio naquilo que vocês buscam, isto significa que compartilhamos a mesma fé.

– Mas se crê naquilo que cremos, o que faz morando aqui? Não devia estar seguindo em frente?

– Aqui encontrei vida! Tudo o que preciso está aqui. O lugar é magnífico! Todos me adoram e falam bem de mim. O que mais eu preciso?

– Creio que está fora de si e só fala asneira. – Franco diz.

– Talvez não seja eu que falo asneira de mais! – diz o homem. – Vejam vocês, por exemplo, se acham tão corretos a ponto de desprezarem outros que seguem a mesma fé, só porque se comportam de um modo diferente.

Os soldados vendo a ilusão em que vivia o homem tentaram abrir-lhe a mente, mas a tentativa foi em vão. O homem estava completamente obstinado por suas convicções, e no momento, suas convicções não colocavam a salvação em primeiro plano.

O homem havia sido hipnotizado por um dos ídolos do lugar chamado Fama. Passou também a morar num lugar que levava o próprio nome do ídolo: Cidade da Fama.

Sem conseguir convencer o homem de sua loucura, seguiram em frente.

Foi o ídolo quem mudara seu nome para Cobiçoso e parece ter-lhe caído tão bem, que nem se lembrava do velho.

Seu antigo nome era Pastor-De-Ovelhas. Era um fiel e honrado soldado do Senhor. Um homem admirável e de grande valor, mas que em algum momento de sua jornada se perdeu, caindo em profunda desventura.

Muitos súditos do grande Rei já haviam tentado resgatá-lo dali. O fato é que a ilusão em que estava sucumbido era tão grande, que já não fazia questão de olhar para as promessas. Nesta lamentável situação se encontravam muitos.

## OS ÍDOLOS

Não demorou muito para serem abordados por um ídolo. Era o próprio Fama, que havia escravizado o antigo Pastor-De-Ovelhas. Estava à espera da aproximação dos soldados.

Cientes de quem se tratava, os soldados mantinham seu olhar firme adiante. Ao aproximar-se o ídolo tentou ganhar afinidade oferecendo alguns convites e oportunidades. Não lhe deram atenção e seguiram em frente. Desta forma conseguiram se livrar do perigo, pois não agia pela força e sim pela sagacidade.

Mais adiante, outro ídolo os aguardava, seu nome era Avareza. Perito em hipnotizar soldados de natureza pastoral e por fim, escravizá-los.

O ídolo também tentou criar afinidade com os soldados, que nada lhe respondia, apenas seguiam olhando fixos para frente. O ídolo tentou acompanhá-los um bom pedaço na tentativa de ganhar afinidade, o que não aconteceu.

Os soldados tinham a consciência de que os tais dominavam a arte do hipnotismo, não precisava temê-los apenas não podiam lhes dar atenção. Uma pequena afinidade com um destes poderia significar a escravidão pelo mesmo.

A pouca distância, outro ídolo os aguardava, seu nome era Mundo-Das-Ilusões. Famoso por enganar as pessoas com algo não real. Suas presas são levadas a um lugar chamado Mundo do Faz de Conta, onde tudo parece belo e maravilhoso, mas que com o tempo se descobre não se passar de mentiras.

Os soldados também não lhe deram atenção. Deixaram mais um para trás.

## ADORADORES DE MAMOM

Pouco mais adiante passaram por uma cerimônia de culto que acontecia naquele instante, era o culto a um deus chamado Mamom (Mt 6.24). Prostrados diante daquele ídolo se encontrava uma multidão, inclusive muitos que um dia foram soldados. Foram, porque não podiam ser mais, pois certa vez o Senhor disse: “ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar a um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6.24).

Enquanto observavam a cena, um homem que havia sido soldado um dia, mas agora não passava de um mercenário, puxou conversa:

– Querem conhecer os benefícios e a prosperidade que Mamom pode lhes dar?

– Quem é você? – pergunta Valente.

– Sou da mesma família que vocês... Sou um soldado também! Chamo-me Aproveitador-Do-Evangelho.

O homem se dizia um soldado porque ainda era convicto disto, quando na verdade, já há muito havia deixado isso.

– Se você é um soldado, por que se prostra diante deste ídolo? Não sabe que a nossa riqueza está no céu e não aqui, pois tudo que os olhos podem ver agora é passageiro? – Valente diz.

– E por que desprezar tudo isto se pode ser nosso? Que mal há em aceitar aquilo que Mamom tem a oferecer?

– Você deixou de dar prosseguimento à sua jornada quando se entregou a Mamom. Este fato já não é suficiente?

– Não vai adiantar discutir Valente! – Franco fala ao amigo percebendo a dureza do coração do homem. – Vamos seguir em frente, se ele reconhecer sua deslealdade um dia voltará ao caminho, mas enquanto pensar apenas nos benefícios da troca que fez, dificilmente alguém ou mesmo um sábio conseguirá convencê-lo da sua tolice.

Então deixaram o homem e seguiram. O homem estava mais interessado nos benefícios temporais do que nos tesouros da eternidade, o que poderiam fazer os soldados para mudar os pensamentos de alguém tão obstinado?

## UM ÍDOLO PODEROSO

Aos poucos, se aproximavam de um grande perigo enquanto dialogavam pelo caminho. À frente, estava um ídolo muito poderoso, esperando cruzarem seu caminho. Seu nome era Influência da Mídia.

Uma multidão havia sido escravizada por este que, não se cansava de afrontar os soldados. Possuía uma aparência bela e admirável, o que cativava a amizade de suas presas.

Era penoso saber que seus capturados nem se davam conta de que agora eram escravos. Eram trancafiados em um lugar chamado Mundo de Fantasias. Ali, eram iludidos com um mundo irreal, enquanto que o verdadeiro é deixado de lado.

O perigo estava perto, se aproximava a cada passo. Logo estariam Ao alcance do ídolo.

Firmes e sempre olhando para frente, caminhavam sem a pretensão de dar a mínima atenção ao ídolo, que por sua vez tentou chamar-lhes a atenção com vários atrativos.

Valente focou seu olhar para cima temendo sua influência, seus pensamentos estavam voltados para a recompensa que receberia no final. Prosseguiu desta forma por um bom pedaço, até deixar de ouvir a insinuação do ídolo.

Certo de que o perigo havia passado, disse ao amigo:

– Que bom que atravessamos por mais este!

Mas ao olhar para o lado, onde estava o amigo? Não o viu ao seu lado! Olhou meio que espantado ao redor à procura desesperada pelo amigo, mas não estava ali! Entendeu então que o ídolo o havia hipnotizado. Era mais um que havia conseguido capturar.

Decidiu voltar para ajudar o amigo, mas uma voz bradou dizendo que não voltasse. Um cavaleiro aproximou-se velozmente do soldado dizendo:

– Pule! – então montou no cavalo.

– Cubra-se com minha capa para que os inimigos não lhe enxerguem (Ex 12.13)! – disse o homem que se chamava Sangue-Do-Cordeiro.

– Mas... Meu amigo ficou para trás, deve ter sido detido, precisamos ajudá-lo! – insistiu Valente.

– Precisa sair urgentemente daqui, um poderoso furacão se aproxima desta redondeza. É chamado de Juízo de Deus, devastará tudo o que encontrar pela frente. Fui enviado para tirá-lo daqui enquanto é tempo.

– E quanto ao soldado Franco?

– Não se preocupe, o Senhor enviará outro súdito para tentar resgatá-lo. Se por alguma desventura acabou ficando para trás, você não pode voltar.

Então saíram galopando. Escondido, debaixo de sua capa vermelha, Valente não era visto por nenhum inimigo. Atravessou aquele campo perigoso velozmente até ser entregue aos cuidados de um garimpeiro.

## SR. SACERDÓCIO-REAL

Rapidamente o homem recebeu Valente em sua propriedade, ambos foram se abrigar no sótão, pois o furacão se aproximava com sua fúria.

Logo vieram os fortes ventos com um estrondo assustador. Para tranquilizar o soldado, o homem disse:

– Não se preocupe, está seguro aqui! Logo o furacão irá passar.

– Como se chama? – pergunta Valente.

– Meu nome é Sacerdócio-Real. Sou um mineiro, costumo passar o dia procurando pedras preciosas nas minas em minha propriedade. Depois, te mostrarei as pedras preciosas que tenho garimpado.

– Gostaria de ver sim!

– Quanto ao furacão, logo deve passar. Não se preocupe, este é passageiro. Ele surge de vez em quando, apenas para anunciar a aproximação do terrível furacão, a qual ninguém escapará.

– Que furacão tão terrível seria este?

– Foi batizado com o nome de Juízo-Final (Ap 20.11 ). Sua vinda é certa, não há como escapar. Santos meteorologistas detectaram sua existência há algum tempo, desde então vêm tentando avisar a todos, para que fujam da sua ira, mas poucos dão crédito. Preferem ironizar e até zombar, ridicularizando quem costuma fazer o alerta.

– Isto é terrível! Muitos serão pegos de surpresa porque não se importam com o que virá amanhã, querem apenas aproveitar cada dia. Conheço muitos que são assim!

– Seu raciocínio está correto soldado. Mas quando se manifestar será tarde demais, muitos estarão despreparados e não haverá para onde correr. Agora descanse! A travessia desta terra é longa, creio que precisa de um pouco de descanso e aqui é o lugar certo para isto.

– Preciso mesmo! A travessia deste lugar foi muito cansativa. Mas não tão infeliz quanto à perda do companheiro!

– Seu amigo terá nova oportunidade, o Senhor enviará súditos para tentar resgatá-lo. Que isto também sirva de alerta para você, para não se deixar ser capturado por ninguém!

Logo o furacão passou como dissera o homem. Devastou grandes áreas daquela terra hostil e por onde passava, continuava a fazer estrago. Valente passou aquele dia aos cuidados do Sr. Sacerdócio-Real. Adormeceu um doce e suave sono. No dia seguinte, bem cedo seguiu seu destino. Agora estava só, o que fazia da jornada ser mais penosa.

## O VALE DA SOMBRA DA MORTE

Por mais que atravessasse as lutas, de uma forma ou de outra elas, sempre surgiam novamente. Os amigos que fazia pelo caminho acabavam ficando pelo mesmo. Certamente deveria estar exultante por estar bem adiantado, mas não, estava ficando cansado e desgastado.

Caminhando sozinho e cabisbaixo, refletia sobre tudo o que havia passado. Certamente julgava valer a pena sua dura saga, embora os contratempos tentassem desvanecê-lo. Era notável o desânimo em seu semblante.

Nesse momento, observou alguns voltando o caminho, totalmente feridos. Apenas observava, não quis perguntar o porquê de estarem voltando. Julgava seus problemas grandes demais para se preocupar com os dos outros.

Observou também pessoas jogadas junto ao caminho. Pareciam sem forças para voltar e coragem para seguir. Ficou abismado com a cena! Logo surgiram pessoas em planto. Por que estariam todas assim tão fragilizadas? - Era o que se perguntava.

Resolveu perguntar a um que voltava o que estava acontecendo. O homem esbravejou amaldiçoando o céu e a terra e o caminho pelo qual um dia decidira se aventurar. Sem dar respostas foi embora. Voltou para sua velha civilização.

Algo chamou sua atenção! Até então, durante toda a jornada, o caminho seguia para cima. O caminho era levemente inclinado para cima continuamente, mas agora, estava levemente inclinado para baixo e quanto mais caminhava mais se inclinava, mudando sua inclinação de leve para grande.

– O que está acontecendo? – se perguntava Valente. Foi quando se apavorou, pois só podia ter tomado um caminho errado. Num instante parou, tentou se lembrar por onde havia passado e onde havia se perdido. Se realmente havia se perdido, não sabia onde e nem quando, não se lembrava de ter se afastado do caminho em nenhum instante.

Fato é que o caminho estava levando para baixo. O que fazer então, continuar seguindo ou voltar? A situação ficava pior conforme andava. Não bastasse aqueles que voltavam, altas árvores começavam se lançar sobre o caminho, aos poucos iam ocultando a luz do sol. Paredes imensas se erguiam junto ao caminho, rochas e colinas pareciam se abraçar, ou então, cercar as laterais, esta era a impressão que dava.

Um que voltava, deu atenção a Valente. Seu nome era Abdicação. Disse assim:

– Volte enquanto é tempo!

– Como assim, volte enquanto é tempo? O que existe lá? – Valente pergunta assustado. – O que é tão medonho assim?

– Alguns estão morrendo lá... Outros são torturados... E pior, não há saída!

Após dar um breve relatório continuou andando sentido contrário, decidido a nunca mais se aventurar naquele caminho novamente.

Por um momento, bateu um forte desejo de voltar. Foi neste instante que mais sentiu a falta de uma companhia. Quem dera estivesse o soldado Franco ao seu lado, enfrentariam juntos o que estava por vir.

Logo passa a ouvir uivos semelhantes aos dos animais selvagens. Um calafrio lhe torceu as espinhas! Mais uivos surgem e gritos sinistros. A todo instante.

Era o vale. O temido vale para onde o soldado estava sendo conduzido. Embora julgasse que havia se perdido, não havia não! Aquele era um lugar onde todos, um dia, teriam que passar. Era um lugar de provação da fé e de fortalecimento, embora não parecesse.

Havia lama no chão. Em alguns cantos era tanta, que se não prestasse atenção onde pisava corria o risco de afundar. Mesmo onde a lama era pouca, já era suficiente para dificultar o caminhar.

Aos poucos foi adentrando no temido vale. Quando se deu conta já estava dentro. Voltar! Para onde? Tinha que seguir em frente e para isto tinha que atravessar o vale.

## ENGAIOLADOS

De início presenciou uma cena macabra. Uma gaiola suspensa por cabos de aço aprisionava muitas pessoas. Uma criatura horripilante, de nome Preocupação, as mantinha ali. Também as atormentava dia e noite.

Percebendo que o vale tinha um novo visitante, a criatura quis capturá-lo. Foi à sua busca. Porém se defendeu. A criatura lançou-lhe uma rede, que a cortou com sua espada. Vendo a destreza do soldado a criatura insultou-o dizendo:

– Você está em meu território, por isso me pertence e deve se render a mim! Farei de você mais uma presa.

– Jamais irá me aprisionar! – retrucou Valente. – Estou bem armado para me defender de você. Se tentar se aproximar, irá sentir o poder da minha espada.

A criatura pegou um porrete e lançou-se sobre o soldado, mas ele se defendia de seus golpes. Travaram um breve duelo. Percebendo sua valentia deixou-o seguir e foi atrás de outro, que fosse menos ousado.

## AMARRADOS NO TRONCO

Não muito adiante divisou pessoas amarradas num tronco. Uma cena lastimável! Uma terrível criatura das trevas de nome Insônia as atormentava com fortes chicotadas. O sofrimento era terrível, não podiam sequer descansar por um momento que fosse. Seus corpos amarrados no tronco pareciam triplicar seu peso.

No tronco, se encontrava um homem chamado Sr. Endividado. Há algum tempo, passou a habitar numa cidade chamada Cidade do Consumismo. Ali granjeou coisas de grande valor que pareciam dar sentido à vida, mas um dia foi assaltado. Os mesmos comerciantes da cidade roubaram-lhe alguns valores, que a princípio não sabia a importância que tinham, mas sua falta o quase enlouqueceu. Alguns destes valores eram moedas em títulos ao portador, conhecidos como paz, amor, alegria e outros.

Outro que estava no tronco era o Sr. Traidor. Havia se aventurado num desfiladeiro pouco promissor, o Desfiladeiro do Adultério. Neste lugar, procurava alegria e um pouco mais de satisfação. Acabou caindo

nas mãos de salteadores, que roubaram sua preciosa família, sua casa, seu lar e sua esposa. Desde então, o homem passou a vagar solitariamente até chegar ao tenebroso vale, onde fora amordaçado pela criatura.

Outra que havia sido posta no tronco era a senhorita Pouco-Amada. Sentia-se a mais vil e desprezada de todas as pessoas, isto porque não se sentia amada. Achava que o mundo a havia esquecido. Porém, esqueceu-se do maior amor do mundo, o do nosso Senhor e Salvador, desprezando todo o amor que tinha para dar.

Muitos outros estavam amarrados no tronco. Cada um tinha sua história. Todos estavam ali por algum motivo.

## O-DIA-MAL

Prosseguia atravessando o vale, quando uma terrível criatura chamada de O-Dia-Mal se aproximou. Assim era chamada, porque costuma destruir a vida de um indivíduo instantaneamente, de um momento para o outro.

– Soldado venha comigo! – disse a criatura ao se aproximar. Temeroso, Valente respondeu:

– Não sei de suas intenções, mas não irei com você a lugar nenhum!

– Você carrega algo de muita estima para mim, que desejo muito, suas preciosas Renúncias. Dê-me elas e te deixo passar!

– Jamais! Se te entregá-las não terei como chegar onde almejo.

– Então vou aprisioná-lo na minha masmorra particular. Você virá comigo por bem ou por mal!

Em seguida, lançou-se sobre o soldado com uma espada, que por sua vez defendeu-se. Travaram então um duelo acirrado. Embora a criatura fosse muito forte e terrível, o soldado era destro, sabia se defender e atacar.

O duelo foi ficando acirrado conforme conseguiam atingir pequenos golpes um no outro. O choque das espadas produzia faíscas.

Num lance de sorte, Valente conseguiu ferir um braço da criatura. Deste então ficou limitada e o soldado em vantagem. Não demoraria muito para que conseguisse outro golpe. Em outro lance de sorte atinge a coxa do oponente. Então pode fugir.

## DOIS VULTOS

Podia ter escapado daquele oponente, mas não demorou muito para ser abordado por dois vultos. Seres tenebrosos, totalmente horripilantes e assustadores. Eram conhecidos como Medo e Temor.

Medo possuía uma voz bem aguda e assustadora, chegava a ponto de enlouquecer os mais fracos. Já temor tinha a voz grave, causava espanto.

Assim começou Medo a abordá-lo:

– Aonde vai soldado?

Ao ver o vulto se arrepiou dos pés a cabeça. Empunhou sua espada para lutar se fosse preciso.

– Pra que esta espada, acha que pode me vencer?

Sem dar conversa ousou atacar o ser horripilante, mas ironicamente o atravessou com sua espada e este começou a gargalhar. O soldado mais assustado ficou, pois a criatura parecia de fumaça, não tinha como feri-la.

Em seguida, foi a vez de Temor hostilizá-lo, dizendo:

– Você está preso aqui e deste lugar jamais irá sair! A partir de hoje terá que se acostumar conosco, seremos seus fiéis companheiros.

Assustado, tentou correr. Que ironia! O chão era de lama, não tinha como correr. Seus pés encharcados e sua couraça molhada tornava o caminhar mais difícil ainda. Tentou se afastar o máximo das criaturas, mas aonde ia o perseguiam.

Os vultos pareciam não ter poder de feri-lo fisicamente, mas à medida que o atormentava conseguiam enfraquecê-lo.

Aonde fosse o soldado, lá estavam os vultos. Amedrontando-o, desencorajando-o e insultando-o.

Cansado, caiu em um buraco de lama. Parecia sem forças para sair. Passam-se então, alguns dias sob o tormento dos vultos. Estava enlouquecendo.

Temor aproximando-se, se sentou próximo, onde estava caído e disse:

– Se quiser voltar, te deixamos! Terá livre acesso ao caminho de volta e não incomodaremos mais!

– Isso mesmo! Deixaremos seguir. – sussurra Medo em seus ouvidos.  
– Não posso voltar! Não há para onde fugir. Só existe um caminho e ele está adiante de mim. De forma alguma posso retroceder!

Vendo a obstinação do soldado, Medo em voz branda aponta um pobre coitado e começa a relatar sua história:

– Está vendo aquele pobre coitado caído ali!

– Sim, estou!

– Se chama Amargurado-De-Espírito. Já faz tanto tempo que está aqui, que nem sei dizer ao certo quantos anos fazem. Já perdeu a esperança de um dia abandonar este lugar e encontrar a luz novamente. Se ele está há tanto tempo aqui, por que acha que cedo irá sair?

Valente não tinha resposta a dar. Apenas sabia que assustava a possibilidade de não sair daquele lugar. Na verdade, nem sabia como havia parado ali. O que mais o contristava, era que sequer sabia se havia se desviado do caminho ou não. Estava só e sem respostas.

Temor apontou outro pobre coitado e disse:

– Está vendo aquele outro? É um pobre coitado conhecido como Sem-Forças-Pra-Se-Recompor. Foi surpreendido por um tirano, seu nome é Tragédia. Ceifou toda a sua família, destruiu tudo o que havia conseguido ao longo da vida. Deixou-o assim, só, para ser atormentado dia e noite a ponto de não desejar mais a vida.

– E aquele outro ali?

Valente olhou e viu um homem apanhando fortemente com incessantes cacetadas.

– Até quando acha que a vida dele irá durar? Fatalmente logo estará morto.

O homem se chamava Coração-Vazio-De-Deus. Quem lhe dava as cacetadas era uma criatura conhecida como Opressão.

Ao olhar para outro lado, vê outro homem numa situação parecida. Seu nome era Homem-Que-Desprezou-A-Vontade-De-Deus. Seu opressor era uma criatura chamada Sofrimento. O havia amordaçado a fortes cordas e com seu chicote o feria incessantemente.

Assustador mesmo, foi ver uma criatura de aparência amedrontadora arrastar pelos cabelos um pobre moribundo! A criatura se chamava Desespero. Era uma das mais temidas do vale. Sua presa era um cidadão

chamado Homem-Que-Perdeu-A-Paz. Pobre do homem, pois um dia havia sido um soldado! Certa vez foi derrotado pelo gigante Prostituição. Consequentemente depois roubou sua casa, sua família, filhos e esposa, roubou também algo muito valioso conhecido como Ministério, roubou sua honra. Foi quando viu sua família sendo entregue a outro, esposa e filhos, que perdeu a esperança e a vontade de viver.

Como o homem já não tinha forças para lutar pela própria vida, a temida criatura o estava levando para um abismo, onde o precipitaria.

## UM SER RELUZENTE

Temor começa a contar a história de mais um pobre coitado, quando surgiu um ser reluzente em meio ao vale. Iluminava por onde passava. Observou que se aproximou de um que estava de joelhos.

Seu nome era Sr. Bom-Testemunho. Estava de joelhos, pois confiava Naquele que lhe chamara e acreditava que logo de uma forma ou de outra iria sair dali.

O ser se chamava Fé. Aproximou-se do homem, estendeu-lhe a mão ajudando-o a se levantar. Ambos saíram andando pelo vale sem dificuldade alguma. Até que deixaram o lugar sombrio.

Valente observava abismado, foi quando percebeu que também necessitava do auxílio daquele ser. Sem notar, os dois vultos haviam se ido. Como eram sombras, a luz do ser reluzente as havia expulsado. Aproveitou então a oportunidade para fugir.

## UM VELHO AMIGO

Tentava apertar os passos para ver se o alcançava, quando ouviu alguém gritar pelo seu nome:

– Valente... Amigo... Socorro! Ajude-me!

Parou imediatamente e viu um velho amigo, o soldado Prudente. Estava acorrentado num poste. A criatura chamada Depressão o havia prendido. Vendo o amigo foi ajudá-lo. Com sua espada cortou as correntes que o aprisionava.

Enquanto libertava o amigo surgiu a criatura. Logo disse:

– Aonde pensam que vão! Se estão achando que vão fugir estão enganados! Na verdade terei duas presas ao invés de uma agora!

Valente desfiou o poderio da criatura em defesa do amigo, dizendo:

– Você não irá aprisionar ninguém, saia da frente porque não te pertencemos!

– Vamos ver então! – zangado, a criatura pegou uma lança e foi pra cima dos soldados.

Como eram dois, tinham vantagem para enfrentar a criatura. Mas o que mais lhes dava vantagem era o fato do oponente ser caolho. Conseguia focar apenas uma presa. A criatura não tinha muito poder para enfrentar dois de uma só vez, embora fosse perito em lutas individuais.

Os soldados logo derrubaram a criatura e partiram em fuga.

## A TEIA DA MORTE

O vale era tenebroso e assustador. Muitos estavam sofrendo há muito ali dentro. Outros já nem tinham a esperança de um dia enxergarem a luz novamente. Valente e Prudente eram soldados da jornada, e nem por isso deixaram de passar pelo vale.

Pouco mais adiante, se deparam com um cenário cabuloso, uma teia imensa estendida numa parede, como se fosse uma teia de aranha, mas gigante. Nela, muitas pessoas aprisionadas. Gritavam apavoradamente por ajuda, mas não encontravam ninguém para lhes ajudar.

Logo perceberam a aproximação de um bicho gigantesco. Tinha oito patas e realmente se parecia com uma aranha.

O bicho era uma das criaturas mais temidas do vale. Suas presas dificilmente escapavam de um fim trágico. Era conhecida como Solidão, este era o seu nome.

Estavam apavorados com a criatura que se aproximava vagarosamente. Abruptamente, de seus tentáculos, lança uma gosma branca em direção a Valente que consegue se defender. Novamente lança a gosma e novamente o soldado se defende com seu escudo.

Se defendendo de sua gosma, conseguiram de vagarzinho se afastar do seu alcance. Então, apressaram os passos para fugir.

Os soldados tiveram sorte, mas aqueles que estavam presos em sua teia, passavam por momentos de pavor vendo a aproximação da aberração. Se estivesse faminto alguém seria sua refeição.

Entre os que estavam aprisionados na teia encontrava-se a Sra. Mulher-Tola. Tinha uma vida feliz junto com sua família, tinha três lindos filhos e uma bela casa. Mas como diz um antigo provérbio: “toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derruba-a com as suas mãos” (Pv 14.1), esta mulher destruiu a própria casa, a conselho de uma péssima companhia chamada Sra. Ingratidão. A mulher nunca estava contente com nada, sempre reclamava de tudo. A Sra. Ingratidão então lhe aconselhou a exigir uma casa de seu marido que lhe satisfizesse seus caprichos. Como não funcionou, a aconselhou a trocar de marido, depois de casa e por fim, abandonar seus filhos para que tivesse outros mais belos. Quando se deu conta, a mulher não tinha nem casa, nem filhos e nem marido. O marido levou os filhos embora para bem longe onde reconstruiu a vida. Já não tinha mais amigos também, apenas a Sra. Ingratidão lhe fazia companhia e foi quem a trouxe ao vale.

## CINCO TIRANOS

Logo enxergaram cinco tiranos que tomavam conta de um lugar no vale. Eles amarravam e castigavam seus prisioneiros. Eram conhecidos como Desemprego, Miséria, Falência, Fracasso e Necessidade.

Eram responsáveis em cuidar daqueles que eram considerados infiéis ou de pequena fé. Muitos se enquadravam neste grupo de pessoas. Alguns deles era o Irmão-Sem-Fé-Para-Ofertar, o Sr. Ladrão-De-Dízimos, o Sr. Preguiçoso e o Irmão-Devedor.

## CÉPTICA

Avistaram também, bem próximo dali, uma mulher acorrentada e o ser reluzente tentando ajudá-la.

A mulher se chamava Céptica. O ser reluzente aproximou e perguntou:

– Por que está acorrentada?

– A criatura Enfermidade me condenou aqui. – respondeu a mulher.  
– Mas você não quer ser livre?  
A mulher riu ao ouvir tal proposta. Por fim, disse:  
– Já perdi a esperança! Sei que nada irá me livrar disto, então quero morrer logo e acabar com meu sofrimento.  
– Me chamo Fé. Se um dia achar coragem para lutar novamente chama-me por mim, posso te ajudar.  
Diante do ceticismo da mulher, Fé nada pôde fazer. Então foi tentar socorrer outro.

## SEGUNDA-CHANCE E O POETA

Em seguida passaram a ouvir uma voz encantadora que tocava a alma. Um poeta de nome Salmos passeava pelo meio do vale recitando suas poesias, para consolo dos que ali estavam. Assim recitava seus poemas:

“O Senhor é meu pastor e nada me faltará. Deitar-me faz em pastos verdejantes, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigerou a minha alma, guia-me pelas veredas da justiça por amor do teu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte não temeria mal algum, porque tu estás comigo “ (Sl 23.1,4).

Enquanto recitava seus poemas, outro súdito observava aqueles que estavam quebrantados. Seu nome era Segunda-Chance. Individualmente, tentava convencer alguns a se levantar da situação em que estavam e lutar pela sua liberdade. Alguns lhe davam ouvidos, outros o menosprezavam.

Tentava ajudar a pessoas de várias formas ali dentro. Enquanto isto, o poeta continuava a recitar:

“Esperei com paciência no Senhor, e Ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor. Tirou-me de um lago horrível, de um charco de lodo; pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos; e pôs um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos o verão e temerão, e confiarão no Senhor” (Sl 40.1,3).

## UMA CRIATURA HORRIPILANTE E TEMIDA

Todos no vale passavam por algum tipo de sofrimento, mas em comum todos temiam uma terrível criatura, que, ora sim, ora não, surgia. Era provavelmente a mais horripilante de todas, se não era, pelo menos era a mais temida.

Suicídio era seu nome. Não era sempre que se via ela no vale, mas quando surgia causava espanto, pois costumava levar alguém, sabe-se lá para onde! Uns dizem que ela as precipita no abismo logo à frente. Uma coisa é certa, tais pessoas nunca mais foram vistas de novo.

Por isso é tão temida. Mas não era qualquer um que levava consigo, procurava sempre os mais fracos e debilitados. Sua última vítima havia sido um pobre coitado chamado Sr. Homicida. Segundo relataram alguns sobre sua história, havia matado a própria mulher, devido a uma louca doença que repentinamente lhe acometia, conhecida como Ciúmes-Doentiu. A doença o transtornava. Num desses ataques de loucura cometeu o ato que ceifou uma vida inocente. O homem então entrou em desespero profundo, tornando-se uma presa fácil para a criatura.

Neste momento, Valente, Prudente, outros soldados e até alguns que não eram, se acalentavam sob o conceituoso recital do poeta. Quando, em outro canto do vale, subitamente surge a temida criatura.

Trajando uma longa roupa preta e com uma foice nas mãos passeava pelo meio do vale. Muitos gritavam de desespero com sua aproximação. Outros tentavam fugir de sua presença, mas sua visita ali tinha endereço certo.

O nome da vítima escolhida era Jovem-Drogado. Este, há muito havia abandonado sua família, amigos e emprego, para se aventurar em um lugar chamado Mundo das Drogas. Foi morar neste lugar a convite de um falso amigo chamado Curiosidade. Ali viu sua vida perder o sentido e seu mundo desmoronar. A cidade tinha um xerife que se chamava Over-Dose, logo passou a desgostar do jovem, pois sempre lhe causava transtornos. Foi o próprio que o encaminhou ao vale.

Na verdade, este xerife tinha a fama de durão, não aceitava nenhum transtorno em sua cidade. Sempre que alguém lhe causava problema o encaminhava para o vale.

Logo Suicídio agarrou sua vítima pelo pescoço. O jovem parecia tão pouco lúcido, que nem aparentava temor ou oferecia resistência à criatura.

Pelo meio do vale a criatura saiu carregando sua presa. Os que viam a cena ficavam penalizados. Outros tentavam alertar o jovem para correr, mas de tão alucinado que estava, não ouvia a ninguém. Não demorou muito para que sumisse da vista de todos. Nunca mais foi visto.

## UMA LUZ NO FIM DO TÚNIL

Valente e o amigo estavam assentados aos pés do poeta ouvindo seu recital, quando ouve uma voz sussurrar:

– Há alguma coisa que posso fazer por vocês?

Olharam para trás e viram Fé, o ser reluzente. Valente logo falou:

– Queremos sair daqui! Queremos que nos mostre a saída.

– Ora! – disse Fé. – E por que não saem?

– Mas como? – Prudente pergunta. – Não sabemos onde estamos, nem como viemos parar aqui, nem conhecemos uma saída.

– Mas vocês não precisam conhecer nenhuma saída! Basta seguir a luz.

– Que luz? – pergunta Valente.

– A luz vinda do dia, que está logo adiante.

– Mas não estamos vendo luz nenhuma! – Prudente diz.

– Prostrados não conseguirão enxergar nada mesmo! Vamos, levantem-se de onde estão, ergam os olhos e enxergarão.

Então se levantaram. Ainda assim não enxergaram nada, pois seus pés estavam afundados na lama e havia muita gente na frente. Fé então lhes diz:

– Por que não sobem nesta rocha (Sl 61.2)?

Havia uma rocha ao seu lado. Subiram nela. Então puderam contemplar acima das circunstâncias, uma luz bem adiante. Era pequena ainda, mas era uma luz, sinal de que a saída estava à frente.

– Corram para lá! – disse Fé. – Sigam à direção que aponta esta rocha que não irão atolar.

Assim foram eles! Obedecendo a instrução não atolaram.

Quando corriam para a luz, o poeta em homenagem aos soldados passa a recitar, dizendo:

– “Tirou-me de um lago horrível, de um charco de lodo; pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos” (Sl 40.2).

## A PONTE DA VITÓRIA

Deixaram o vale. Novamente puderam respirar o ar puro e enxergar o sol. Estavam exultantes!

Ironicamente, assim que deixaram o vale se depararam com um imenso abismo. De tão imenso que era, não havia como rodeá-lo. Servia de divisa entre o outro lado e o lado em que estavam.

Antes que começassem a se preocupar, enxergam uma ponte estreita de madeira. Dirigiram-se a ela.

Na entrada estava o guardião da ponte, conhecido como Determinação. Assim que se aproximam, perguntou-lhes o que queriam. Valente respondeu:

– Precisamos atravessar esta ponte, pois pelo que parece, não vejo outra maneira de atravessar este precipício.

– Embora se trajem como soldados, somente se forem dignos poderão atravessar a ponte. Pois muitos se trajam na aparência de um soldado quando na verdade são “falsificadores da palavra” (2º Cr 2.17 ).

– E como podemos provar nossa dignidade?

– Devem pagar o preço devido. O valor estimado para que possam atravessar é uma Renúncia. Vocês têm com que pagar?

– Temos sim! – reponde Prudente.

Então ambos pagam uma Renúncia ao guardião.

Ao entrarem na ponte, a princípio pensaram que iam cair de tanto que balançava. Uma rajada de vento os deixou apavorados. Então recuam e dizem ao guardião que não tinha como passar sob tais condições. O guardião responde:

– Vocês têm razão! Não há como passar desta maneira sob tais condições. Os ventos que circulam por aqui costumam ser muito forte. De vez

em quando até surge um tornado. É por isso que devem atravessar de joelhos (FI 2.10).

– Este é o segredo, joelhos no chão? – Valente se intriga.

– Sim! Desta forma alcançarão o outro lado.

Então seguiram de joelhos. Por mais que o vento balançasse a ponte, de joelhos pareciam bem fixos nas taboas. Sem pressa foram atravessando, até que alcançam a outra margem.

Alguns que não traziam consigo as preciosas Renúncias, ou melhor, muitos, se aventuravam tentando escalar a encosta do precipício. Alguns acabavam caindo por falta de força. Outras vezes vinha uma rajada de vento e os derrubava.

Quando alguém conseguia descer a encosta sem detrimento, restava ainda a parte mais difícil, escalar a do outro lado! Pena que quando alguém conseguia escalar, no topo uma marquise se lançava sobre o abismo, exatamente para que nenhum indigno conseguisse atravessar.

## TERRA DA FRIEZA ESPIRITUAL

Logo ao saírem da ponte vislumbraram uma linda campina. Quão alegre foi aquele momento! Enxergar as cores da vida novamente após um período tenebroso no vale parecia uma sensação impar, que só pode ser compreendida por aqueles que a experimentam.

Além da exultante sensação, Valente estava feliz pela companhia do amigo. Haviam-se conhecido quando se hospedaram no Castelo dos Segredos De Deus. Agora iriam seguir juntos.

Poucos passos dados e tudo já parecia ter mais sentido! Uma árvore que antes não lhes chamava a atenção, agora agradeciam a Deus por sua sombra. As flores que passavam despercebidas agora distinguiam o perfume da cada uma. As duras colinas que tinham que subir tornou-se motivo de agradecimento a Deus, pois tinham saúde para suportar tamanha fadiga. Cada detalhe que observavam na natureza era como se fosse a primeira vez que enxergassem. Fosse uma borboleta voando sem rumo ou um assobio de um pássaro desconhecido, tudo parecia ter seu sentido particular.

## SR. COMPREENSÃO

Não muito distante, divisaram um velho assentado em um banco de madeiras, junto ao caminho, debaixo de uma sombra aprazível. Assim que se aproximam, o velho diz:

– Como estão se sentindo agora, soldados, depois de atravessarem por tão grande provação?

– Nos sentimos como se tivéssemos nascido de novo. – Prudente diz.

– É exatamente assim que nos sentimos! – Valente argumenta. – Parece que nunca tínhamos visto um brilho do sol tão forte como o que contemplamos agora! Pequenas coisas que sequer notávamos agora admiramos!

– Agora compreendem o sentido do vale? – Sr. Compreensão pergunta.

– Como assim? – retruca Valente.

– Passar pelo vale é necessário porque lá se vive uma experiência de quase morte. Para que serve esta experiência? O vosso entusiasmo fala por si só! Ela te leva a enxergar novamente as cores da vida, que com a idade e o passar do tempo de desbotam.

Durante todo este caminho, haviam passado por lindas paisagens, ali presentes, justamente para alegria e refrigério dos soldados. A falta de observá-las os enfraquecia a cada dia. Muitos que abandonam o caminho alegam sofrer, porém, as maravilhas que Deus criou para sua alegria os acompanhavam durante todo o trajeto. Como deixaram de enxergá-las, passaram a questionar onde estava Deus, ou que sentido havia em passar por tanto sofrimento, ou então se valeria a pena continuar.

Posso lhes mostrar alguns exemplos: o povo de Israel murmurando no deserto, quando uma nuvem durante o dia os protegia do sol e uma coluna de fogo a noite os aquecia (Ex 16.2). Elias, um grande profeta do Deus altíssimo, de tão cansado que estava pelo peso da responsabilidade, achou que a vida já não valia mais à pena e pediu a morte (1º Reis 19.4). Jó, no dia em que foi despojado de tudo o que tinha, amaldiçoou o dia em que nasceu (Jó 3.1,3).

Todavia, Deus não leva ninguém para o vale para deixá-lo morrer! Assim está escrito: “ouviste qual foi a paciência de Jó e viste o fim que o Senhor lhe deu” ( Tg 5.11 ). Elias que por um breve momento passaria perseguições e dificuldades, anos depois aparecia em companhia do próprio Senhor: “e transfiguro-se diante deles, e seu rosto resplandeceu como o sol, e suas vestes tornaram brancas como a luz. E eis que lhe apareceram Moisés e Elias, falando com Ele” (Mt 17.2,3). Além do deserto, havia uma Canaã no caminho do povo de Israel (Dt 32.49).

– Quando estava no vale, confesso que por um momento pensei que o Senhor havia me abandonado, julguei até a credibilidade deste caminho. – diz Valente. – Mas hoje sei por que foi necessário! Talvez não conseguisse chegar ao final sem esta provação!

– Realmente! Provavelmente não chegaria ao fim desta jornada se não tivesse atravessado pelo vale, pois é como se fosse um lugar de renovação. Sem esta renovação, logo-logo estaria desmotivado, se é que já não estava! Além do mais, há um grande perigo à frente e um grande

inimigo a ser vencido, dos quais lhe exigirá muita motivação. Não há como vencê-los sem motivação!

Entendam uma coisa! Assim disse o Senhor Deus: “os que são chamados pelo meu nome, eu os criei para a minha glória; Eu os formei, sim, eu os fiz” (Is 43.7). Muitos se aventuram nesta jornada falsamente, uns por segundas intenções, outros por medo ou curiosidade. Mas, os que se aventuram com o coração sincero, estes são formados ao longo do caminho pelo Senhor. E é no vale onde o Senhor molda os seus vasos.

– Quais perigos ainda restam? – pergunta Prudente.

– Há uma região perigosa à frente conhecida como Terra da Frieza-Espiritual. Mas não se preocupem, logo à frente encontrarão uma casa onde mora um súdito do Rei. Procurem por ele que lhes orientará como atravessar com segurança esta região. Quanto ao grande inimigo, vocês já devem ter ouvido falar nele, o monstro do lago.

– Ouvi sim! – diz Valente. – Mas não me lembro ao certo de quem se trata!

– Ele é conhecido também como o Predador. É tudo que sei! Quem é e como vencê-lo, é algo que vocês terão que descobrir. Na verdade, talvez vocês já o conheçam e até saibam como vencê-lo!

– Já o enfrentamos! – se intriga Prudente. – Já enfrentei muitos oponentes difíceis, mas não lembro de ter enfrentado nenhum com o nome de Predador.

– Talvez não o conheçam mesmo! – Sr.Compreensão, diz. – Isto pode ser um problema. Agora devem partir! Já está ficando tarde, vão para que a noite não os surpreenda. Procurem pela casa que lhes falei.

– Vamos sim! Muito obrigado por sua orientação. – Valente diz.

## O SR. SACRIFÍCIO

Ainda estavam se despedindo quando enxergam uma placa que dizia: “Terra da Promessa”. Como se alegraram em ver aquela placa! Obviamente seriam recompensados com belas promessas depois de passarem pelo terrível vale!

– A jornada, daqui em diante, certamente será mais aprazível. – dizia Valente.

– Talvez amigo! – Prudente responde. – Espero que sim.

– Veja a placa! Estamos pisando na terra da promessa, isto é o que diz! Certamente este é um território onde gozaremos uma doce recompensa por termos chegado até aqui.

Prudente se mantinha menos eufórico e advertiu o amigo:

– Podemos estar sim pisando a terra da promessa, mas vamos ser vigilantes. Por causa de um vacilo quase me perdi completamente e não quero correr este risco novamente.

– Conte-me! Gostaria de ouvir sobre sua jornada! Como quase se perdeu? – Valente pergunta.

– Seguia fielmente meu caminho, até que certa vez, quando descansava debaixo de um arbusto, um homem cruzou meu caminho. Dizia-se amigo e penalizado pelo meu cansaço, ofereceu abrigo e comida. De tão ofegante que estava acabei aceitando o convite. Seu nome era Vacilo.

Pretendia apenas descansar um pouco, mas acabei pegando no sono. Apaguei completamente. Quando acordei não o vi mais. Retomei o caminho. Algo, porém me incomodava, mas não conseguia saber o que era. Só descobri quando em determinada altura da jornada foi me cobrado o pedágio, procurei por minhas Renúncias e não as achei. O homem havia me roubado. Não pude seguir em frente. Voltei atrás para tentar recuperar, mas sem êxito. Fiquei desesperado e sem saber o que fazer, quando surgiu um cavalheiro em minha direção. Chamava-se Perdão. O Senhor o havia mandado atrás do homem para recuperar minhas Renúncias, assim o fez e as trouxe de volta.

– De fato você tem razão amigo! Estando ou não na terra da promessa, vamos ser sóbrios e vigilantes. Não sabemos as ciladas que o inimigo pode estar nos preparando e nem onde!

Logo começaram a sentir frio. O clima estava mudando. É por que era “tempo de neve” (1º Crô 11.). Conforme andavam fragmentos de neve começavam a cobrir a relva. Logo o verde dos pastos começou a se misturar com o branco na neve.

A temperatura despencou. Começaram a sentir frio. Até que enxergaram a casa onde deveriam parar. Chamaram por alguém. Logo veio um homem recebê-los:

– Olá Soldados! Chamo-me Sacrifício. Venham, entre em minha casa, pois a noite se aproxima, quando a temperatura costuma chegar abaixo de zero.

Os soldados tremendo de frio não perderam tempo.

No aconchego de sua residência, Valente começa a conversa dizendo:

– Fomos orientados a te procurar, para que nos oriente a atravessar esta região!

– Ah! Sim! Esta região é muito perigosa! De vez em quando a temperatura despenca para muitos graus negativos, matando os desavisados.

– Estou curioso quanto a um assunto! – Prudente diz. – Atrás uma placa indicava a terra da promessa, mas parece que devemos mais temer o lugar do que esperar algo de bom.

– Está errado soldado! Quer dizer, está correto e está errado também!

– Como assim? – pergunta Valente. – Desse jeito vai nos enlouquecer! – brinca.

– Realmente a placa está certa. Logo à frente encontrarão a terra da promessa. Só que foi coberta pela neve quase em sua totalidade. Um fenômeno climático que se formou nas proximidades de um lugar conhecido como Inferno, se aproximou vagarosamente até cobrir todo o campo. O Fenômeno recebeu o nome de Coração-Frio. Porque foi ocasionado pelo choque entre duas correntes de ar, uma quente, vinda da região chamada Avivamento e a outra fria, que fluía de certa geleira montanhosa chamada Iniquidade. Só que a corrente fria logo esfriou a quente, ocasionando o fenômeno. A flora toda foi danificada pela neve, muito plantio se perdeu, inclusive uma “seara que já esta madura” ( Joel 3.13 ) está se perdendo debaixo desta neve, porque não há quem enfrente o frio para resgatá-la. A respeito desta seara o próprio Senhor disse: “a seara realmente é grande, mas poucos são os ceifeiros” (Mt 9.37).

– Quer dizer que debaixo dessas toneladas de neve está a terra da promessa, mas não podemos tocá-la por causa do Coração-Frio? – Valente fala.

– Exatamente amigo!

– E como podemos atravessar esta geleira? – Prudente pergunta.

– Amanhã antes de partirem lhes mostrarei algo que irá ajudá-los na travessia. Porém, tenham em mente que além do frio, outros perigos se estendem por esta região.

– E quais são? – pergunta Valente.

– Algumas civilizações propícias a temperaturas frias se acomodaram ao longo de sua extensão. Dividem-se em vilas, vilarejos e cidades. Algumas delas bem famosas, são: a Igreja Mundana, a Cidade Dos Escândalos, e a Igreja Que Colocou Deus do Lado de Fora (Ap 3.20). Mas existem muitas outras! De comum, todas são habitadas por moradores ruins, pessoas avessas à vontade de Deus. A questão é que vocês não devem de modo algum se acomodar em nenhuma destas civilizações! Por mais opressor que seja o frio e ainda que tente sucumbilos, devem enfrentá-lo sem comodismo.

– E se vier uma tempestade muito forte, como seguiremos expostos ao vento? – argumenta Prudente.

– Enfrente a fúria da tempestade, sem se importar com o preço a pagar. Pois é melhor enfrentar sua fúria do que correr um grande risco.

– Que risco? – pergunta Valente.

– É justamente em épocas de tempestades que as montanhas se avolumam. Quando já não suportam tamanha pressão, despencam em imensas avalanches cobrindo muitas civilizações, matando os seus habitantes sem deixar vestígios.

– Nossa! – se espanta Valente. – Enfrentaremos os cortantes ventos contrários se preciso, mas não nos acomodaremos nesta região. Sendo tão perigosa assim, não vejo razão e nem sensatez para alguém procurar abrigo nela!

A noite avançava e a temperatura não parava de despencar. O homem então acomodou os soldados para que descansassem e para proteção do frio, deu-lhes cobertores especiais feitos como lã de cordeiro (Jo 1. 29).

Enquanto pegavam no sono, um estrondo os assustou! O homem, porém lhes tranquilizou. Disse que alguma grande avalanche havia ocorrido, mas que sua casa estava fora do alcance de sua fúria. Então adormeceram tranquilos.

Porém, nem todos dormiam tranquilos naquela noite de tempestade. Os habitantes daquele lugar sabiam muito bem o risco que corriam.

Os pobres habitantes não tinham como se defender do perigo iminente que os rondava. De fato, a avalanche que acabara de acontecer, havia soterrado um vilarejo conhecido como A Igreja Contaminada Pelas Heresias. Não havia como enviar socorro ao lugar, pois era de difícil aces-

so e em meio à tempestade quase nada se podia ver. Se houve algum sobrevivente então estaria ironicamente condenado a morrer congelado, pois socorro é o que menos se podia esperar naquela região.

## O FOGO DO ALTAR

Logo a noite passou, trazendo um novo dia. O Sr. Sacrifício tinha pressa para que os soldados seguissem, pois sob a luz do sol as temperaturas eram mais brandas.

Antes, porém, os conduziu a um galpão em sua propriedade. Uma fumaça contínua saía de uma chaminé. Se aproximando do lugar disse aos soldados:

– Só há um meio seguro de atravessar esta região! Mas vocês terão que pagar o preço para se beneficiar deste meio.

– E que preço é este? – pergunta Prudente.

– Deverão pagar uma Renúncia cada um. Caso não puderem pagar o preço, também não poderão se beneficiar.

– Pagaremos o preço sim! – Valente diz. E em seguida cada um entregou ao homem uma moeda dourada.

Primeiramente o homem lhes deu um objeto com alças (Ex 27.1,8). Depois, de uma fornalha, tirou uma brasa e a depositou no objeto que havia lhes dado. E os orientou dizendo:

– “O fogo deverá arder continuamente sobre o altar, não se apagará” (Lv 6.13). Este fogo manterá vocês aquecidos na travessia desta região fria, tão somente não deixem o fogo apagar.

– E como manteremos o fogo aceso? – pergunta Valente.

O homem então lhes entregou num saco lenha para o caminho. A lenha era especial e isto porque vinha de uma terra especial. Provinha da terra de um súdito do grande Rei chamado Oração. A terra era muito fértil e tudo o que produzia era diferenciado. A lenha da qual o Sr. Sacrifício sempre usufruía era a mais apropriada para suportar baixas temperaturas.

Em seguida, conduziu os soldados ao portão de sua residência. Desejou-lhes boa sorte. Também os animou, dizendo que já estavam perto do lugar desejado; o que muito os alegrou.

## A TRAVESSIA

O frio era cortante, ainda que alguns raios solares amenizassem a baixa temperatura, mas era quando vinha uma rajada de vento que a sensação térmica parecia congelar. Sorte que levavam consigo a brasa viva que os mantinha aquecidos.

Nem todos tinham esta sorte. Se bem que não era questão de sorte, pois os soldados haviam pagado o preço. Muitos se aventuravam na geleira desprevenidamente! Então, alguns não suportando o frio acabavam voltando. Outros acabam se refugiando numa das civilizações vizinhas. Outros, é claro, acabavam morrendo, congelados pelas baixas temperaturas.

Havia também outro obstáculo, o gelo escorregadio que pisavam. O risco de um tombo era grande. Havia também o risco de serem arremessados para trás, já que escalavam uma região montanhosa. Então andavam com maior precaução, com passos curtos e bem firmes.

Alguém grita:

– Olá! Corram para cá!

Viram dentro de uma caverna um homem que se protegia. Prudente então pergunta ao homem:

– O que faz ai dentro?

– O frio está insuportável! Aqui pelo menos escapo das rajadas de vento. Venham para cá, saiam deste frio. – responde o homem.

– Não podemos parar! – responde Valente. – Além do mais, esta caverna não é um lugar seguro. É feita de gelo, pode desabar a qualquer momento.

– Acredite, é confiável! Podem vir!

– Você chama de confiável algo que o calor derrete em pouco tempo? – ironiza Prudente. – Mesmo se fosse confiável, não podemos parar! Temos um alvo a buscar. Agora temos que ir porque esta conversa está nos atrasando.

Sem mais perder tempo com o homem, seguiram. Sabiam que não podiam perder tempo naquele lugar, pois tempo demais ali poderia esfriar a chama que levavam, ou mesmo poderiam congelar.

Pouco mais adiante avistaram uma grande cidade. Admiraram-se com sua bela aparência, pois estava toda adornada e suas ruas pareciam de vidro.

A cidade era conhecida como Igreja Banalizada. Começou a ser colonizada por um grupo de soldados que resolveram mudar as leis do Reino criando suas próprias (2º Co 2.17). Muitos outros aderiram às novas normas. Verdade é que, o lugar onde edificaram sua morada, o chão não é de vidro embora pareça e nem de terra! Simplesmente era um lago que congelou. Todavia, quando o sol se mostrar em sua força, aquecendo-se “sete vezes mais” (Is 30.26), não há nada que impedirá o seu derretimento, e a cidade inteira será tragada para baixo.

Logo passaram por outro vilarejo também. O lugar se chamava Fal-As Convicção. Todos ali ostentavam com orgulho sua fé em Deus. Acreditavam que um dia o próprio Senhor os viria buscar para levá-los para sua glória. Esqueciam-se, porém de um detalhe: o Senhor os havia alertado: “não vos sabeis que a amizade do mundo é a inimizade contra Deus? Portanto, quem quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus”. ( Tg 4.4 ).

Eles gostavam de morar naquele lugar justamente pela amizade que podiam manter com o mundo e ao mesmo tempo servir a Deus. Bem, esta era a sua convicção, de que podiam agradar tanto a um como ao outro.

Porém, Valente e o amigo não se iludiam com estas civilizações. Sabiam que seus costumes era contrário a sã doutrina. Preferiam enfrentar o clima hostil a se refugiar em tais lugares.

Algumas ruas começaram a surgir junto ao caminho. Avenidas largas também cruzavam o mesmo. Pareciam cordialmente oferecer outra opção de rota.

Passando pelo topo mais alto daquela região montanhosa, contemplaram muitas civilizações acomodadas, mas seus moradores não pareciam hostis! Sua grande maioria era constituída por soldados que se acomodavam em alguma cidade ou vilarejo. Então demonstravam bastante afinidade com os soldados que insistiam em enfrentar a jornada, talvez com a intenção de persuadi-los. Bem... Sabe-se lá!

Algo intrigava tanto Valente como o amigo! Observavam pessoas transitando nas ruas livremente, sem ao menos trajarem roupas adequa-

das às temperaturas baixas. O frio parecia tão intenso, mas pareciam nem sentir. Na verdade, pareciam viver num lugar de clima comum.

Logo à frente, numa encruzilhada, atravessava um homem quando passavam. Valente perguntou pelo nome. O homem respondeu:

– Bom dia irmãos! Sou o Sr. Morto-Espiritualmente. O que desejam?  
– o homem chamou os soldados de irmãos, pois este era o costume do lugar, chamavam uns aos outros de irmãos.

– Só queria perguntar como vocês não sentem frio por aqui, pois o frio é intenso e vocês nem parecem se incomodar! – diz Valente.

– Sei lá, irmão! Acho que nos adaptamos com o lugar com o passar do tempo. Faz muitos anos que moro aqui, lembro-me que no começo sentia muito frio sim, mas já faz anos que nem percebo se o clima está gelado ou não.

De fato esta era a explicação mais convincente, a adaptação. Por mais intenso que fosse o frio, bastava pouco tempo morando ali para alguém se adaptar ao lugar. De tão adaptados que estavam acontecia o efeito contrário, o que não conseguiam mais era suportar as temperaturas altas.

O lugar de clima quente mais próximo dali era a Cidade da Reconciliação. A cidade era provida de tudo aquilo que necessitavam e não tinham por causa do frio. Mesmo assim, estando a cidade bem próxima, preferiam passar necessidades a enfrentar o clima quente, que para eles chegava a ser insuportável.

## O FALSO-PROFETA E O DR. TEÓLOGO-AUTO-SUFICIENTE

Numa próxima encruzilhada cruzaram com dois homens que pareciam discutir. Valente perguntou quem eram e o que faziam discutindo. Um respondeu:

– Sou o Sr. Falso-Profeta. Este é o Dr. Teólogo-Auto-Suficiente. Estamos apenas discutindo alguns processos de administração de nossas cidades.

O Sr. Falso-Profeta era prefeito de um vilarejo chamado Emocionalismo. Era duramente criticado pelo Dr. Teólogo-Auto-Suficiente, que por sua vez almejava o cargo do rival.

O Dr. Teólogo-Auto-Suficiente, porém tinha uma má fama. Dizia-se a respeito dele que invalidava muitos textos de seu livro sagrado. Seus pensamentos e filosofias queriam falar mais alto que as próprias escrituras.

O Sr. Falso-Profeta também era duramente criticado. Provinha da Família dos Tolos. Se o outro era auto-suficiente de mais, este não sabia expor e nem apresentar convicção alguma. Durante toda a sua administração nada foi construído na cidade, nada foi mudado, nada foi evoluído ou aprimorado. Era um bom humorista. Muitos gostavam do seu irreverente humor e principalmente do teatro que algumas vezes encenava. Isto o mantinha no cargo.

– Amigos, vocês parecem tão dispostos a defender suas convicções, mas se são tão devotos à causa, por que se estagnaram deixando de seguirem a jornada? Por que não deixam de discutirem por uma posição frívola, e se entregam à verdadeira jornada da fé? – Prudente fala.

Os homens olharam torto para o soldado, como quem tivesse sido insultado. Então falou o Sr. Falso-Profeta:

– Por acaso, quem é você para nos ensinar o que devemos fazer?

– Só sei que a frívola ambição de vocês os levou a abandonarem a verdadeira carreira da fé, pois deixaram de obedecer às ordens do Senhor. – responde o soldado.

– Deixamos de obedecer! – ironiza o Dr. Teólogo-Auto-Suficiente. – Te mostro trezentos e cinquenta teses de que são os seus argumentos de sofrer neste caminho que estão errados.

– O que me parece é que este lugar congelou a mente e o coração de vocês! – Prudente diz.

– Você é quem deveria ouvir mais opiniões e ser menos arrogante!

A conversa não iria dar em nada. Valente percebendo a perda de tempo puxou o amigo pelo braço para que parasse de dar atenção aos dois. Enquanto se afastavam ouviam insultos, mas logo se distanciaram.

À frente estava uma grande cidade que logo atravessariam, a Cidade Dos Crentes Carnais. Dizia-se a respeito desta cidade que era a que tinha os piores moradores da região. Estes sim pareciam muito suspeitos e perigosos. Mas Valente e o amigo haviam combinado de não dar atenção aos moradores, pois mais uma discussão só iria atrasar mais a jornada. Logo, atravessaram aquela grande cidade sem enfrentar dificuldades.

Outras cidades estavam no caminho. Uma a uma foram atravessando sem grandes dificuldades. Isso porque estavam resolutos a não se iludirem com proposta nenhuma. Veja que o que mais lhes aparecia nessa travessia eram propostas de várias naturezas! Porém as desprezavam todas, alegavam estar ocupados com a jornada e que por isso não podiam parar.

Um pouco à frente encontrariam uma montanha que prendiam as baixas temperaturas aquém do paredão. Entraram por um longo túnel. Quando saíram contemplaram uma linda campina verdejante. A temperatura começava a subir, já não era tão fria.

Pouco a pouco o clima esquentava enquanto caminhavam.

## TERRA DA RECONCILIAÇÃO

Do outro lado da montanha não havia neve, nem rios congelados, nem avalanches e nem gelo cobrindo o chão. Estavam a salvo do perigo. Agora gozavam de uma profunda paz. Sabiam que haviam atravessado um perigoso lugar. Muito se alegravam por isto. Assim se referiam ao feito:

– Amigo, vencemos uma dura fase do caminho! – Pudente diz alegremente. – Logo chegaremos ao nosso destino.

– Creio que estamos muito perto, sim! – Valente concorda.– Veja como é belo este campo! Só podemos estar perto!

– Não sei se a beleza deste campo anuncia a aproximação do lugar, mas creio que as maiores provações já ficaram para trás. Ainda que tenhamos outras lutas, acho que nada mais nos impedirá de chegar ao destino!

– Espero que esteja certo! Porém, é bom ficarmos atentos. Ainda estamos no caminho.

– Tem toda razão amigo! Vencemos apenas mais uma etapa, e ainda há um pedaço a ser caminhado.

– Basta sermos fiel até o fim. Não importa o que virá! Nossa fidelidade nos guardará durante toda a jornada que ainda resta.

## A PERSEGUIÇÃO

De repente, percebem o chão tremer. As pedrinhas começaram a pipocar. Seus pés podiam sentir o tremor. Olharam para trás e viram uma fumaça de poeira que se levantava. Alguém gritou:

– Corram! Vamos! Corram logo.

Os soldados não sabendo do que se tratava saíram em disparada. O homem que gritava, correu para um sino de bronze e deu o alerta.

Próximo havia a Terra da Reconciliação. Quando ouviam o sino todos sabiam do que se tratava. Era uma carruagem enviada diretamente do Inferno para tentar deter os soldados. Era uma tentativa desesperada de frear a saga dos dois, já que de tão distantes que estavam, poucos inimigos restavam.

A carruagem parecia inflamada com fogo. Os cavalos velocíssimos fungavam fumaça pelas narinas e salivavam enxofre. Seus quatro cavalos chamam-se Sheol, Hades, Geena e Tartaroo. Tinham uma aparência assustadora e horripilante.

O cocheiro era Abadom. Supremo comandante das hostes infernais. E a carruagem trazia muita destas hostes.

O desespero de Abadom tinha motivo, os soldados se aproximavam da Terra da Reconciliação. Lugar bem guardado e vigiado, onde dificilmente conseguia penetrar.

Enquanto corriam, os vigias da cidade se posicionavam para ajudar os soldados. Surgem correndo desesperadamente. Atrás uma imensa fumaça de poeira anunciava que a carruagem se aproximava.

Os vigias apontam seus arcos disparando flechas em direção à carruagem. Se isto não servia para deter os cavalos pelo menos os atravava.

Do lado de dentro dos portões muitos incentivavam a corrida dos dois. Não paravam de gritar para que corressem mais rápido. Os arqueiros não paravam de disparar flechas. Os portões da cidade estavam abertos para que os soldados entrassem. Logo alcançam os portões. Assim que atravessam imediatamente os guardiões o fecharam.

A carruagem que os perseguia de tão rápida que estava não teve como frear, acabou se chocando com o portão, mas não podia passar dali adiante. A cidade era fortemente guardada.

Porém, Abadom insistia para que abrissem os portões. Os guardiões que se chamavam Fé-Que-Vence-O-Mundo e Amor-Verdadeiro, menosprezavam a criatura dizendo que voltasse.

Nessa altura os soldados já estavam a salvos. Bastante assustados é claro! Valente não se lembrava de alguma vez na vida ter corrido tão rápido.

Dos limites dos portões em diante, os inimigos não entravam. A cidade era fortemente protegida. A menos que encontrassem uma brecha não havia outra forma de penetrar.

## SR. ALIANÇA-COM-DEUS

Passado o susto, foram conduzidos a uma casa no centro da cidade. Ali morava o Sr. Aliança-Com-Deus.

– Entrem bons soldados! – disse o homem. – Fiquem à vontade em minha casa.

– Somos gratos pela hospitalidade. – Prudente diz.

– Fui informado de que Abadom quase os alcançou. Imagino que devem ter passado um grande susto!

– Nem me diga! – Valente desabafa. – Achei que não conseguiríamos escapar. A aparência de sua carruagem e de seus cavalos era horripilante. Quem é esse tal de Abadom?

– Este é o inimigo das vossas almas. O príncipe deste mundo. Aquele que governa tudo e engana as nações.

– Ufa! Ainda bem que aqui dentro ele não pode entrar! – Prudente diz.

– É melhor ser vigilante do que ostentar tanta segurança! – o homem diz. – “O vosso adversário anda ao derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (1º Pd 5.8). Ele pode não ter acesso aqui, mas saiba que neste momento ele está lá fora, ao derredor, esperando por uma oportunidade de tragar alguém.

– Nem me diga isto! – Prudente diz.

– Mas não se preocupe amigo, a cidade está bem protegida.

– Aqui dentro estamos totalmente seguros? – Valente pergunta.

– Totalmente seguros só estarão em um lugar, quando chegarem à tão sonhada Canaã-Celeste. Aqui estão bem protegidos, mas ainda não terminaram a jornada, portanto, vigiai.

– Alguém já foi capturado aqui dentro? – Prudente pergunta.

– Sim! Há algum tempo um inimigo chamado Tentação conseguiu uma brecha no muro e amordaçou um soldado que andava desprevenido

na calada da noite. Lamentamos muito a perda. O soldado, porém, teve sua parte da culpa. Não cumpriu a orientação de se abrigar durante a noite. Mesmo assim ficamos muito tristes, pois já havia caminhado muito, para no fim cair em desventura.

A noite é o momento preferido dos inimigos atuarem. É quando mais facilmente conseguem se ocultar dos vigias. Por isso, durante a noite, não devem sair. Nunca se sabe o que se esconde na escuridão.

– Por que Abadom veio pessoalmente atrás de nós, será que somos tão importantes assim? Não teria outro vassalo para enviar? – Valente pergunta.

– É porque já foram longe demais! A maioria fica pelo caminho, acabam caindo em uma de suas ciladas, ou então são escravizados por algum de seus vassalos, ou simplesmente se cansam e tomam algum atalho ou voltam. Mas os que chegam aqui não alcançaram a façanha pela sorte. São nobres e valorosos! Portanto, Abadom sabe que se nenhum vassalo conseguiu detê-los dificilmente conseguirão agora. Ele espera que os soldados congelem e morram na Terra da Frieza Espiritual. De ter os soldados pelo esfriamento foi de fato uma de suas mais ilustres maquinações, e lamentavelmente têm dado muito certo. Muitos acabam se esfriando e acomodando por ali após um longo caminho percorrido, quando restava tão pouco. Isto é profundamente lamentável! Foi exatamente por este motivo, que o Senhor ordenou para que tomássemos conta desta região. A Terra da Reconciliação tem servido de socorro e abrigo para aqueles que se arriscam a deixar a Terra da Frieza Espiritual.

– Nós não nos acomodamos em nenhuma das cidades desta região. – Prudente diz.

– Sim, soldado. Por isso sabemos que são valorosos e também Abadom o sabe. Sejam apenas vigilantes, pois ainda não alcançaram o destino. Porém, muitos dos que se despertam daquela região mórbida e fogem pra cá, necessitam de cuidados. Aqui temos o hospital Gileade (Jr 8.22) para os feridos. A casa do oleiro (Jr 18.22) para os quebrantados. A cidade Refúgio (Nm 35.6) para os perdidos. A caverna de Adulão (1ºSm 22.1,2) para os desesperançados.

– São muitos os que se despertam e fogem pra cá? – Prudente pergunta.

– Não tantos quanto gostaríamos! Há muitos enganadores lá persuadindo o povo a se acomodarem, este é o nosso maior problema, os enganadores!

– Entendemos o que quer dizer, pois muitos tentaram nos persuadir a deixar o caminho. – Valente diz.

A conversa foi se prolongando até ao anoitecer. Já era tarde, estava na hora de descansarem para o dia seguinte. Então são levados aos aposentos.

Enquanto isto, do lado de fora, Abadom não se cansava de rodear os muros. Observava cada movimento suspeito, na expectativa da encontrar algum soldado vacilando.

## A VALA

Assim que o dia amanheceu, os pés na estrada diziam que estavam prontos novamente para retomar a jornada. O Sr. Aliança-Com-Deus lhes deu muito incentivo e também algumas advertências. Por fim, se despede dos soldados com palavras animadoras, dizendo que já estavam bem próximos do destino. Os soldados muito se alegraram ouvindo isto.

Ainda na Terra da Reconciliação encontrariam outro obstáculo. Não demora muito e o encontram.

Caminhavam tranquilamente quando se deparam com uma vala que cortava o caminho. Não dava para pular, seus passos por mais longos que fossem de forma alguma alcançaria o outro lado. Talvez desviar-se poderia dar certo, mas olhando para a direita não viam seu fim e nem tão pouco para o lado oposto.

Ao curvarem para ver a profundidade da vala, se surpreendem com gritos bem distantes de pedido de socorro.

Na profundidade da vala de onde vinham os gritos havia chamas de fogo, uma fumaça constante, e um odor insuportável de enxofre. Seja lá de quem fosse os gritos, de uma coisa sabiam, nada podiam fazer para ajudá-los e nem tão pouco descer lá. Até que ouvem alguém dizer:

– Precisam de ajuda?

Um velho era quem oferecia ajuda. Valente pergunta pelo seu nome, que assim responde:

– Sou o Sr. Salvação.  
– Como pode nos ajudar? – Prudente pergunta.  
– Precisam atravessar para o outro lado, certo?  
– Sim, mas veja esta vala, olha a profundidade dela! Tem fogo lá no fundo! E parece que tem vozes lá no fundo gritando por socorro! – Prudente diz.

– É amigo... Esta vala é um destino cruel para muitos. Os gritos que ouvirem são reais. São de pessoas que clamam dia e noite por ajuda e gritarão por toda a eternidade.

– E não há como ajudá-los? – Valente pergunta.

– Nada mais pode ser feito a estes! Tiveram sua chance e a menosprezaram. Preferiram viver a vida segundo seu próprio entendimento, a curvar os ouvidos à voz do grande Rei. Mas para vocês que têm se demonstrado fiéis em toda a jornada, uma solução já foi preparada. Venham à minha propriedade que lhes mostrarei.

Seguiram o homem até a sua propriedade. Chegando, vislumbraram um jardim. Havia vários objetos parecidos espalhados pelo jardim. Era chamado de cruz. Algumas de tão velhas estavam meio enterradas, outras já apodrecidas, e outras aguardavam à espera de seus donos.

– O que isto significa? – Valente pergunta.

– Assim disse o Senhor, soldados: “aquele que não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de Mim” (Mt 10.38). Entendem o que isto significa?

– Acho que devemos tomar nossa cruz e seguir em frente! – Prudente fala.

– Exatamente! Estão vendo estas cruzes velhas, danificadas e até enterradas pelo tempo?

– Sim! – Responde Valente.

– Cada uma teve o seu dono, que a desprezou! Daí o motivo dos gritos desesperados na profundidade da vala.

– Creio que estou entendendo. – Prudente fala. – A cruz é a ponte que pode conduzir para o outro lado e nos impedir de cair na vala?

– Isto mesmo soldado! Cada um de vocês possui uma cruz também. Seu nome está gravado nela. Basta procurar pelo jardim. Porém, a cruz exige um preço a ser pago!

– Que preço? – Pergunta Valente.

– Renúncia, este é o valor. Devem pagar uma preciosa Renúncia.

Então os soldados pagaram cada um o seu devido preço. Logo ambos encontraram a cruz com seu nome gravado.

– Bons soldados, agora o outro lado vos aguarda! Sigam em frente que logo serão recebidos pelo próprio Rei em seu castelo. – O Sr.

Salvação diz.

– É uma alegria imensa saber que estamos perto, pois muito sofremos e padecemos durante esta jornada. – Valente diz.

– Apenas sigam e no final serão recompensados.

Carregando cada um a sua cruz, chegaram diante da vala e a lançam sobre a mesma, fazendo-a de ponte. Assim atravessam aquele abismo. Penalizaram-se pelo clamor dos aflitos em sua profundidade, mas nada podiam fazer. Agora teriam que pagar um preço eterno pelo menosprezo pela cruz.

Dando continuidade à jornada, logo chegaram numa floresta. O lugar era bastante silencioso. Conforme caminhavam foram acometidos por uma sonolência estranha. Logo Prudente se prostrou ao chão totalmente adormecido. Em seguida foi a vez de Valente.

## 15 O LAGO

Estranho! Muito estranho raciocinou Valente ao despertar de seu sono. Na verdade, estava sonolento e ainda caído ao chão. Lentamente tentava se levantar, mais uma forte tontura o impedia. Conseguiu sentar-se. Olhou para os lados e nada viu, a não ser uma floresta de altas árvores e nuvens carregadas, parecia que ia chover.

Sentiu a falta do amigo. Desesperadamente se levanta à sua procura! Gritou por seu nome, mas não houve resposta. O que estava acontecendo? Era a sua interrogação.

Imaginou que talvez um inimigo o tivesse capturado. Procurou também se havia galo em sua cabeça, talvez um inimigo o tivesse golpeado e esta seria a explicação para ter apagado de tal forma, mas não havia nenhum sinal de golpe.

Resolveu seguir em frente. Andou apenas alguns passos e parou. Um lago estava no seu caminho. A princípio pensou que era um imenso espelho. A água não surtia movimento e refletia detalhadamente a imagem de quem a olhasse.

Olhou adiante e viu na outra margem a continuação do caminho. Então deveria atravessar o lago.

### O PREDADOR

Colocou a ponta dos dedos para ver se estava fria. A água cristalina formou fileiras de pequenas ondas. Adentrou o lago e começou a atravessá-lo. Logo aquelas pequenas ondas tomaram direção inversa e se avolumaram. Seu coração disparou, pois foi nesse momento que se lembrou de um sonho que havia tido ainda no início da jornada, onde um monstro tentava afogá-lo num lago.

Percebeu um movimento brusco que vinha de dentro do lago. Perguntou quem estava ali. Desembainhou sua espada, quando abruptamente é tragado para baixo. Tenta lutar, mas embaixo d'água não enxergava

ao certo o que era. A habilidade que tinha com a espada não era a mesma, já que o próprio volume de água o impedia de ser ágil.

Lutou com o monstro até conseguir se desprender. Rapidamente nadou para cima, já estava ficando sem ar. Deparou-se com uma placa transparente que o prendia dentro daquele lago; talvez fosse de gelo, vidro, ou o próprio espelho como parecia o lago.

Novamente o monstro tragou o soldado para baixo. Enquanto o travava se distraiu por um momento com um objeto que achara com o soldado, uma moeda, sua última preciosa Renúncia. Aproveitando da momentânea distração do monstro tentou voltar à tona, mas a placa transparente o prendia lá, condenando-o drasticamente à morte.

Foi quando ouviu a mesma voz do sonho e a mesma frase dizendo: – “dá-me filho meu o teu coração e os teus olhos observem os meus caminhos” (Pv 23. 26). Estendeu sua mão ao lago e resgatou-o. Era o Sr. Palavra-De-Deus que o salvara.

Assustado, joga-se ao chão vomitando a água que engolira. Por um instante ficou olhando o Sr. Palavra-De-Deus sem nada dizer. Até que recupera as forças e diz:

– Então não era um sonho!

– Te parecia um sonho em seu primeiro encontro com ele?

– Parecia bem real.

– Agora sabe que é real!

– Quem é ele? Que monstro tão poderoso é este? Quer dizer, monstro covarde, pois se me afrontasse em terra firme já o teria decepado.

– Se chama Predador. Se é covarde ou não eu não sei dizer, mas sei que ele nunca sai do lago. Logicamente isto lhe dá muita vantagem, pois é o seu habitat. Ele também é o seu pior inimigo.

– Meu pior inimigo? Mas por quê? O que fiz pra ele?

– Talvez a pergunta correta não seja o que você fez para ele e sim o que ele faz pra você!

– Não estou entendendo!

– Bem soldado, compreender este inimigo não é fácil, mas você terá que voltar ao lago.

– De maneira nenhuma! Quase me matou! Mostre-me um jeito de atravessar sem entrar nele!

– Ainda que te mostrasse um atalho para desviar do lago, o Predador te roubou algo precioso!

– O quê?

– Sua última Renúncia. Está em poder dele no fundo do lago. Sem este objeto precioso, não conseguirá chegar ao reino eterno, embora esteja bem perto.

– É verdade! Nem percebi quando roubou... Vejo que realmente não está mais comigo! – Valente se penaliza por ter permitido o monstro roubar-lhe algo de tão grande valor.

Após um breve momento se lamentando, olha para o Sr. Palavra-De-Deus e pergunta:

– Como faço para vencer o monstro?

– Observe!

– Mas, observar o quê?

– Olhe ao seu redor! Bem próximo há uma casinha.

– Estou vendo!

– Vá até lá! Bata na porta e peça auxílio.

– Irei imediatamente!

Então foi procurar pelo possível auxílio que encontraria naquela casa.

## O SR AUTO-COMPREENSÃO

Chegando à casa bateu na porta. Um velho veio lhe atender. Perguntou o que desejava. Valente expôs sua angústia. O homem pediu para que entrasse e aguardasse.

Sentou-se numa cadeira e viu as horas passar. Uma, duas... E o velho parecia ter sumido.

Sentiu-se desprezado. Encheu-se de coragem então e resolveu enfrentar o monstro.

Rodeou o lago hostilizando-o para ver se teria coragem de enfrentá-lo em terra firme. O monstro nenhuma reação demonstrou. Insistiu em hostilizá-lo e também insultá-lo! O monstro jamais iria sair de seu habitat natural, se saísse morreria.

Viu um brilho dourado no fundo do lago subir rapidamente, rompe a barreira da água, sobe poucos metros e volta ao mesmo. Era a preciosa moeda com que o monstro estava brincando, como se estivesse desafiando o soldado a ir buscá-la.

Neste momento se encheu de fúria e lançou-se ao lago. Logo sentiu o agito das águas. Era o mover do Predador. Valente observava cada movimento da água com sua espada empunhada. Sabia que quando se aproximasse teria talvez uma única chance de cravar sua espada. Sua estratégia falha! Inesperadamente o monstro puxa uma de suas pernas.

Lá estavam de novo debaixo d'água! Então percebeu que enfrentá-lo não havia sido uma boa ideia. Tentou golpear o monstro, mas dentro d'água seus golpes não surtiam efeito. Tentou subir à tona e novamente parou na placa de vidro.

O monstro o agarrou e o arremessou então contra a placa. Suas espinhas estralam. De novo o arremessa contra a placa. Desta vez fica inconsciente.

Quando abriu os olhos, já era noite. Não estava mais no lago e para surpresa sua, estava vivo. Tentando entender o que havia acontecido, ouve alguém falar:

– Apenas descanse, amanhã falaremos. Então descansou até que chegasse o novo dia.

No dia seguinte, assim que desperta percebe estar na casa do Sr. Auto-Compreensão. Estava meio confuso, assustado, precisava de uma orientação sábia. Sem perder tempo foi procurar o velho. Sabia que tinha algo para lhe ensinar.

O encontrou sentado numa sala em sua escrivaninha. Vendo-o de pé, perguntou:

– Sente-se melhor, soldado?

– Acho que sim! O que aconteceu? Como sai daquele lago? Como não morri?

– Calma soldado! Uma pergunta de cada vez!

– Não entendo o que aconteceu! Lembro-me de estar preso imerso no lago e mais nada.

– Eu o trouxe.

– Então você me salvou?

– Eu disse que eu o trouxe, não que o salvei. Na verdade, o próprio monstro te lançou para fora.

– Como assim?

– Ele não pode te matar! Matando você ele morre também. Mas, matando ele, você vive! Entendeu?

– Só me deixou mais confuso. Como assim, se me matar ele morre e se o matar eu vivo?

– Com o tempo entenderá! Mas, que loucura foi aquela de ir enfrentá-lo ontem? Não veio procurar meu auxílio? Por que se foi?

– Fiquei horas esperando por você, mas parecia ter sumido.

– Apenas te deixei sozinho para que se esvaziasse dos temores que te assombram. Não há lugar para a sabedoria numa mente perturbada. Minhas palavras seriam em vão!

– Realmente! Foi uma tolice enfrentá-lo.

– Há duas coisas que tenho para falar! Primeiro: esvazie sua mente dos temores, eles te impedem de enxergar com os olhos do coração. Segundo: pegue este banquinho.

– Um banquinho! Para quê? – Valente se surpreende com o banquinho que recebeu.

– Vá ao lago! Sente-se por lá e observe seu oponente. Veja o que consegue descobrir a respeito dele. Então venha e me diga.

– Achei que o conhecia o bastante para me instruir!

– Oh não... Não o conheço! Ele é seu inimigo e não meu. Apenas siga as instruções!

– Está bem, vou seguir as instruções. Antes tenho mais uma pergunta.

– Pode fazer!

– É sobre o meu companheiro de jornada, o soldado Prudente. Faz tempo que não o vejo. Nem sei onde está e nem o que aconteceu com ele.

– Não se preocupe, ele está bem! Não está com você porque este inimigo é seu oponente e não dele. Agora vá e observe seu rival.

Então foi observar o lago. Sentou no banquinho e deixou as horas passarem.

Durante o dia todo não houve nenhum movimento suspeito. Olhando para o lago tudo o que via era um imenso espelho. Não conseguiu extrair informação nenhuma. Retornou então à casa do velho.

O Sr. Auto-Compreensão teve uma breve conversa com o soldado. Vendo que não havia extraído nenhuma informação, mandou ir dormir e descansar.

No dia seguinte agiu de forma inversa, esperou o dia inteiro passar, quando o sol já estava se escondendo, mandou o soldado ir observar o lago. Pediu para que ficasse atento a qualquer detalhe que percebesse.

Passada a noite, bem de manhãzinha, corre para despertar o Sr. Auto-Compreensão. Chegando à sua porta viu que já estava acordado.

– Viu alguma coisa? – o velho pergunta.

– Vi sim!

– Então conte soldado! Conte tudo o que viu!

– Durante a noite algumas criaturas, se não me engane eram três, vieram alimentar o Predador. Jogavam algo no lago que não deu para ver o que era, mas pelo movimento das águas dava para perceber que o monstro se alimentava.

Realmente eram três as criaturas que fortaleciam o monstro, conhecidas como Concupiscência-Da-Carne, Concupiscência-Dos-Olhos e Soberba-Da-Vida (1º Jo2.16). Iam todas as noites alimentar o monstro. O alimento oferecido era toda sorte de imoralidades e imundícias possíveis. Buscavam numa região chamada Lixo da Alma.

– O que mais viu? – perguntou o sábio.

– Estava escuro, não dava pra ver muito! Mas acho que foi apenas isso.

– Isto é bom!

– Mas por que é bom?

– Sabemos que o monstro tem uma fraqueza! Precisa se alimentar, certo? Significa que se não se alimentar inevitavelmente irá enfraquecer.

– Exatamente! Podemos enfraquecê-lo!

– Isto! Enfraquecê-lo pode ser uma boa estratégia. Temos que impedir as criaturas de trazerem alimento para o monstro. Acha que pode fazer isto?

– Acho que sim!

- E de que forma pensa em fazê-lo?
- Bem, a desvantagem é grande quando se luta debaixo d'água com um monstro desconhecido, mas em terra firme não vejo problema de enfrentar estas criaturas. Já lutei com vários oponentes ao mesmo tempo.
- Se quer enfrentá-los, faça-o! Talvez consiga derrotá-los.
- É isso que vou fazer.

## O CONFRONTO COM AS CRIATURAS

Esperou a noite se aproximar. Estava determinado a enfrentar as criaturas. Se enfraquecer o monstro era a melhor ou única forma de vencê-lo, afastar os que o alimentava obviamente seria a melhor estratégia.

A noite chega. Espera com paciência o surgimento das criaturas. As horas foram-se avançando e nada de aparecerem. Até que em certo momento na calada da noite elas surgem! Traziam baldes de alimentos logrados na região Lixo da Alma. Antes que despejassem os baldes no lago, impetuoso, Valente se interpôs entre eles.

Com a espada nas mãos ameaçava as criaturas. Dizia em voz ríspida para que fugissem e não voltassem mais, senão as mataria. As criaturas então se lançam sobre o soldado.

Travaram um duelo de três contra um. Valente era muito ágil, sabia atacar e se defender ao mesmo tempo, mas eram três! Além de serem três, eram poderosos, fato que o soldado desconhecia.

Logo conseguiram desarmar o soldado. Deram-lhe uma grande surra. O deixaram atordoado e foram embora.

No relento da noite adormeceu, pois não tinha forças para se levantar. Quando despertou, estava novamente na propriedade do sábio.

Quando restaurado da surra que levava, o indagou por que havia sido derrotado tão facilmente. Assim responde:

– Talvez porque desconhecesse o poderio dos três! Fossem criaturas fracas obviamente as teria vencido, mas não é o que aparenta. – diz o sábio.

– O que devo fazer então? Pois tudo que intento fazer acabo me frustrando. Preciso de uma resposta certa.

– Eu tenho a resposta! Mas terá que obedecer fielmente minha orientação.

– Diga então! Claro que obedecerei!

– Se não pode vencer o mostro e nem as criaturas, separe-os! Coloque limites entre ambos; “ergue para ti marcos” (Jr 31.21).

– Isto mesmo! Criar uma cerca! Mas como posso fazer isso? Será que as criaturas não derrubarão a mesma?

– Bem, há uma antiga lenda que diz que estas criaturas não suportam o poder da cruz. Então, comece a cerca pela sua cruz. Onde está a sua cruz?

– Acho que deixei pelo caminho.

– Vá buscá-la! Não deve estar longe, pois a vala que atravessou com sua cruz fica bem próxima. Inicie sua cerca com a mesma, o que manterá as criaturas afastadas.

Foi procurar sua cruz que havia deixado junto ao caminho. Pegou-a, e com ela iniciou sua construção. Fincou bem diante do lago.

Com um machado, cortou vários troncos numa floresta próxima. Não fora um trabalho fácil e nem rápido. Levou vários dias para que conseguisse cortar madeira suficiente para criar a cerca.

Assim que a madeira já estava toda cortada, deu início a construção da sua cerca. O sábio também lhe ajudou a fincar cada poste. Um a um foram fechando o cerco, até que o lago foi totalmente fechado.

## O MONSTRO ENFRAQUECE

Desta forma, as criaturas que alimentavam o monstro não tinham como se aproximar do lago. Se fosse apenas a cerca, elas conseguiriam derrubar, mas a lenda de que eram enfraquecidas pelo poder da cruz parecia verdade.

Seguindo a orientação, valente apenas aguardava pacientemente o enfraquecimento do monstro.

Com o passar dos dias, estrondos constantes passaram a ser ouvido do lago. Era o estômago do monstro que já há muito não se alimentava.

Rugidos começam a ser ouvido também. A aflição do monstro passa a ser tamanha, que mal conseguiam dormir devido ao barulho que fazia.

Os dias foram passando e sua aflição só aumentando. Já ecoava barulhos perturbadores. Soluçava constantemente de tanta fome. Debatia-se às vezes. Aos poucos suas forças iam cedendo.

Valente pergunta ao sábio se já podia enfrentá-lo, parecia bastante enfraquecido, mas o sábio disse que ainda não era hora. O momento certo chegaria e ele saberia.

O momento estava próximo. O bicho estava à beira da morte. Passara-se muito tempo desde que se alimentara pela última vez. Até que cessou seus bramidos. Uma de suas mãos estava visível fora do lago, como que numa última tentativa resolvera deixar o mesmo em busca de alimento, mas não tinha forças.

É quando o sábio diz ao soldado que o momento certo havia chegado. Então foi enfrentar o seu inimigo.

– Boa sorte! – deseja o sábio. – Crave sua espada no peito do monstro.

– Farei isto sim!

A hora é chegada. Valente novamente coloca seus pés naquela água medonha. Embora soubesse que seu inimigo estava enfraquecido, o medo pelas últimas vezes que o enfrentara era constante.

Olhou e viu o braço o monstro estendido junto à margem. Assim que percebeu a aproximação do soldado, reanimou um restante de forças que insistia em mantê-lo vivo, e foi ao encontro.

Valente se apavora, pois viu que o monstro ainda vivia. Logo se lançaram um ao outro. O monstro tentou dar-lhe um sopapo, mas conseguiu segurar seu braço, empurrando-o para trás. Não parecia tão poderoso como das outras vezes!

A luta continuou. As águas se agitavam enquanto duelavam. Mas o monstro realmente parecia extremamente enfraquecido. O soldado então o lançava de um lado para o outro.

O sábio não estava gostando do combate e gritou para o soldado dizendo:

– Crava logo sua espada nele!

Foi quando o viu vindo ferozmente em sua direção. Então, com as duas mãos empunhando a espada a ergueu e a cravou em seu peito assim que se aproximou.

Um grito apavorante foi ouvido. O bicho começou a se estremecer. Outro barulho altíssimo surgiu! Não assimilou que ruído era aquele. Tentou sair às pressas do lago, mas não conseguiu.

Algo extremamente estranho estava acontecendo. As águas estavam se endurecendo. Estalos assustadores tomam conta do ambiente. Valente se assusta! Não fazia ideia do que estava acontecendo.

Até que aquele lago rachou inteiramente em várias partes. Foi quando viu que não era um lago e sim um imenso espelho como outrora supunha.

Dentro de uma das rachaduras estava Valente. Olhou e viu em outra rachadura apenas os pés do predador, o seu inimigo.

De vagar, foi se aproximando. Estava com medo, com muito medo, mas foi se aproximando. Aos poucos foi conhecendo a aparência do monstro. Ainda não o conhecia, pois na água não o enxergava. Até que contemplou o seu maior inimigo.

Estava lá o predador estendido no chão com a espada cravada em seu peito, mas seu rosto não dava para ver. Usava algo parecido com uma máscara.

Um brilho dourado fluía da mão do monstro que estava aberta, como quem estivesse entregando algo reconhecendo sua derrota. Era a sua última Renúncia a qual o monstro havia lhe tomado. Devagarzinho, curva-se e a pega de volta.

Pegou sua espada também. Enquanto desencravava o observava minuciosamente. A curiosidade o aticava a descobrir sua face, que a máscara cobria. Com bastante medo aproxima-se da cabeça, e com a ponta da espada, foi levantando vagarosamente a máscara.

Que susto! Sua espada cai ao chão, e ele mesmo é arremessado três metros para trás. Suas pernas estavam bambas! Estava atônito! O rosto do seu pior inimigo era o seu próprio rosto. Seu pior inimigo era ele mesmo.

Ficou alguns minutos calado diante da cena, sem reação alguma. Até que assenta encostado numa parede de vidro. Fica mais algum tempo

observando a cena. Então deixa o buraco pelo lado oposto e contempla o imenso espelho quebrado.

– Parece um tanto atônito? – pergunta o sábio.

– Oh Sim! Estou confuso! O monstro tinha o meu rosto!

– Para que entenda melhor, veja o que diz em meu livro este texto das sagradas escrituras: “depois que me converti tive arrependimento; e depois que me conheci, bati na minha coxa, fiquei confuso, envergonhei-me” (Jr 31.19).

– O que isto quer dizer?

– Até aqui você havia se convertido e tido arrependimento, mas isso nem sempre é o suficiente, pois o maior inimigo do homem é ele mesmo. O mesmo homem que ora decide abraçar a carreira da fé, mais tarde decide abandonar, mas quando nos conhecemos de verdade, ficamos confusos e envergonhamos do que realmente somos. É quando morre nosso maior inimigo.

– Quer dizer que em todo o tempo meu maior inimigo era eu mesmo!

– Agora já não te resta mais inimigo! Pode seguir em frente. Veja o caminho adiante, siga-o! Já está perto dos portões celestiais.

Então continuou sua jornada ainda em êxtase.

## OS PORTÕES CELESTIAIS

Mal começara a caminhar novamente e vislumbrou um cavaleiro à sua espera. Seu nome era Honra. Montava seu nobre cavalo chamado Recompensa. Assim que se aproxima diz:

– Ainda resta uma última Renúncia a ser paga.

– Ah sim! – diz Valente. – Está aqui. Pode pegá-la.

– Obrigado soldado! Esta última moeda é cobrada estando tão próximo do destino, porque assim diz o Senhor: “Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2. 10). É necessário ser fiel até ao último instante de vida. Agora vamos, pois sua coroa te aguarda.

Então o cavaleiro conduziu o soldado por uma estrada desconhecida, muito estranha e que nada lembrava as dificuldades encontradas no caminho. A estrada chamava Eternidade.

Logo avistou um brilho reluzente e intenso. Foi deixado na frente de um castelo todo dourado. Admirou a grandeza do lugar por alguns instantes, até que caminhou em direção aos portões celestiais.

Para mais um instante em frente à porta, como quem não estivesse acreditando, até que bate na mesma. Um anjo vem recepcioná-lo. Antes de abrir a porta pergunta pelo seu nome. Averigua minuciosamente e constata seu nome no “livro da vida” (Ap 20.12). Então lhe abre os portões celestiais para adentrá-los. Também disse: “vinde benditos de meu pai, possuí por herança o reino que está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25.34).

Assim que atravessou os portões, o brilho do outro lado era tão intenso e ofuscante que não há como relatar o que havia do outro lado. Assim que o anjo fechou os portões, o soldado nunca mais foi visto.

Nessa altura, o amigo Prudente já havia chegado também. O corajoso soldado Intrepidez também já havia atravessado os mesmos portões. O soldado Franco ainda não havia chegado, mas havia se arrependido de sua falha e já se aproximava também. Muitos soldados se aproximavam, mas outros muitos desistiam durante o caminho devido às dificuldades que sofriam. Enquanto isso, outros estavam apenas iniciando sua jornada.

[www.garciaedizioni.com.br](http://www.garciaedizioni.com.br)

Josué Semeone

# O soldado

TELE-VENDAS

(32) 3231 5728

[info@garciaedizioni.com.br](mailto:info@garciaedizioni.com.br)

Ou visite nosso site:

GARCIA  edizioni